



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA
ÁREA: TELEVISÃO

LUZ – CAPITAL
O SURGIMENTO DA TELEVISÃO EM BRASÍLIA CONTADA A PARTIR DOS
SUJEITOS DA AÇÃO: UMA HISTÓRIA ORAL QUE MORRE DIARIAMENTE

PATRÍCIA LEITE DE LIMA
RA 20562248

PROFESSOR ORIENTADOR:
LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

Brasília/DF, junho de 2009

PATRÍCIA LEITE DE LIMA

LUZ – CAPITAL

**O SURGIMENTO DA TELEVISÃO EM BRASÍLIA CONTADA A PARTIR DOS
SUJEITOS DA AÇÃO: UMA HISTÓRIA ORAL QUE MORRE DIARIAMENTE**

Monografia apresentada à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo, no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Professor orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Brasília/DF, junho de 2009

PATRÍCIA LEITE DE LIMA

LUZ – CAPITAL

**O SURGIMENTO DA TELEVISÃO EM BRASÍLIA CONTADA A PARTIR DOS
SUJEITOS DA AÇÃO: UMA HISTÓRIA ORAL QUE MORRE DIARIAMENTE**

Monografia apresentada à Faculdade de
Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas,
como requisito parcial para obtenção ao
grau de Bacharel em Comunicação Social,
com habilitação em jornalismo, no Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

Banca Examinadora

Prof. Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Profª. Drª. Cláudia Maria Busato
Examinador

Prof. Dr. Paulo Paniago
Examinador

Brasília/DF, junho de 2009

Dedicatória

Carinhosamente,

*Ao meu pai e jornalista, Ivo Borges de Lima, de quem herdei o amor pela profissão.
Às futuras gerações de comunicólogos, aqui corporificados pelos meus queridos
filhos: o jornalista Luiz Philipe Leite de Almeida e a graduanda em jornalismo Priscila
Leite de Almeida. A todos os pioneiros da comunicação de massa brasiliense,
simbolicamente representados, nesta pesquisa, pelos meus entrevistados.*

Agradecimentos

Aos meus filhos Luiz Philipe Leite de Almeida e Priscila Leite de Almeida. Primeiramente, por inverterem a ordem natural das coisas e silenciosamente terem me inscrito no vestibular para jornalismo e assim possibilitado a realização de um sonho acalentado há quase vinte e cinco anos. Em segundo, por terem compartilhado comigo novos conhecimentos e experiências acadêmicas.

Ao meu companheiro de todas as horas, Marcos Vinícius de Oliveira, pelo apoio, paciência, incentivo e, principalmente, por ter repartido cada momento de sufoco durante o percurso da minha profissionalização.

A toda minha família, por ter me apoiado irrestritamente e aberto mão, em prol da minha conclusão de curso, de tantos momentos que poderíamos ter passado juntos. Mas principalmente a minha irmã Valéria Leite de Lima, ao meu sogro Jarbas Lopes de Almeida, ao meu enteado Rodrigo Pessoa Cantarino de Oliveira e ao meu irmão Washington Luiz Borges de Lima, que me apoiaram financeira e emocionalmente todas as vezes que desacreditei ser possível.

Aos meus ex-estagiários, aos amigos e colegas de trabalho da extinta TVE, da extinta TV Manchete, da TVBB, da TV Brasil, e de todos os demais lugares onde trabalhei pelo companheirismo, paciência, conselhos, e acima de tudo, por terem sido co-responsáveis pela minha evolução profissional.

A Sandra Pereira Leite e família, e a Lícia Marques, por terem dividido cada momento dessa jornada e aberto seus acervos pessoais para me ajudar em mais uma empreitada de investigação jornalística.

A todos os meus colegas de faculdade, por terem compartilhado aulas, pesquisas e trabalhos, e por terem me apoiado incondicionalmente. Principalmente aos que considero como filhos e herdeiros do entusiasmo pela profissão, como é o caso de Suely Frota e Alexandre Penido. Amigos e companheiros com quem fui a festas, briguei, cantei, participei de greves e que por essas e outras razões passaram a fazer parte da minha família.

Ao coordenador do Curso de Comunicação Social, Manoel Henrique Tavares Moreira, e a todos os professores, pela acolhida. Principalmente, aos que transpuseram as portas da academia para me ensinar além dela, como foi o caso

dos(as) professores(as): Cláudia Busato, Déia Francischetti, Ida Böing Magalhães de Sousa e Paulo Paniago. A todos vocês, meu eterno carinho.

Aos meus entrevistados, porque sem eles este trabalho de resgate e reconstituição da história das primeiras televisões em Brasília não teria sido possível.

A todos os técnicos com os quais trabalhei, por tudo que fizeram por mim, mas em especial ao encarregado do Departamento de Audiovisual do UniCEUB, Jackson de Sena Silva, um dos entrevistados deste trabalho de pesquisa.

À equipe de profissionais do Arquivo Público do Distrito Federal, por ter me ajudado a descobrir verdadeiras relíquias, em meio a tanto material.

Por último, mas não menos importante, ao meu querido amigo, professor e orientador, Luiz Cláudio Ferreira, por ter embarcado na minha loucura e iluminado meu caminho com os seus incentivos, esclarecimentos, ideias e, sobretudo, pela paciência e atenção.

**“A História é feita pelo próprio povo que
ao fazê-la, nela se transforma”
(Karl Marx)**

**“O processo de biografar é um ato
iluminador e muitas vezes espiritual, em que
um ser humano faz ressuscitar outro da
poeira do passado”
(Tony Schwartz)**

RESUMO

A história da tevê brasiliense está quase toda restrita à oralidade. Há apenas uma meia dúzia de documentos formais, em geral, soterrados nos acervos particulares. Consequentemente, distantes dos olhos dos interessados em conhecer detalhes desse campo da comunicação social de massa. Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo trazer à luz a história das primeiras tevês em Brasília e esclarecer em que contexto político se deu a estreia das emissoras pioneiras. Trata-se também, por conseguinte, dos primeiros anos da história da capital federal, e de como se organizou a cidade. Sem bibliografia específica, este trabalho pretende documentar formalmente o surgimento da televisão brasiliense, no intuito de revitalizar o registro formal para que as futuras gerações de historiadores da imprensa, estudantes de jornalismo e demais interessados possam ter referências para consultas. O trabalho surge com o objetivo de iluminar caminhos, resgatar memórias e organizar informações sobre uma parcela dessa forma de comunicação de massa e, ainda, apontar suas funções sociais e adaptações ao longo do tempo. Pretende esclarecer quem foram os atores (profissionais) que participaram da estreia e da consolidação das primeiras tevês em Brasília e, ainda, resgatar a partir da oralidade: a programação, forma, peculiaridades, técnicas e equipamentos com que trabalharam esses pioneiros nas duas primeiras décadas de funcionamento, a contar da data de inauguração da capital federal, em 21 de abril de 1960. O conceito de Martin Heidegger sobre uma das categorias da hermenêutica – o “Círculo hermenêutico” foi utilizado como base teórica e metodológica.

Palavras-chave: “Televisão em Brasília”, TV, Tevê, “História da televisão”, TV em Brasília, “Luz Capital”, hermenêutica, “Círculo Hermenêutico”.

ABSTRACT

The history of Brazilian television is almost entirely restricted to orality. There are but a dozen formal documentaries out there, which are, in general, buried in private video collections. Consequently, far away from the eyes of those interested in getting to know the details to this field in mass communication. The objective of this research, therefore, is to shed light on the history of the first tv stations in Brasilia and establish the political context in which these pioneering networks started out. It will also deal with the first years of the Brazilian capital's history, and how the city became organized. With no specific bibliography available, this paper intends to formally document how television in Brasilia came to be, in order to rebuild the formal records so that future generations of press historians, communication students and other interested parties may have reference material with which to work. This text comes with the objective of setting a path for researchers to take, retrieving lost memories and compiling information on a fraction of this form of mass communication, and also pointing out its social functions and adaptations as time went by. It intends to make clear, as well, who were the players (professionals) that took part in the debut and consolidation of the first networks of Brasilia, and retrieve from orality: the schedules, forms, peculiarities, techniques and equipment with which these pioneers worked during the first two decades of broadcasting, starting from the capital's official date of inauguration, on April 21st, 1960. Martin Heidegger's concept of one of the categories in hermeneutics – the "hermeneutic circle" was used as theoretical and methodological basis.

Keywords: "Television in Brasilia", "television", "tv", "TV in Brasilia", "Capital Light", "Hermeneutics", "Hemeneutic Circle"

Sumário

1. Introdução – Acenda-se a luz desta estrada	11
1.1. Métodos, poeiras, olhar e ouvir.....	13
2. Primeira transmissão de TV no Brasil, um ato político	19
2.1. Nasce, em 1950, “o circo eletrônico” brasileiro.....	20
2.2. JK midiático transfere a capital sob holofotes.....	23
2.3. Antes da inauguração	25
2.4. Correspondente de “guerra”, o primeiro em Brasília.....	32
2.5. Caminho de “ponte aérea”	41
3. Cobertura da inauguração de Brasília	45
3.1. A rádio: pedra fundamental.....	47
3.2. A programação: fundamentalmente entretenimento.....	53
4. Brasília e os pioneiros da consolidação	54
4.1. A coragem de Heitor Andrade	54
4.2. Os segredos de Val Beauchamp	60
4.3. A Wainer que fez TV em Brasília.....	63
4.4. O gigante Ibiapina.....	67
4.5. O caminho de Edilma Neiva	78
5. A linha de produção	81
6. Meios técnicos.....	85
6.1. Cheiro de fumaça	95
7. Televisão: rádio com imagem.....	96
7.1. A audiência das primeiras décadas: A visão de quem assistia.....	96
8. Conclusão	102
9. Referências	106

1. Introdução – Acenda-se a luz desta estrada

Esta não é uma história de glamour ou de vastos holofotes sobre estrelas de televisão. É uma jornada de cavaleiros que rumaram para o oeste, desbravadores com roupas empoeiradas. A terra subiu aos microfones e lentes de câmeras, o que, em absoluto, não sujou seus ideais mais profundos. Era a necessidade de comunicar na nova capital do país, o deserto que se fez elevar. Para contar essa história, que sobrevive em memórias e em corações, foi preciso ouvir o que não está escrito em lugar algum.

De renomados e consagrados profissionais a ilustres desconhecidos, senhoras e senhores que relembram como foi que tudo começou e como as luzes se acenderam nos estúdios ou no meio da rua. A par de não estar escrito, esses personagens ouvidos relembram minúcias do que vivenciaram “ontem”. O caminho de uma estrada que nasce 50 anos antes do novo milênio e com faróis para frente. Ainda é hora, ou sempre é, de iluminar o início de uma estrada para entender o caminho, suas pedras e paisagens.

Este trabalho aborda a história da implantação das tevês em Brasília. Para isso, fez-se necessário mostrar as ações pioneiras ensejadas por profissionais de jornalismo a partir da década de 1950. Destaca-se o processo de inauguração e as primeiras transmissões da mídia televisiva na capital federal, durante os primeiros vinte anos de transmissões, a contar da data de inauguração da cidade, em 21 de abril de 1960.

Para tanto, fez-se imperativo tratar de quem, quando, e de que forma se consolidaram esses veículos de comunicação de massa. Com esse recorte inicial, a intenção foi mapear o processo de organização das primeiras emissoras de tevê na cidade como veículos de entretenimento e informação.

A invenção da tevê é resultado de inúmeras pesquisas científicas, e a chegada das primeiras emissoras a Brasília é uma continuidade natural de um processo mundial e nacional. Para esse trabalho, o recorte geográfico pretende resgatar, no intuito de transformar em documento formal de pesquisa, o que hoje só existe na oralidade. A história da televisão brasiliense.

Muito dessa história já se perdeu de forma irrecuperável. Em 21 de abril de 1960, Brasília foi inaugurada e com ela uma parcela indispensável da história da

imprensa televisiva da capital federal também surgiu. Mas assim como aconteceu no resto do país, a parte documental da implantação da tevê brasiliense foi igualmente desprezada. Com a mudança da capital do país – do Rio de Janeiro para Brasília –, muitos acontecimentos deixaram de ser registrados em documentos, especialmente em termos de memória da mídia tevê. O que se tem de história está quase restrito ao testemunho oral dos pioneiros. Dentro desse âmbito, o objetivo deste trabalho é o de documentar formalmente o surgimento da televisão brasiliense. Quem foram os atores sociais que a fundaram (profissionais), e ainda, resgatar a forma e peculiaridades com que trabalharam esses pioneiros nas duas primeiras décadas das televisões brasilienses.

Para isso, foi necessário localizar profissionais que tenham trabalhado na implantação da tevê brasiliense, seus acervos privados e particularmente, como técnica utilizada por biógrafos e também em livros-reportagem, transcrever e cruzar os testemunhos orais e respectivos pontos de vista para situar divergências e convergências de como se deu essa implantação.

Nem todos os entrevistados são citados ao longo do trabalho, mas mesmo os que não aparecem em citações foram decisivos para a compreensão da história, visto que muitas vezes fazia-se necessário o cruzamento das informações dadas nas *entrevistas em profundidade*.¹

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram coletadas, também, declarações e depoimentos de profissionais e representantes do público (telespectadores).

Entrevistas são todas especiais. Cita-se aqui uma em particular, a primeira, para facilitar o entendimento do leitor em relação à justificativa para este trabalho. O historiador e jornalista Adirson Vasconcelos alertou sobre a dificuldade da apuração. “Você tem uma tarefa muito difícil para cumprir. Reconstruir a história das primeiras tevês em Brasília é uma missão quase impossível, porque a grande maioria das pessoas que participaram desta história ou está morta ou está gagá”, sentenciou em entrevista. A hipótese da pesquisa seria confirmada? Em silêncio, pensei que de fato seria preciso rapidez na apuração para resgatar a história das tevês em Brasília. Agendar, o quanto antes, as outras entrevistas seria um esforço extra, mas que deveria ser feito. Nesse instante, decidi que gravaria depoimentos aos borbotões. Se

¹ Esse conceito teórico-metodológico é explorado em capítulo próprio (1.1. Métodos, poeiras, olhar e ouvir) no que se refere à metodologia da pesquisa.

todas as entrevistas entrariam na monografia era outra história. O importante era correr para registrar.

1.1. Métodos, poeiras, olhar e ouvir

Diante da ausência de documentos formais e bibliografia específica que sinalizem como se deu a implantação das emissoras de tevê em Brasília, foi necessário recorrer a depoimentos e entrevistas. Para tanto, a escolha dos entrevistados foi feita por duas vias elementares. A primeira, pela facilidade de aproximação, as entrevistas foram feitas pessoalmente com profissionais que ainda moram na capital federal.

A segunda via de seleção de entrevistados se concentrou no valor participativo desses profissionais no processo de inauguração das tevês brasilienses. Essa importância não está necessariamente concentrada nos cargos ocupados por esses atores sociais e, também, não está dirigida apenas aos ocupantes de cargos de chefia da época. Foi, portanto, concentrada no grau de participação desses profissionais no processo de estreia das tevês em Brasília. Importante destacar um terceiro grupo de entrevistados, que surgiu a partir das primeiras entrevistas.

Sem bibliografia específica, as biografias dos atores sociais envolvidos com o objeto dessa pesquisa são, provavelmente, o único recurso possível para que seja feito o resgate e a (re) construção da memória constitutiva da inauguração dessas emissoras de televisão.

Para a obtenção de melhor resultado, essa pesquisa hibridou três métodos. A saber, métodos de entrevista em profundidade, biográfico, e hermenêutico. Essa tríade metodológica se justapõe e se completa, norteados os procedimentos metodológicos e a qualificação dos resultados.

Segundo Vilas Boas (*apud* DUARTE, 2005, p.91), existem nas biografias fontes primárias. São fontes “gravadas ou impressas que não dependem de filtro da memória humana no presente da investigação”, afirma Vilas Boas (*apud* DUARTE, 2005). São elas: documentos (oficiais e não oficiais). Podem ser constituídas, portanto, entre outros documentos, de matérias publicadas na época por outros veículos como jornais, revistas e ou rádios e por fotos e ou vídeos de acervos pessoais.

Ainda de acordo com Vilas Boas (*apud* DUARTE, 2005), há também as fontes secundárias, caracterizadas por não serem escritas. “Dependem diretamente do exercício da lembrança, ou seja, da remontagem do passado”, por meio de testemunhos orais, esclarece Vilas Boas (*apud* DUARTE, 2005). Todavia, a biografia secundária foi considerada pela pesquisadora a fonte mais relevante e prioritária para a realização desse estudo. Essas biografias secundárias devem ser aqui entendidas como parte dos procedimentos da pesquisa. Desta forma, a análise comparativa e a consequente junção das biografias primárias e secundárias apresentam uma das categorias da hermenêutica – o “Círculo Hermenêutico”.

O “Círculo Hermenêutico”, pensado por Martin Heidegger (*apud* GADAMER, 1997, p. 401), propõe como valor último a compreensão circular. Compreender esse círculo é entendê-lo como um todo que define e aparta as individualidades (como as falas dos entrevistados, encerradas no discurso individual, que, ao serem temporalizadas, exalam seu verdadeiro sentido, unindo esses elementos individuais para formar um todo significativo). O que vemos aqui é uma interação dialética entre o todo e as partes, um atribuindo sentido ao outro. Essa *práxis* circular oportunizada pelas entrevistas opera como embrião, como berçário de novas relações. O alicerce dessas novas relações acontece por meio da linguagem. Nesse sentido, compreender é, portanto, uma mecânica circular, e é o sentido que emerge desta compreensão circular que Heidegger batizou de “Círculo Hermenêutico”.

Para Hans-George Gadamer (1997, p. 400/401), a hermenêutica pôde, pioneiramente, fazer jus à historicidade da compreensão. Aponta o autor, esta estrutura circular [“Círculo Hermenêutico”] deve derivar e deve ser entendida, fundamentalmente, a partir da temporalidade da “*pre-sença*”².

² Pre-sença = Dasein. Pré-sença não é sinônimo de existência e nem de homem. A palavra Dasein é comumente traduzida por existência. Em *Ser e Tempo*, traduz-se, em geral, para as línguas neolatinas pela expressão “ser-af”, être-là, esser-ci etc. Optamos pela tradução de pre-sença pelos seguintes motivos: 1) para que não se fique aprisionado às implicações do binômio metafísico essência-existência; 2) para superar o imobilismo de uma localização estática que o “ser-af” poderia sugerir. O “pré” remete ao movimento de aproximação, constitutivo da dinâmica do ser, através das localizações; 3) para evitar um desvio de interpretação que o “ex” de “existência” suscitaria caso permaneça no sentido metafísico de exteriorização, atualização, realização, objetivação e operacionalização de uma essência. O “ex” firma uma exterioridade, mas interior e exterior fundam-se na estruturação da pre-sença e não o contrário; 4) pre-sença não é sinônimo nem de homem, nem de ser humano, nem de humanidade, embora conserve uma relação de constituição ontológica de homem, ser humano e humanidade. É na pre-sença que o homem constrói o seu modo de ser, a sua existência, a sua história etc. (cf. entrevista de Heidegger ao *Der Spiegel*, Ver. *Tempo Brasileiro*, n.50, julho/set.1977). Quanto à formação do termo pré-sença observar: “pré” corresponde a “Da” e “sença”, como forma derivada de “esse”, corresponde a “sein”. Quanto à origem latina de pre-sença, cf. a expressão de Cícero: dii consentes = os deuses conjuntamente, isto é, em assembléia, presentes, decidem. (HEIDEGGER, 2000, p.309/310).

O processo pode consistir em que a auto-compreensão da compreensão, exercida constantemente, seja corrigida em suas inadequações. Esse processo, no entendimento de Gadamer, está localizado na arte de compreender.

De acordo com Martin Heidegger (*apud* GADAMER 1997, p. 401), o círculo hermenêutico tem um sentido ontológico e não pode descer à categoria de círculo vicioso. Esse sentido de estudo do ser que é o evento e sua interpretabilidade, antes de tudo, tem caráter prático, positivo, e só pode ser compreendido quando o intérprete compreende que sua primeira e constante tarefa científica não se funda no prévio, na visão pré-concebida, na concepção anterior das coisas antes do seu (re)aparecimento. É também calcada em mecanismos que possam assegurar o extrato científico, realizado na própria forma da interpretação compreensiva ou, como diz Heidegger (*apud* GADAMER 1997, p. 401), “na elaboração desses conceitos a partir da coisa, ela mesma.”

Conforme os dois movimentos do “Círculo Hermenêutico” – o momento divinatório e a fase comparativa –, o clima de empatia que necessariamente deve surgir durante as entrevistas de profundidade, entre outros detalhes, vai suscitar, portanto, a captura da atmosfera das entrevistas e vai também fazer emergir o clima que envolveu o fato histórico em si. Enquanto que a fase comparativa dos textos documentais e oralizados, na qual se legitima a fala dos entrevistados, sobre os fatos ocorridos na época em que se inauguraram as primeiras tevês, vão sair da obscuridade e vão vir à luz outras narrativas. Nesse enovelado “Círculo Hermenêutico”, as falas ou narrativas excedentes podem colimar eventos e teorias da época sobre a tevê. Essas narrativas, em grande parte, foram extraídas e validadas por meio de notas pessoais da pesquisadora.

Ainda na mesma senda metodológica, o ocultado, o não-dito, é também considerado discurso, muitas vezes mais elucidador do que o expresso em fala ou em documentos oficiais. Trata-se, nesse instante e dessa forma, de uma compreensão divinatória, de uma compreensão comparativa do momento histórico, de um processo de des-ocultação.

Faz-se necessário destacar, segundo Saltalamacchia (*apud* DUARTE, 2005, p. 91), que “os testemunhos orais oferecem ao pesquisador a oportunidade de ver e pensar os acontecimentos nos quais o biografado está presente, além de permitir enxergar o entrevistado como indivíduo e como membro de uma determinada circunstância social e temporal”. Nesse sentido, os entrevistados da pesquisa são

testemunhos vivos do surgimento das tevês em Brasília e, portanto, co-partícipes da narrativa histórica. O desaparecimento do campo sensível desses atores sociais coloca em risco a possibilidade de registrar oficialmente esse acontecimento constitutivo da história da inauguração das tevês brasilienses.

Embora o objeto dessa pesquisa não seja os atores sociais em si, a pesquisa não pode se despir de seus agentes (diretos ou indiretos). Esse método [biográfico] pode identificar, portanto, a influência, a contribuição pessoal ofertada por cada um desses atores. Pode ainda possibilitar e sustentar, de forma inequívoca, o uso de linguagens advindas de outras mídias (rádio e impresso) nas técnicas utilizadas na produção dos primeiros conteúdos e a criação de uma linguagem própria para televisão.

Portanto, foi necessário reunir o maior número possível de declarações. Depois de realizadas as entrevistas foi preciso transcrever, interpretar e compreender o fato em si e o momento histórico em que o fato se deu.

Diante da finitude dos homens e mulheres que inauguraram as primeiras televisões na capital federal e para que esses testemunhos não se percam por completo a abordagem teórico-metodológica, utilizada como base da pesquisa, também será fundada nas técnicas de entrevista em profundidade.

Para Fontana & Frey (*apud* DUARTE, 2005, p. 62), “entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”.

Duarte (2005, p. 62) destaca que a entrevista em profundidade é uma técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. “Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Esse tipo de entrevista procura intensidade nas repostas, não-quantificação ou representação estatística”, ressalta Duarte. (2005, p. 62).

À luz da hermenêutica – braço da filosofia que se debate com a compreensão humana e a interpretação de textos –, é possível guiar a apreciação dos depoimentos coletados. Por meio desse território epistemológico, é possível esclarecer, anunciar, declarar, interpretar, traduzir e, por último, assinalar e tornar compreensível como foi e quem participou do processo de implantação da tevê brasiliense. Afinal, a hermenêutica se ocupa tanto da interpretação dos textos

quanto da compreensão do sentido de enunciados ainda obscuros ou não esclarecidos.

Segundo Gadamer (*apud* GOMES, 1997, p. 29/30), só se pode expandir o próprio horizonte mediante a compreensão do horizonte do outro. O que permite a fusão desses horizontes é o conhecimento. Dessa forma, o pesquisador é nesse momento a autoridade que traduz o complexo significativo, aqui entendido pelo conteúdo do que os entrevistados vão dizer. Essa tradução visa incluir, analisar e validar limites implícitos já sabidos e pressuposições para outro horizonte de compreensão. Esse outro horizonte de compreensão está circunscrito, portanto, no âmbito do pesquisador e da hipótese formulada. Dessa fusão de horizontes emerge um terceiro pólo – a compreensão do modo de ver a realidade que envolveu a inauguração das primeiras tevês em Brasília.

A hermenêutica, para Schleiermacher (*apud* PALMER, 1969, p. 91/103), não visa o saber teórico. Tem por objetivo: o uso prático, a *práxis* ou a técnica da interpretação de textos. Seja esse texto oralizado ou escrito. A compreensão, a partir do pensamento desse filósofo alemão, tornou-se a pedra basilar e a finalidade fundamental e última de toda a questão hermenêutica.

De acordo com Gadamer, (1997, p. 396), “Heidegger desenvolveu em toda a sua radicalidade: o fato de que somente fazemos história na medida em que nós mesmos somos ‘históricos’”. O autor emprega nesse contexto o conceito da *pré-sença*. “A historicidade da *pré-sença* humana em toda a sua mobilidade do atender e do esquecer é a condição de possibilidade de atualização do ‘vigor-de-ter-sido’, como tal”, afirma Gadamer (1997, p. 396).

Da filosofia hermenêutica Gadameriana para prática poder-se-ia afirmar que o advento de criação das tevês brasilienses foi para os profissionais um evento natural, um fazer parte do processo ou, nas palavras de Heidegger, um “estar-no-mundo”, uma “*pré-sença*”. Pertencer, nesse caso, foi a condição sem a qual hoje (tempo presente) não teria sentido esse processo histórico em que se deu o surgimento das tevês em Brasília. Isso significa dizer que o homem autentica a narrativa histórica a partir da própria historicidade.

Por isso, a explicação de Gadamer se aplica a este estudo, como o coturno que recobre, aquece e protege os pés dos soldados em guerra. As fontes (entrevistados, jornalistas, radialistas, técnicos etc.) que participaram do processo de inauguração das primeiras tevês em Brasília, embora, possuam diferentes modos de

ver, ser e agir diante dos acontecimentos, viveram o momento em que o fato se deu, ora como protagonistas, ora como atores coadjuvantes, mas sempre enraizados na concepção do projeto de implantação, como co-partícipes do evento em si.

O processo de “ouvir” esses profissionais está na estrutura total da investigação. Está em desnudar as partes que formam o todo, inclusive as partes encobertas. Estar-lançado e o que é projeto, de fato, é uma pertença mútua. É ler o interdito, ouvir os “gritos do silêncio”, extrair das fontes como realmente foi aquele momento, aquele período. Compreender e interpretar exige o conhecimento desta metodologia proposta por Heidegger e explicada por Gadamer. Mais do que explicar como aconteceu, o método possibilita o processo de reconhecimento da experiência.

Assim avalia e valida Gadamer,

A pertença do intérprete ao seu objeto, que não conseguia encontrar uma legitimação correta na reflexão da escola histórica, obtém agora, por fim, um sentido concretamente demonstrável e é tarefa da hermenêutica demonstrar esse sentido. (GADAMER, 1997, p. 399).

Acenda-se, pois, a luz dessa estrada rica, dessa viagem. O que está aqui tem a pretensão de ser uma das luminárias.

2. Primeira transmissão de TV no Brasil, um ato político

“A primeira grande transmissão pública de televisão foi política: um discurso de Roosevelt em 1937, nos Estados Unidos”. A frase é do autor, ator, produtor e diretor de tevê Daniel Filho (2001, p. 14). Mas de acordo com o autor, em razão da Segunda Grande Guerra, a mídia televisiva só veio a se desenvolver e conquistar audiências bem mais tarde, sete anos após a primeira transmissão, para ser mais precisa.

Somente em 1944, começaram a aparecer, de fato, os primeiros programas de televisão. No seu berço nascedouro, na América do Norte (EUA) da década de 1930, a programação de tevê era essencialmente voltada para programas infantis e para a culinária, segundo Daniel Filho (2001, p. 14).

No Brasil, o surgimento da televisão não se deu muito diferente de como aconteceu nos EUA. Ninguém, em nenhum lugar do globo, sabia exatamente quais eram e quais seriam as funções da nova mídia. Não havia uma escola, professores ou técnicas a serem aprendidas e a televisão no Brasil começou, portanto, imitando o modelo americano, que também estava engatinhando, afirma o mesmo autor.

Porém, duas décadas mais tarde, ainda na década de 1950, os brasileiros imprimiram um modelo de trabalho muito original. Criaram ou pelo menos dispararam o processo de criação de uma linguagem própria para esta nova mídia. Aprenderam durante o processo. Criatividade, dificuldades, erros, correções, acertos, deram origem aos *modus operandi*, atualmente praticados na produção de conteúdos informativos e de entretenimento. Mas esse é um tópico que será contado com mais riqueza de detalhes somente nos próximos capítulos.

Os nossos primeiros produtores foram aos Estados Unidos, fizeram cursos na CBS, na NBC, para aprender as técnicas e os procedimentos fundamentais, e os utilizaram para implantar a televisão no Brasil. (FILHO, 2001, p.14).

2.1. Nasce, em 1950, “o circo eletrônico” brasileiro

Para o cineasta Nelson Pereira dos Santos (*apud* FILHO, 2001, p.11), a televisão é um “circo eletrônico”. Expressão que concentra um significado que Daniel Filho considera muito acertado. Para este diretor de tevê, hoje com mais de 40 anos produzindo conteúdos para a televisão, este veículo de comunicação de massa foi e ainda é um grande “circo eletrônico”. Essa máxima cunhada por Nelson Pereira, e repetida nos bastidores das tevês em todo Brasil, encontra eco também no entendimento da autora desta pesquisa.

Daniel Filho (2001, p. 11) afirma: “a televisão se identifica intimamente com o lugar e a época em que é feita”. Portanto, é uma representação da vida sócio-política de um povo. Assim, minimamente se pode afirmar que os conteúdos produzidos nas televisões revelam a história de povos e de nações.

Quem faz e quem assiste à tevê estão no mesmo barco. São cúmplices. E é essa cumplicidade que a gente deve buscar o tempo todo. Quer dizer, temos de entender para quem estamos falando e de quem estamos falando. Talvez este seja ainda hoje um fator importante para entender a tevê brasileira – seu sucesso, a audiência que se formou, o tipo de relação que se estabeleceu com o telespectador, o papel e o espaço que aos poucos [a televisão] foi ganhando em nossa vida. (FILHO, 2001, p.11).

Quando a televisão surgiu, o rádio já era, no Brasil, uma paixão nacional, segundo Daniel Filho (2001, p.11). A tevê por ter sido considerada um “rádio com imagem” teve aceitação imediata. Uma questão de familiaridade do público com os “velhos” profissionais do rádio. De acordo com Daniel Filho, não existiam os “homens de tevê”. Para estreitar, a televisão tomou de empréstimo alguns profissionais de outras áreas e de outros veículos midiáticos.

No começo não existia o homem de televisão [...] quase toda equipe, particularmente o *cast*, os atores, veio do rádio. Os cenógrafos vieram do teatro – inclusive do teatro de revista [...] se valeu (a televisão) do pessoal do rádio, e do circo [...] Aí está a mistura que deu origem a televisão brasileira: rádio, teatro de revista, circo – todas, manifestações que viviam em função do apelo popular. (FILHO, 2001, p.11/12).

Na base do improvisado a televisão brasileira teve início, segundo Daniel Filho (2001, p.12), mas ao longo dos anos a profissionalização das funções se consolidou.

Atualmente, quase não se veem improvisações. Estabeleceu-se uma linha de montagem, e cada profissional cuida do bom andamento do seu trabalho. Juntos, estes profissionais formam uma equipe e esta equipe responde pelos produtos que vão ao ar, sejam eles produtos noticiosos ou de entretenimento.

Hoje, não existe mais tanta improvisação quanto nos primeiros tempos. A profissionalização aconteceu ao longo dos anos e custou um bocado de esforço. [...] Aprendemos a fazer televisão *fazendo televisão*, e hoje temos uma enorme experiência acumulada. No tempo em que comecei, evidentemente, não havia de onde tirar um relato, porque não havia história. (FILHO, 2001, p.12).

A partir da década de 1950, a história política, social e econômica do Brasil e a história da televisão brasileira, se confundem. Antes, essa história era contada e entrelaçada apenas com os conteúdos de veículos impressos ou de rádios, e pelo cinema. Mas, sempre enoveladas, essas histórias contam uma terceira, a história de Brasília.

O Brasil vivia na década de 1950 um processo acelerado de urbanização e industrialização. Foi nesse cenário que o jornalista paraibano, nascido em Umbuzeiro, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, ou simplesmente “Chatô” [apelido com o qual ficou mundialmente conhecido], montou a quarta estação de televisão do mundo. Dividido entre a campanha presidencial, a consolidação do Museu de arte de São Paulo (Masp) e o sonho de implantar a primeira emissora de televisão da América Latina, Chatô, segundo Fernando Moraes, (1994, p. 496/498), em uma tarde de fevereiro de 1948, esquadrinhou a giz no chão de uma quadra de peteca, no pátio da Rádio difusora de São Paulo, no alto do Sumaré, o que viria a ser mais tarde a sede da TV Tupi (Canal 3), primeira emissora latino-americana. Portanto, a primeira tevê brasileira.

De giz em punho, segundo Fernando Moraes, Chatô dá ordens ao homem que estendia a trena sobre o cimento:

Aqui vai ser o estúdio A. Agora espiche a trena para o lado de lá, ali vai ser o estúdio B. Veja se confere com o mapa. [...] Vocês vão jogar peteca no diabo que os carregue: aqui vão ser os estúdios da TV Tupi. (Chateaubriand *apud* MORAIS, 1994, p. 496).

Segundo a biografia do pioneiro, a televisão brasileira é “erguida” por meio de contrabando de aparelhos de tevê. O Brasil não estava preparado para esta inovação tecnológica, ninguém tinha aparelhos de TV. De acordo com levantamento de Moraes (1994, p. 496/501), para que houvesse público para esta nova mídia, Chateaubriand comprou 30 toneladas de equipamentos nos Estados Unidos, da RCA Victor, no valor de cinco milhões de dólares, mas a menos de um mês da inauguração, em meados de setembro, às pressas, “importou” aparelhos de TV para serem distribuídos entre amigos e comerciantes.

Para assegurar que nada prejudicaria a inauguração da primeira tevê brasileira, Chatô deu um “jeitinho” político na situação. De acordo com Moraes (1994, p. 500/501), Chateaubriand disse que no Brasil tudo tinha solução e não esquentou a cabeça com o problema. Telefonou para uma grande empresa de importação e exportação e ordenou que em três dias desembarcassem de avião, em São Paulo, 200 aparelhos de tevê.

Traga de contrabando. Eu me responsabilizo. O primeiro receptor que desembarcar eu mando entregar no Palácio do Catete, como presente para o presidente Dutra. (Chateaubriand *apud* MORAIS, 1994, p. 501).

Em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, pela TV Tupi, foi inaugurada a televisão brasileira, ao vivo, pois a primeira fita de vídeo só apareceria duas décadas depois, segundo Fernando Moraes (1994, p. 498/502). O primeiro a falar, no ato da inauguração, de acordo com o autor (1994, p. 502), foi Davi Sarnoff. O discurso de Sarnoff profetizou o alcance e o que viria a ser em poucas décadas o veículo tevê.

A televisão dá asas à imaginação, e eu prevejo o dia em que ela nos permitirá percorrer com os olhos toda a terra, de cidade em cidade, de nação em nação. (Sarnoff *apud* MORAIS, 1994, p. 502).

Chatô, orgulhoso por ter realizado um sonho acalentado por anos, foi o segundo a discursar no lançamento daquele que viria a ser o mais hegemônico veículo de comunicação de massa, a tevê. Diz Chatô em seu discurso:

No cocuruto do Banco do Estado tinha sido instalada a antena que ia levar pioneiramente aos lares paulistanos o mais subversivo de todos os veículos de comunicação do século, a televisão. (Chateaubriand, *apud* MORAIS, Fernando. 1994, p 502)

Em 19 de setembro de 1950, um dia depois da estreia da televisão no Brasil, foi ao ar na TV Tupi *Imagens do Dia*, o primeiro telejornal brasileiro. Era uma mistura de rádio jornal e cine jornal. Ainda não tinha formato próprio e não havia perspectiva de fazer uma programação jornalística voltada para as funções sociais, como era feito, por exemplo, no rádio.

Para Daniel Filho (2001, p. 28), no início, por serem muito caros os aparelhos receptores (televisões) e por dar acesso apenas às famílias de alta renda, os produtores de conteúdo da televisão brasileira não tinham nenhuma preocupação com a função social da tevê.

Os meios de comunicação de massa, certamente, foram influenciados na forma e no alcance pelo uso e avanço dos suportes técnicos. Foi somente em 1959 que, segundo Fernando Moraes (1994, p. 616), para substituir a película surge o vídeo tape (VT) e que a partir de 1960 passa a ser utilizado em larga escala.

2.2. JK midiático transfere a capital sob holofotes

A inauguração do novo Distrito Federal, em 21 de abril de 1960, “coincide” com a estreia das primeiras emissoras de televisão da cidade. Nas décadas seguintes, por meio da “telinha”, vê-se de tudo, da informação ao entretenimento. Certamente, não por acaso.

Na contemporaneidade, toda nação precisa de um mediador entre cidadãos e governo. Conhecendo essa necessidade de difusão, e antevendo as novas possibilidades empresariais e políticas, vieram se estabelecer na capital alguns empresários da comunicação televisiva e jornalistas de todos os recantos do país. Estava entre os pioneiros o maior empresário das comunicações da época, Assis Chateaubriand. Segundo Moraes (1994, p.18/20), Chatô, apesar de ser um adversário público da mudança da capital, permitia que seus jornais fizessem uma cobertura simpática ao empreendimento. Embora ele próprio, em seus artigos, fizesse críticas implacáveis ao presidente JK.

Mas, tudo não passava de uma estratégia habilidosa, há meio século, adotada por Chateaubriand. Nas palavras de Moraes, o que Chatô pretendia com esta tática era: “acender uma vela para cada santo e, assim, garantir ao seu império sempre uma porta aberta em cada lado”.

Em detrimento de seu posicionamento pessoal, o tino empresarial de Chatô falou mais alto, e em 23 de fevereiro de 1960, o empresário das comunicações esteve em Brasília para visitar as instalações de dois novos prédios de seu conglomerado jornalístico. Prédios que, em 21 de abril do mesmo ano, iriam sediar o jornal *Correio Braziliense* e a *TV Brasília* [ambos ainda em funcionamento no ano de 2009].

Mesmo tendo jurado, de maneira teatral, jamais pôr os pés na futura capital do Brasil, à medida que se aproximava a data da inauguração ele foi mudando de posição, argumentando que o maior mal – a construção – já estava feito e agora não restava outra alternativa senão ocupar a cidade [...] (MORAES, 1994, p. 18).

O pioneirismo desses homens, orquestrado por um JK político e midiático, coloca por meio das primeiras transmissões de tevê, e da imprensa como um todo, o Brasil em um novo cenário. Sem dúvida, mais moderno, dinâmico e interligado. O governo de Juscelino Kubitschek de Oliveira, iniciado em janeiro de 1956, de acordo com Dílson Ribeiro (2002, p. 15), não estava apenas restrito à governança de um novo presidente brasileiro.

O Brasil sofreria um abalo sísmico em suas estruturas arcaicas, oferecendo-nos a impressão de que seria impossível deter o seu caminho para alinhar-se entre os países de Primeiro Mundo. [...] Alguma coisa extraordinária aconteceu nos cinco anos de seu governo, culminando com a transferência da capital da República do Rio de Janeiro para o Planalto Central. Das trinta metas inicialmente previstas – porque Brasília não fazia parte desse contexto – quase todas foram cumpridas na sua totalidade, devendo-se destacar que nove superaram as previsões [...] Não há dúvidas de que Juscelino foi o único dos nossos presidentes a cumprir as promessas feitas em praça pública. [...] Quando Juscelino se dispôs a construir a Nova Capital da República no centro geográfico do País, não atendia apenas a uma velha aspiração que vinha do Império. Sua visão de estadista apontava para a necessidade de ocupar os espaços vazios do território nacional. (RIBEIRO, 2002, p.15/16 e 73).

2.3. Antes da inauguração

Três anos antes da inauguração da capital, 1957, jornais de todo o Brasil já convocavam jornalistas para migrar para o novo Distrito Federal. Os candangos – trabalhadores, de vários setores e de diversas regiões do país, que primeiro aportaram em Brasília –, valendo-se das publicações de jornais impressos do entorno, convocavam, por meio de cartas poéticas, os homens de imprensa. Foi o caso, por exemplo, de Edbert Leite, funcionário do Banco do Brasil. Encantado com as possibilidades de trabalho, extasiado com as perspectivas que Brasília inaugurava, e por meio do jornal *A voz da Serra*, publicado no dia 4 de agosto de 1957, em Friburgo, no estado do Rio, Edbert “intima” o jornalista fluminense Manoelito Jordão a vir a Brasília, para verificar com os próprios olhos o despertar de uma nova capital. (Figura 1).

ENDE-SE
OS NOVOS, com sala, 2 amplos
 ro, cozinha e varanda com tan-
ACABAMENTO. — Parte à
 financiado em 5 anos. — Vêr e
 Sara Braune, 84 — Fone 2007.

NETE DE IOS "X"

o Gregório e

Paulo Coelho Barbosa

Radiológicos em geral
 tômago, vesícula, intestinos, etc.

lade Sta. Terezinha — Tel. 1159
 s Moreira (Entrada p/rua Aug. Spinelli)

NA POPULAR

NILVO VIEIRA

**COLAGENO — Poliarterite
 e esclerodermia**

o que enu-
 expla-
 erite-
 poli-
 dermia
 do co-
 uma
 ico é
 is cli-
 os fer-
 de
 jorgap

Os diversos órgãos do orga-
 nismo são atingidos como pul-
 mões, rins, cérebro e aparelhos
 digestivo e circulatório. Como
 sintomas pulmonares teremos
 tosse, hemoptise etc.; os sinto-
 mas renais são albuminúria, ci-
 lindrúria podendo o doente che-
 gar até à insuficiência renal.

Quanto ao cérebro as altera-
 ções mentais na poliarterite no-
 dosas são muito frequentes.

As alterações digestivas são
 náuseas, vômitos, dores abdomi-
 nais e raramente icterícia.

O aparelho circulatório na po-
 liarterite é bastante atin-
 gido, havendo hipertensão arte-
 rial (pressão alta) em 50% dos
 casos e insuficiência do coração
 e das artérias coronárias (arte-
 rias que nutrem o coração). Ou-
 tros sintomas podem aparecer
 como dores articulares, dores
 musculares e eritema purpúrico
 (vermelhidão da pele).

O prognóstico é reservado e o
 tratamento é o mesmo emprega-
 do para o lupus eritematoso ou
 seja com cortisone, ACTH, as-
 pirina e anti-maláricos sintéticos.

A esclerodermia é uma doen-
 ça que se localiza com predile-
 ção e particularmente nas mãos
 e nos pés. Há edema (inchaço)
 dos pés e das mãos, endureci-

ANTEVISÃO

J. R. DA SILVA JUNIOR



"Rien n'égale en longueur les boites usées, journées,
 Quand sous les lourds flocons des neigeuses années
 L'ennui fruit de la morne incuriosité,
 Prend les proportions de l'immortalité."

— Charles Baudelaire.

Quando de ti fugir o riso abandonado,
 e não mais existir em teus lábios o canto;
 quando o amor fugir dando lugar ao pranto,
 para só habitar lembranças do passado !...

Quando o tempo tingir de prata os teus cabelos,
 e o teu rosto empolar de rugas prematuras;
 quando existirem só, em ti, as desventuras
 e já n'ouvires mais, do amor, ternos apêlos !...

Então terás chegado ao extremo da existência,
 quando se foge à turba impura e à insolência,
 da chacota jovial da louca mocidade !...

Neste dia infeliz, Oh ! Minha pobre amada,
 o que será de ti, sem mim, na finda estrada,
 sem versos à alegrar teu pranto de saudade ?

DE BRASÍLIA

(CAPITAL DO BRASIL)

**Ao simpático e querido Jornalista Fluminense
 Manoelito Jordão**

Meu caríssimo Jordão,
 Mesmo aqui neste sertão,
 Dos amigos não esqueci.
 De vocês vou me lembrando.
 E as notícias vou mandando.
 Do que ocorre por aqui.

E você, meu caro amigo,
 Olha bem o que lhe digo :
 Sempre foi por mim lembrado.
 Amizades como a sua,
 Não se acha assim na rua:
 Não se compra no mercado.

Se eu ao menos fosse escriba,
 Lembraria a Paraíba,
 Onde fomos certa vez.
 Uma crônica eu faria,
 Cujo título seria :
 "Um jeepinho e só nós três".

Turco Preto, o Abicalil,
 Você com seus versos mil
 E eu andando pela estrada.
 E no sítio, o papagaio ?
 De achar graça quasi cáio:
 Nunca dei tanta risada.

Mas agora, Manoelito,
 Como já lhe havia dito,
 Vão aqui minhas notícias.
 Cá estou eu neste Planalto,
 Bem distante desse asfalto.
 Dessas farras e malícias.

Com meus olhos eu quiz ver
 O nascer, o alvorecer
 De uma nova Capital !
 Ver surgir assim, do nada,
 Imponente e burilada,
 Nossa sede Nacional !

Com um grande abraço do

EDBERT LEITE

BRASILIA — D.F., 15 de julho de 1957.

Se do contra alguém existe,
 Certamente não resiste
 A firmeza de propósito
 Que se nota neste povo.
 Em fazer um mundo novo,
 Todo limpo e muito apósto.

A cidade está crescendo.
 O Palácio estão fazendo
 E também um grande Hotel.
 Para a luz que vamos fazer,
 Quatro usinas que vão fazer,
 Todas novas, seu Manoel !

Grandes máquinas fugindo
 E as estradas vão se abrindo.
 Como passe de magia,
 E o telégrafo que vem,
 Telefone vem também
 Prá esta nova Freguezia.

Nosso campo de avião,
 Bem maior que o Galeão,
 Já está bem movimentado.
 Tem Real, Vasp e Cruzeiro.
 Têco-Têco o dia inteiro;
 Tudo chega e sai lotado.

Por aí se pode ver:
 Isto aqui tem que crescer,
 Queira ou não a oposição.
 Vê-se bem que está surgindo
 Deste sólo fértil, lindo,
 O celeiro da Nação.

Todo puro Patriota,
 Seja ou não dos "Jota-Jota".
 A BRASILIA deve ver !
 E você que é jornalista,
 E que sabe? UM MUDANCISTA !
 Deve vir ! — Ver para crer !

Figura 1 — Digitalização a partir do original, do jornal A voz da Serra, escrito em 15 de julho de 1957, e publicado em 4 de agosto do mesmo ano, p. s/n. O jornal foi emprestado do acervo particular de Gerda Gumprich Leite, esposa do já falecido Edbert Leite.

A autora desta pesquisa destaca do poema original, citado na nota explicativa da figura 1, os seguintes versos da carta poema de Edbert Leite:

DE BRASÍLIA (capital do Brasil)
Ao simpático e querido amigo fluminense Manoelito Jordão

[...] Com meus olhos eu quis ver
O nascer, o alvorecer
De uma nova capital!
Ver surgir assim, do nada,
Imponente e burilada,
Nossa sede nacional!
Se do contra alguém existe,
Certamente não resiste
A firmeza de propósito. [...]

Grandes máquinas fugindo
E as estradas vão se abrindo,
Como passe de magia.
É o telégrafo que vem,
Telefone vem também
Prá esta nova freguesia. [...]

Todo puro patriota,
Seja ou não dos “Jota-Jota”,
A BRASÍLIA deve ver!
E você que é jornalista,
E quem sabe? UM MUDANCISTA! Deve vir. – Ver para crer!

Dias antes da publicação da carta poema de Edbert, em 20 de julho de 1957, Brasília havia recebido vários jornalistas, mas na caravana não estava o jornalista fluminense Manoelito Jordão, e talvez tenha sido esta uma das razões que estimulou Edbert Leite a publicar o convite ao amigo, via jornal.

O primeiro jornal produzido e rodado na nova capital, o *Hora de Brasília*, trazia, neste dia, uma reportagem sobre a visita da imprensa goiana. Sob o seguinte título: “Os Pioneiros de Brasília Recebem os Jornalistas”. A matéria dizia que os jornalistas ficaram impressionados com o que viram.

Todos os jornalistas manifestaram-se satisfeitos com o que puderam ver na Nova Capital e ficaram verdadeiramente impressionados com a OBRA DO SÉCULO. (Jornal *Hora de Brasília*, 7 de julho de 1957, p. 4).

Os Pioneiros de Brasília Receberam os Jornalistas

ENTUSIASMOS NA REFEIÇÃO DO POVO — ALMOÇO NO HOTEL DO SOUSA — OS ORADORES

Domingo, último, por gentileza da Viação Araújo, em colaboração com «Hora de Brasília», dirigiu-se de Goiânia para esta futura capital, uma caravana integrada pelos homens de imprensa da capital de Goiás e de Anápolis, aqui chegando a proximadamente às 12 horas.

Recepção do Núcleo Bandeirante
No Restaurante Bandeirante, onde funciona a Amplificadora de «Hora de Brasília», a caravana foi recebida pelo povo e por um representante do dr. Bernardo Sayão, secretário de Estado.

Na oportunidade usaram da palavra o jornalista Eliezer Penna, presidente da AGI, secundado por Otoniel da Cunha que saudou o povo de Brasília. A seguir falou também o maestro Jean Douliet e, agradecendo em nome dos brasilienses, disse algumas palavras o senhor José Honorato de Oliveira.

Coquetel
Após esse primeiro contato, foi oferecido aos jornalistas um coquetel pelo senhor Otacilio Santos Faria, no Restaurante Bandeirante, quando outros oradores usaram da palavra, saudando o povo pioneiro da futura capital federal.

Almoço
Depois do coquetel, teve lugar o almoço oferecido pela NOVACAP, no (Conclui na 4a. página)

Iniciada a Estrada Brasília-Paracatú

Sábado passado, dia 13, precisamente às 11 horas, foi iniciada a construção da rodovia Brasília-Paracatú, no Estado de Minas Gerais.

Trata-se de um empreendimento de real valor, pois, ligará a futura capital federal a um grande centro produtor de arroz que é o Município de Unai, próximo a Paracatú. De



A caravana de jornalistas visita as obras do Palácio da Alvorada. Aspecto do almoço que

Fundação Colégio Brasília
Admissão — Ginásio — Alfabetização de Adolescentes e Adultos — Matrícula para curso de Admissão a partir de 1.º

Em Belo Horizonte A Esposa do Nosso Diretor

Figura 2 – Digitalização a partir do original, do jornal *Hora de Brasília*, publicado em 7 de julho de 1957, p. 8. O jornal foi emprestado do acervo particular de Gerda Gumprich Leite, esposa do já falecido Edbert Leite.

Curiosamente, a reportagem tinha início na oitava página do jornal (contracapa), e a continuidade do texto estava publicada na quarta página. Entre parênteses, no final da notícia da contracapa, vinha a frase: conclui na 4ª página. Uma diagramação desconexa e bem diferente dos padrões atuais. Mas a editoração não é o objeto em questão, nesta pesquisa. É aqui citada, apenas, para suscitar uma investigação que esclareça melhor como eram feitas as diagramações dos jornais da época.

NORTON CAMARGO

ão buscar nas grandes emissoras um modelo para seus programas dando como consequência, uma «verdadeira bazarria» sem pé nem cabeça. Não há planejamento em estudos prévios. Tudo é improvisado e sem base. Quando perguntamos — onde estão os diretores artísticos? Bem, estes não existem ou se existem, de há muito se acomodaram em meio a uma situação egoísta. No setor técnico e comercial a coisa se repete e em a mesma «frequência». Um verdadeiro «entulho» de «ginglê» e textos mau confeccionados superlotam os horários mais importantes, sem atenderem a conveniência e a predisposição dos ouvintes. Não existe por parte dos corretores, aquele interesse de se aliar o útil ao agradável. Nada disso. O que querem é conquistar todo custo um anunciante menos esclarecido e fazer dele, objeto de seus interesses particulares, alheio aos interesses do ouvinte. Na parte técnica, embora com um equipamento excelente, verifica-se o mesmo erro de uso. Não funcionam convenientemente. O som fica muito a desejar e são raras as transmissões externas que se primam pela perfeição. No caso da Brasil Cen-

em Doer

al por exemplo, existe tanto material em excesso, que o mesmo está se perdendo por falta de um aproveitamento equitativo e equilibrado.

É este meus amigos, infelizmente, o retrato de nossa rádio-fonia. A realidade que aí está para ser contemplada e analisada. Não estamos aqui em absoluto criando uma fantasia, pois se o fazemos e mostramos ao público, e com a sã e intensa de procurarmos de uma maneira ou de outra, emprestarmos a nossa colaboração para esta campanha de socorrimos de nossa radiofonia. Esta coisa se poderá fazer, para chegar-se a um resultado compensador. Existe em nosso meio muitos elementos capazes e de mentalidade construtiva, aptos para emprestarem o seu concurso nesta obra socorridora. Não queremos aqui em absoluto, negar o valor daqueles que de fato trabalham com a consciência tranquila de estarem realizando um trabalho verdadeiromente construtivo. Eles existem e muitos ainda não foram descobertos. Muito se poderá ainda fazer por este meio rádio, que ainda haverá de se colocar em posição verdadeiramente invejável. Para aqueles, cuja causa não cabe a carapuça que ora lhes jogamos, podem estar certos, de que mais dias ou menos dias ela lhes virão como luvas em mãos de madame elegante.

Os Pioneiros de...

(CONCLUSÃO)

Hotel do Sousa. Verdadeiro banquete regado com finos vinhos. Durante o ágape falaram o jornalista Eliezer Penna, pela AGI; Jarbas de Oliveira, pelo Núcleo da AGI de Anápolis e, em nome da NOVA CAP, o sr. Walter Valadares.

Visitas

Em seguida os jornalistas visitaram algumas obras de Brasília, regressando a caravana às 19,30 horas. Todos os jornalistas



Sr. Walter Santos, diretor de Tráfego da Viação Araguari, que acompanhou os jornalistas a Brasília.

manifestaram-se satisfeitos com o que puderam ver na nova capital e ficaram verdadeiramente impressionados com a O-

BRA DO SECULO.

A Caravana

A caravana estava integrada das seguintes pessoas: Eliezer Penna e senhora; senhora Genaro Maltez e filhos; radialista Vera Lúcia e Dorcelina Costa, jornalistas Lourival Batista Pereira, Gomes Filho, Irorê Gomes, Otoniel da Cunha, Galeno Martins de Araújo, Udo Gauche, Leodolfo Batista, Francisco Faria, Waldery Nascimento, Cleuler Loiola, Orestes Kunze Bastos, Jovecy Fleury de Amorim, João Luis de Oliveira, Plínio Jaime, Fernando da Cunha Júnior, Ezio Coelho, Jarbas de Oliveira, Paulo Nunes, Francisco Garcez, Quinzinho, Carmo Nunes, Moacir Sales e Clovis Batista.

4800 Quilômetros Para...

(CONCLUSÃO)

Fajian, José Lauro Otero, Eliza Renée Mira, Fernando Lamobla, Wilfredo Bonilha, Manoel Gutierrez e senhora e Sergio Rachel.

«EL DIA» APOLOGISTA DA MUDANÇA

Falando à reportagem, os visitantes afirmaram que em

Montevideu o entusiasmo é grande a respeito de Brasília. Afirmaram ainda que o jornal «EL DIA», que naquela capital se edita, é um verdadeiro apologeta da inferiorização de Brasília. Assim, não somente no Brasil a Obra do Século desperta interesse, pois significa o trabalho máximo em prol do progresso do País.

Tribunal de Contas Congratula-se Com J.K.

Figura 3 – Digitalização a partir do original, do jornal *Hora de Brasília*, publicado em 7 julho de 1957, p. 4. O jornal foi emprestado do acervo particular de Gerda Gumprich Leite, esposa do já falecido Edbert Leite.

Mas, entre outras notas e matérias, podem ser encontrados trechos de um artigo, desta mesma edição (*Jornal Hora de Brasília*, 7 de julho de 1957, p. 7), que continha as informações que melhor descreveram os acontecimentos daquele dia e os que ainda estavam por vir.

BRASÍLIA EM FOCO

Os jornalistas goianos que estiveram em visita ao Sítio da Nova Capital levaram daqui uma ótima impressão, notando-se em todo o vivo entusiasmo e euforismo, ante as obras que lhe foram apresentadas, sendo unânimes em enaltecer o espírito empreendedor e pioneiro daqueles que estão construindo a <<obra do século>> [...] A comissão de justiça da Câmara Federal aprovou por unanimidade, o parecer do dep. Antônio Horacio, favorável ao projeto do sr. Emival Caiado, que fixa a data de 21 de abril de 1960, para a mudança da Capital Federal para o planalto Goiano. Entretanto, propala-se que o presidente J.K., estaria em cogitações de transferi-la para o dia 3 de maio do mesmo ano, já tendo se avistado com o autor do projeto, visando modificação. [...] A revista <<Brasília>> editada pelo Dep. de relações públicas da NOVACAP, traz em suas páginas, amplo material fotográfico e editorial sobre a <<obra do século>> em belíssima apresentação gráfica. É pena, que ao referido órgão não tenha maior penetração, mormente na vendagem avulsa, pois não resta dúvida, a mesma vem prestando um grande trabalho, na divulgação dos acontecimentos de Brasília. O plano ferro-rodoviário para Brasília prevê nada menos de quatro ferrovias e três auto-estradas, que possibilitarão o contacto direto com todas as capitais do Brasil. (*Jornal Hora de Brasília*, 7 de julho de 1957, p. 7).



Figura 4 – Digitalização na íntegra, a partir do original, do jornal *Hora de Brasília*, publicado em 7 de julho de 1957, p. 7. O jornal foi emprestado do acervo particular de Gerda Gumprich Leite, esposa do já falecido Edbert Leite.

Na mídia (da época), havia indícios de que uma febre de avanço, expectativa e otimismo tomava conta de todos os candangos. O presidente JK e os pioneiros mostravam-se igualmente apaixonados pelo canteiro de obras de onde nasceria a nova capital. Os jornais, ao se referirem a Brasília, destacavam ser essa a obra do século.

Juscelino, a reboque de sua própria administração, era enaltecido constantemente nas ruas, e as manifestações populares de apreço, ao então presidente, logo ocuparam espaços significativos nos veículos de comunicação. Ser pauta diária da imprensa, ora por aliados, ora por desafetos fez de JK um dos políticos brasileiros mais midiáticos de que se tem conhecimento.

2.4. Correspondente de “guerra”, o primeiro em Brasília

Em 20 de fevereiro de 2009, por volta das três da tarde, esta pesquisadora chegou ao escritório de advocacia da Vasconcelos Associados, uma loja comercial de subsolo, localizada na Asa Norte, na capital federal. Lá estava “escondida” uma das maiores referências vivas da história de Brasília e do caminho da comunicação social na nova terra.

Aguardava o momento da entrevista, sob a tênue luz azul da luminária de mesa, o advogado, administrador, historiador e jornalista José Adirson Vasconcelos. O clima era de ansiedade. Uma pessoa faria a viagem no tempo, a outra documentaria.



Figura 5 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 20.02.09, dia da entrevista oral. Um “defeito especial” na fotografia expressa, simbolicamente, o sentimento de amor, desse pioneiro, pela cidade: Brasília. Para surpresa da pesquisadora ao baixar as fotos no computador uma luz em forma de coração apareceu por trás do entrevistado.

Adirson Vasconcelos é historiador de Brasília, e autor de mais de trinta obras publicadas sobre a capital federal. Esse pioneiro da cidade é acervo vivo de pesquisa e tem uma memória invejável. São 72 anos de idade e mais de três

décadas de dedicação e compilação de dados sobre Brasília. O trabalho desse homem gerou obras que se destacaram por terem sido reconhecidas pelo Ministério da Educação (MEC) como didáticas. Entre elas, *A mudança da capital; A Epopéia da construção de Brasília; As cidades-satélites de Brasília; Os pioneiros da construção de Brasília e Memorial JK*.

Adirson foi o primeiro entrevistado para este trabalho, não por acaso. Ele figura entre os “candangos” mais antigos. Em reconhecimento ao seu trabalho como historiador da cidade, um prédio residencial na 214 Norte tem previsão de ser batizado com o nome dele ainda este ano (2009).

Esse pioneiro é o segundo filho de uma fraternidade de quatorze irmãos, e é pai de sete filhos, todos nascidos em Brasília. O cearense Adirson, nascido em 16 de julho de 1936, no município de Santana do Acaraú, veio de Pernambuco para Brasília, como repórter do Jornal *Correio do Povo*, de propriedade do então deputado Edgar Bezerra Leite, em 1º de maio de 1957, para cobrir a missa inaugural, celebrada por Dom Carlos Carmelo Motta, e que daria início às obras da nova capital federal. Mas chegar ao novo Distrito Federal não foi para Adirson tarefa fácil.

Cheguei aqui aos solavancos, levei mais de 12 horas de Goiânia para Brasília. Era uma estrada de barro esburacada pelas chuvas e que na época da seca nos cobria de poeira. Foi uma viagem louca. Uma viagem ciclópica. Primeiro eu tive que ir para o Rio de Janeiro, o avião fazia uma escala em Uberaba, e seguia até Goiânia, aonde eu cheguei no dia 1º de maio de 1957. Peguei, na época, um ônibuzinho chamado de jardineira pelos candangos. Era um ônibuzinho de poucos lugares, uma espécie de Van de madeira. Variava um pouco de tamanho. Podia ter 12 lugares, podia ter 14, mas não creio que tivesse jardineira de 16 lugares. A jardineira vinha num dia e voltava no outro. Vim nessa jardineira para fazer a cobertura da primeira missa. Uma viagem terrível. Nós [passageiros] saímos de Goiânia às cinco da manhã e chegamos aqui umas seis horas da tarde. Poeira só! Não tinha asfalto. A estrada era só buraco. Cheguei aqui em 2 de maio de 1957, coberto de poeira, e com uma missão. Cobrir a primeira missa de Brasília. (VASCONCELOS, entrevista oral, em 20 de fevereiro de 2009).

Em 2 de maio de 1957, Brasília recebeu esse jornalista precariamente. Sem hotel para pernoitar, conforme conta, o jornalista dormiu na jardineira em que chegou à cidade. Um banho gelado foi tudo o que conseguiu na Cidade Livre [hoje, Núcleo Bandeirante], no Hotel Souza. Era nesse hotel que, conforme relembra com

detalhes e expressões de certeza, tom constante de sua narrativa, a jardineira parava diariamente, às seis horas da tarde, para retornar às cinco da manhã do dia seguinte para Goiânia. Todos os dias a jardineira ia e voltava a Brasília trazendo operários, engenheiros, jornalistas e visitantes. Vasconcelos revelou pausadamente, com o olhar fixo no passado, cortando palavras e frases com gargalhadas que, naquela noite, quando abriu o chuveiro para espantar o frio da água, o jeito era pular embaixo do chuveiro.

Era uma tentativa louca e desesperada de me aquecer. Eu sou nordestino e no Nordeste você toma banho à noite, não tem problema. Aguinha morna, uma maravilha. Esse banho me marcou. Estava doido para vestir a roupa depressa, mas tinha que me enxugar. Acho que o amor por Brasília começou naquele choque térmico, naquele banho gelado. (Idem).



Figura 6 – Fotografia de ciganos. Ao fundo está o Hotel Souza, local em que Adirson Vasconcelos tomou banho na noite de 2 de maio de 1957. Na porta está estacionada uma jardineira. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

A cidade de “terra vermelha”, inóspita, de árvores tortas, e o cerrado selvagem conquistaram o repórter com o passar dos dias. Ao amanhecer do dia 3 de maio, para ser fiel às palavras dele, outro “choque”. Adirson ia fazer a cobertura da primeira missa da cidade, a celebração seria às dez da manhã e ele tinha que sair às nove para chegar na hora prevista para a cerimônia. Naquele tempo, não havia quase carros na cidade, portanto não havia trânsito, mas a estrada era tão ruim que as escassas conduções levavam uma hora para percorrer os dez quilômetros que separam o Núcleo Bandeirante do Cruzeiro. Mas antes de entrar na condução, algo inédito para ele o deixou em êxtase.

Acordamos cedo, tinha mais um rapaz dormindo na jardineira. Quando acordei olhei para o céu e vi o dia amanhecendo. Ai é que vi o que há de mais fantástico em Brasília, o céu. Quando me virei, para o oriente e olhei o sol nascendo e vi todos aqueles raios, cheio de matizes laranja e avermelhado, era algo que nunca tinha visto, que coisa mais linda! Mas que céu lindo, azulzinho... E aquelas nuvens brancas, tão lindas... Eu nunca tinha visto um céu daquele jeito. Fiquei extasiado olhando aquele céu. Sem entender o que estava acontecendo parei de raciocinar em cima do que estava sentindo e fui cobrir a missa. (Idem).

Ele partiu para fazer a cobertura, e como tinha um programa de rádio, em Pernambuco, conta que levou também um gravador. Neste momento da entrevista, disparou a rir novamente. Dessa vez, o motivo era o tamanho do gravador da pesquisadora. Um aparelho que cabe na palma da mão. “O gravador... Estou vendo esse seu tão pequenininho, tão modesto. O meu gravador só as pilhas secas para fazer funcionar devia pesar cada uma meio quilo. O gravador e as pilhas juntos pesavam um quilo mais ou menos. Comparando hoje, é do tamanho de um filtro de água”.

Vários carros saíram, mas Adirson foi de caminhão para o local da missa. Pegou a estrada do Núcleo Bandeirante [Cidade Livre] até o Cruzeiro. Segundo ele, em uma estrada de terra feita recentemente, em abril de 1957, por Bernardo Sayão, e Joffre Parada, dois engenheiros, e um topógrafo de cujo nome ele não recorda mas que sempre acompanhava Sayão. “Pegamos essa estrada e fomos para lá. A poeira comendo, descemos e eu fui fazer a cobertura”, recorda.

O sermão de Dom Carlos Carmelo marcou profundamente Adirson. O então arcebispo de São Paulo disse, entre outras coisas, que aquele momento era um marco histórico. De acordo com Adirson, Dom Carlos destacou durante a missa que o Brasil, até aquela data tinha três momentos marcantes na história: o descobrimento, a independência, e aquele momento que estavam vivendo, a missa que dava início às obras da interiorização da capital.

Para Adirson, Dom Carlos foi um profeta que anteviu o que seria para o país a transferência da capital, do Rio de Janeiro para Brasília. Conforme recorda, no sermão da primeira missa, Dom Carlos assegurou que Brasília seria o trampolim para a Amazônia, e que o presidente Juscelino era um predestinado e tornaria o feito possível.

Adirson foi testemunha quando JK, na época, perguntou a Sayão em quanto tempo poderia ser construída a Transbrasiliana ³, e Sayão respondeu ao presidente que em um ano ou dois. Três no máximo. O presidente fez a mesma pergunta para o então ministro da Viação e Obras Públicas, Lúcio Martins Meira, que respondeu ser impossível construí-la antes de 20 anos.

O presidente, de posse das duas respostas, convocou uma reunião ministerial em final de 57, início de 58 e disse aos ministros que tinha vontade de construir estradas que ligassem Brasília aos pontos mais distantes do país. Diante dos ministros, voltou a perguntar ao ministro da Viação, Lúcio Meira, em quanto tempo seria possível fazer a obra.

O ministro deu início a um longo discurso explicando as dificuldades de ser construída uma estrada que ligasse Brasília à Amazônia. Esclareceu a todos os presentes que a floresta era considerada intransponível e que só o projeto levaria anos. Enfim, na lógica do ministro Meira, para construir uma estrada cortando mais de 1000 quilômetros da floresta amazônica, se houvesse todo apoio do governo, seria uma obra para ser realizada entre 10 e 20 anos. Por essa lógica, acabaria o governo Juscelino e a obra sequer seria começada. O ministro Lúcio Meira, ao final da resposta dada ao presidente, sentenciou: “Começar, essa obra, seria gastar dinheiro à toa”.

O presidente JK disse que deixasse então o assunto com ele. Juscelino relatou aos presentes na reunião ministerial que havia feito uma conversa com Bernardo Sayão e que ele havia dito que faria a obra em um ano e que, portanto, criaria um órgão para que o engenheiro tentasse fazer essa obra. Não deu outra coisa. O órgão foi criado, a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPEVIA).

Relembrando o momento, Adirson conta que a Superintendência era uma empresa sediada na Amazônia e que tinha como incumbência, entre outras coisas, construir estradas.

³ Rodovia Transbrasiliana = Rodovia Belém-Brasília = BR153. De acordo com técnicos do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT), a Transbrasiliana é a quarta maior rodovia do Brasil (4.355 quilômetros) e leva o nome Belém-Brasília apenas no trecho da estrada compreendido entre Anápolis (GO) e Wanderlândia (TO). Essa rodovia é a principal estrada de ligação do Centro-Oeste e do Meio-Norte do Brasil [Pará, Amapá, Tocantins e Maranhão] com as demais regiões do país. Liga a cidade de Aceguá (RS) ao município de Marabá (PA). (Nota da autora da pesquisa).

Adirson descreve que o ministro, tentando passar na voz o tom mais respeitoso possível, dirigiu-se ao presidente e articulou: “Se ele disse que faz, então faça!”, o ministro proferiu e calou-se. Para Adirson, era tudo o que o presidente queria ouvir.

O projeto do Sayão para esta estrada não fugiu ao espírito profético de Dom Carlos. Veja como são as coisas de Deus! Ele indicou um homem doidão, audacioso, pioneiro, guerreiro, bandeirante e capaz de encurtar um projeto que levaria anos para ser realizado. Sayão, em um mês, junto com o engenheiro, Joffre Mozart Parada, viajaram de C47, no piloto automático, saindo de Anápolis rumo a Belém do Pará, registrando e conferindo todos os acidentes geográficos. Rios, montanhas, matas etc. Na volta, vieram conferindo os registros. Alguns dizem que eles fizeram uma segunda viagem, na semana seguinte, para conferir mais uma vez os acidentes geográficos. Serras, florestas, e rios que precisariam de pontes. Estudaram as possibilidades e a melhor forma para se construir a estrada. Depois desse estudo, Sayão abriu duas frentes de trabalho: uma partindo de Anápolis e a outra partindo de Belém. Foram envolvidos na obra milhares de homens. As obras deveriam se encontrar no meio do caminho, no ponto de ligação que ele [Sayão] fixou no mapa, na altura do Maranhão. Antes dos tratores, os homens é que iam na frente abrindo caminho. Foi uma odisséia. O que para o ministro levaria de dez a vinte anos para ser realizado, com Sayão, [3 anos depois], na data da inauguração da cidade, a estrada estava praticamente concluída. (Idem).

Adirson voltou para Pernambuco, depois de cobrir a primeira missa, para retornar definitivamente em 1958. A volta para casa foi considerada por ele mais fácil porque o aeroporto de Brasília havia sido inaugurado naquele mesmo dia, 3 de maio de 1957, e ele pôde pegar um voo direto para o Rio de Janeiro, e de lá outro voo para Recife. Comovido, Adirson relata como enviou a matéria para o editor chefe do *Jornal O Povo* e revela como se sentia no momento do envio.

Saí daqui empolgado. Tudo o que tinha visto naquela solidão havia definitivamente me tocado. Ainda no Rio de Janeiro, mandei a matéria da primeira missa para o editor do jornal *O Povo*. Naquele tempo, a gente só usava as agências ou os Correios e Telégrafos, para transmitir as matérias. O mais rápido era usar as agências. Nós tínhamos um convênio com uma agência de notícias chamada *Asa Press*, ela transmitia pelo código Morse. O Morse era a tecnologia mais avançada da época. Aquele di di di dá dá dá [diz batendo com os dedos na mesa] era o que tínhamos de mais avançado em tecnologia. (Idem).

Foi por meio do Código Morse que o Brasil foi informado em minúcias sobre a realização da primeira missa em Brasília. Adirson se lembra de todos os detalhes e desmente alguns relatos publicados nos veículos de imprensa da época. Segundo ele, no local onde foi colocada a cruz da primeira missa, Joffre Parada, e toda a equipe responsável por preparar o local para o evento, esticou um toldo de lona para acomodar as pessoas. Construíram um altar de madeira, e em frente a este altar foram colocadas duas cadeiras azuis de espaldar alto.

O presidente Juscelino Kubitschek sentou-se em uma. Na outra, o vice-presidente João Goulart. Uma dessas cadeiras, a que foi ocupada por JK, encontra-se, para visitação, no Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Os candangos assistiram a toda a homilia, em pé, e pontilhavam o ambiente de roupas coloridas, em meio à vermelhidão do solo. Os que haviam saído de casa ou dos hotéis vestidos de branco já traziam nas vestes as marcas rubras da poeira.

Sobre a primeira missa de Brasília existe uma grande polêmica. Muitos colocaram na minha boca que estavam presentes de 10 a 15 mil pessoas. Naquela época, era difícil juntar 100. Não tinha no local mais que 1500 pessoas. O que já era um feito para época. Brasília era tão deserta que 1500 pessoas eram um mar de gente, [diz às gargalhadas]. (Idem).



Figura 7 – Fotografia da primeira missa realizada em Brasília, no Cruzeiro. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

Um ano depois da primeira missa, de acordo com o relato de Vasconcelos, já estavam em andamento as obras prognosticadas por Dom Carlos, no dia 3 de maio de 1957, na cidade-satélite posteriormente denominada Cruzeiro. Vale destacar que

o lugar recebeu esta denominação em razão da cruz que foi colocada no local, por ocasião da celebração da primeira missa.

Adirson Vasconcelos revela que ao chegar a Pernambuco e relatar ao diretor do jornal o seu interesse em vir morar definitivamente na nova capital, foi surpreendido. O deputado Edgar Bezerra Leite já havia pensado em enviá-lo definitivamente para Brasília. O deputado o nomeou seu secretário, na Câmara dos Deputados, no Rio de Janeiro. Essa nomeação deu a Adirson acesso constante a Brasília. A missão do secretário do deputado era reportar ao país e ao mundo o andamento das obras.

Para facilitar o envio das notícias, o primeiro passo foi transformar Adirson em correspondente da folha recifense em Brasília. Adirson que já trabalhava como repórter no jornal *Correio do Povo*, acumulou uma nova função profissional, assessor de imprensa do então presidente do Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Bancários (IAPB), Eno Sadock de Sá.

A partir de então, passou a ser assessor de imprensa do IAPB e correspondente do jornal *O Povo*, em Brasília. Em 1958, acumulou o terceiro emprego, como correspondente da *Agência Meridional*, que pertencia aos *Diários Associados*. Neste último, o repórter tinha a incumbência de mandar flashes – notícias curtas – sobre a construção da cidade, para atender às necessidades de informação dos veículos do grupo.

Os *Diários Associados* já tinham, na época, jornais, rádios e tevê. A *TV Tupi*, nome da emissora dos Diários Associados, havia sido fundada em 1950, e essa organização de Chateaubriand precisava de notícias diárias da capital. Perguntei a Adirson se o primeiro repórter de televisão, em Brasília, atendia então pelo nome de Adirson Vasconcelos.

Ele não garante ter sido o primeiro repórter de tevê em Brasília, mas assegura ter sido o primeiro correspondente da *TV Tupi*, na nova capital, e tem consciência da importância desse papel no cenário político da época. Durante a conversa, ele descreve como se sente a respeito do assunto e sobre o que diziam as primeiras reportagens.

Fico muito feliz em ter chegado primeiro. Era muito entusiasmo. Havia uma predestinação superior, mas havia também uma coisa, que nos empolgava, a mim e a todos que estavam aqui. Operários, engenheiros, todos enfim. O carisma do presidente Juscelino. Esse aspecto é algo a ser destacado. Quando ele vinha a Brasília,

deixava todo mundo empolgado, porque ele era muito acessível. Não tinha seguranças, cumprimentava os operários, abraçava todo mundo. Aqueles operários, apesar de serem pessoas dignas e muito lutadoras, eram imundos, fedorentos de trabalho, de suor. Juscelino não se importava. Abraçava a todos. Também recebia a imprensa sempre. Era um homem muito acessível. Amava falar com seu povo e usava a imprensa como um canal de comunicação entre ele e o povo brasileiro. Era fácil fechar as matérias das visitas do presidente, porque ele sempre nos recebia. (Idem).

Adirson diz que o presidente vinha visitar os canteiros de obras apenas acompanhado de um oficial da Aeronáutica ou do Exército, e esses levavam, somente, uma pasta para guardar documentos e anotações do presidente. JK descia do jipe, entrava no meio daquela turma de candangos e dizia a todos que cumprimentava: “Conto com você para inaugurarmos esta cidade, em abril de 1960”. Para Adirson, esse era o estímulo para os operários exaustos e para a imprensa, antes desconfiada da obra.

Os cabras [candangos] ficavam todos doidões. Nós todos nos entusiasmávamos. Nós vivíamos aqui, principalmente no ano de 1958, que eu vivi intensamente, 59 e começo de 60, um ideal. Todo mundo era amigo um do outro. Carona era uma instituição! Juscelino era um homem simples, criava laços de amizade. Eu mesmo acabei me tornando amigo dele e não fui o único. Cheguei a levar pó de café para ele, para que ele matasse as saudades do café brasileiro, quando ele estava no exílio, em Paris, diz com a voz carregada de boas lembranças do amigo. (Idem).

A primeira moradia de Adirson ao chegar a Brasília, em 1958, foi o Hotel Souza. Não havia disponibilidade de casas. Naquele tempo, só estavam concluídas as obras do aeroporto, e os pontos básicos da cidade, como os Institutos responsáveis por levantar as casas. Entre eles, o Instituto de Aposentadoria e Previdência dos Bancários (IAPB), o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI) e o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos comerciários (IAPC). Todos os Institutos eram responsáveis pelas construções das casas na área que passou a ser a W3 Sul [avenida da capital].

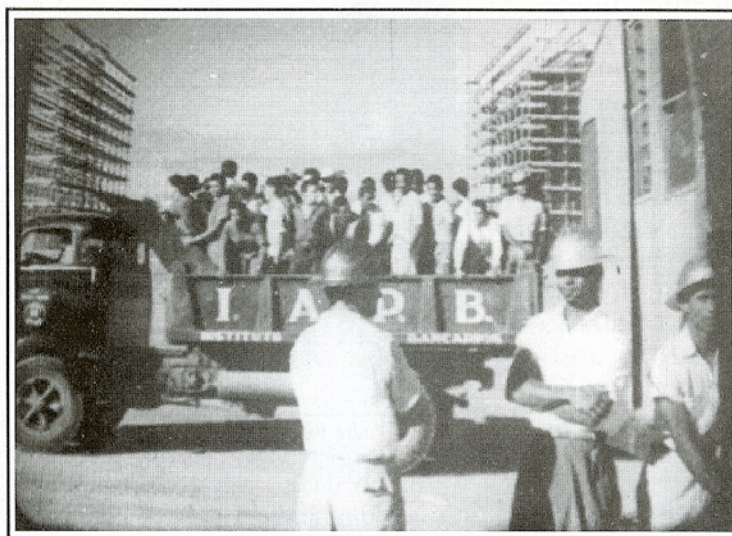


Figura 8 – Fotografia de anônimos trabalhadores do IAPB, um dos Institutos responsáveis pela construção das casas. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

2.5. Caminho de “ponte aérea”

O isolamento de Brasília, em 1958, fez com que Adirson solicitasse aos patrões duas passagens aéreas mensais para o Rio de Janeiro. A par de ser uma cidade tranquila, a futura capital não tinha qualquer possibilidade de diversão ou vida social.

Eu era solteiro. Mulher não tinha. Aqui só tinha homem. A gente [candangos] buscava relacionamentos fora da cidade, os que tinham melhor situação financeira buscavam esses relacionamentos no Rio de Janeiro. Naquela época, aqui em Brasília, noventa por cento das senhoras que estavam aqui eram esposas dos engenheiros, operários, das pessoas que vinham para cá trabalhar. (Idem).

Em três anos, o que de fato começou a acontecer com a cidade em termos de população, para ser fiel às palavras de Adirson, foi um milagre. Em 1958, em junho, faltando dois anos ainda para terminar de erguer a cidade, foi inaugurado o Palácio da Alvorada. Local que foi sede temporária de atividades diplomáticas e serviu de palácio presidencial até a inauguração do Palácio do Planalto.

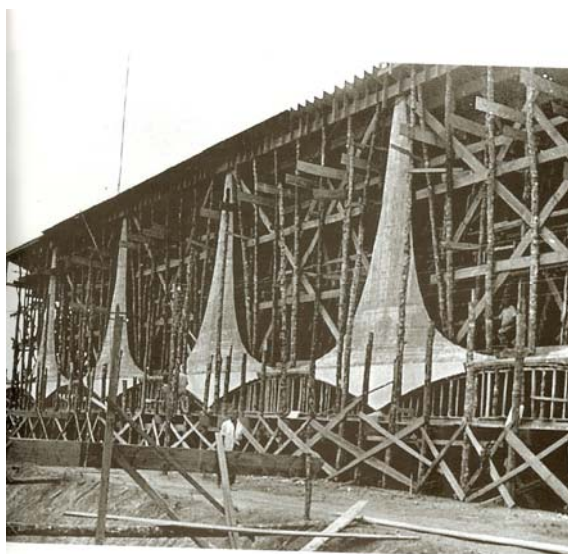


Figura 9 – Fotografia do Palácio da Alvorada (1957) ainda em construção. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

Neste mesmo ano (1958), foram inauguradas a estrada de asfalto que liga Brasília a Goiânia e a Avenida das Nações, rota que vai do aeroporto até o Palácio da Alvorada. Tudo virava notícia.

Os salários eram, em geral, o dobro do restante do país, de acordo com entrevistados desta pesquisa. Havia, inclusive, quem trabalhasse três horários, porque assim podia mandar mais dinheiro para a família. Dia e noite se viam construções serem erguidas. A cidade não parava. “Quando um candango se feria, não ia para o hospital. Ele continuava trabalhando. Eu mesmo vi, numa betoneira, o cabra [operário candango] derramando sangue pelos braços e continuar tocando a obra”, assegura Adirson.

Há um aspecto mítico-religioso que envolve a cidade e que foi testemunhado por Adirson. Ainda não havia nada de alvenaria em Brasília, e vieram demarcar um local para a construção do Palácio da Alvorada – primeira edificação de tijolos, areia, ferros e cimento da cidade –, em final de 1956, começo de 57, o engenheiro Bernardo Sayão, o presidente da Novacap e responsável pelas obras de Brasília, Israel Pinheiro, e o arquiteto Oscar Niemayer. Em meio ao trabalho, um pedido diferente.

Os três estavam juntos, já fazendo a medição do local da demarcação, quando Israel Pinheiro olhou para o alto, onde hoje é o morro da Ermida Dom Bosco, e disse: ‘Sayão você não teria jeito de fazer uma capelinha lá naquele morro e botar Dom Bosco lá, para ele ficar olhando essas obras?’(Idem).

Orgulhoso de conhecer de perto esta história, Adirson assegura que foi assim, e naquele momento, que nasceu o projeto da Ermida Dom Bosco. Segundo ele, Bernardo Sayão pegou uns croquis [rascunho, esboço] de Niemayer, ali, naquela mesma hora e depois foi a Goiânia e contratou o engenheiro Geraldo Tarsos, que veio, construiu e inaugurou a Ermida ainda em dezembro de 1956.

O historiador lembra-se de muitos detalhes da época. De olhos cerrados, visivelmente concentrado e emocionado, Adirson, com o rosto voltado para o céu, como a recitar uma prece, como a declamar uma poesia, repetiu as palavras do presidente JK. “Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os meus olhos, mais uma vez, sobre o amanhã do meu país, e antevejo uma alvorada com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino”.

Entre outras lembranças do pioneiro, está o corre-corre registrado em 1959 e principalmente no começo de 60. As construções estavam em fase de acabamento. Essa etapa era considerada a que dava mais trabalho.

Israel Pinheiro ia sempre à Ermida Dom Bosco, orar para São João Bosco. Mas o jipe não chegava até o alto da Ermida, o carro ficava um pouco longe e o doutor Israel ia assim mesmo e terminava o percurso a pé. Certo dia, ele estava tão nervoso, tão aperreado, entre final de 59 e início de 60, que o motorista ficou preocupado. O motorista disse que de repente ouviu uns gritos e correu pensando que alguém poderia estar atacando Israel Pinheiro. Quando ele foi se aproximando da Ermida, quando chegou bem perto, escutou o doutor Israel blasfemando com Dom Bosco. ‘Mas nós não combinamos que esse material chegava tal dia, nós não combinamos isso, nós não fizemos aquilo’. O motorista pensou que Israel Pinheiro estava ficando doido. (Idem).



Figura 10 – Fotografia da Ermida Dom Bosco, final da década de 1950. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

3. Cobertura da inauguração de Brasília

A missa realizada em Brasília, por volta da meia-noite, do dia 20 de abril de 1960, véspera da inauguração da cidade, foi realizada, aos pés da mesma cruz que Pedro Álvares Cabral trouxe de Portugal, para o Brasil, para realizar a primeira missa em solo brasileiro.

Na manhã do dia 21, o presidente Juscelino Kubitschek acordou com os clarins, da sexta companhia de guarda, que ficava ao lado do Palácio da Alvorada. Depois do café da manhã, o presidente foi para o Palácio do Planalto, na época, também conhecido como Palácio de Despachos. Lá, JK participou da primeira solenidade prevista na programação oficial do dia.

Na hora da cerimônia oficial, o mastro que o presidente ia hastear a bandeira enguiçou o cordãozinho lá em cima. Não tinha uma escada por perto. Os diplomatas ali à espera, toda aquela coisa. De repente um candango disse: 'Não se preocupem que eu quebro esse galho'. E, subiu no mastro como quem trepa um pau de sebo, desengatou o cordão e resolveu o problema. As coisas eram resolvidas assim, na base do entusiasmo. Nós tínhamos aqui, naquele dia da inauguração, mais de cem mil pessoas, contando logicamente com os empregados, com os trabalhadores. (Idem).

Segundo Adirson, primeiro foi inaugurado o Alvorada. Em seguida, o Palácio do Planalto, de manhã cedo, 8 horas, com todo o corpo diplomático, e depois o Congresso Nacional, com duas sessões muito importantes. O Supremo Tribunal também abriu as portas. Houve uma sessão inaugura, com todos os ministros presentes, com tudo funcionando plenamente. Foram três dias de festa. À tarde, os festejos ficaram por conta dos militares que desfilaram no Eixo Monumental.



Figura 11 – Fotografia da chegada de Juscelino Kubitschek de Oliveira ao Congresso Nacional no dia da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

Adirson descreve o clima entre os candangos e os visitantes que vieram para a festa de inauguração, em 21 de abril de 1960. Ressalta que desde que chegou a Brasília as obras só haviam parado um único dia. Foi quando morreu Bernardo Sayão.

Ele morreu em janeiro de 1959, na estrada, e ele foi enterrado aqui. A Cidade Livre parou, fecharam tudo quanto é porta, colocaram panos pretos nas janelas, em sinal de luto. Foi uma consternação geral, porque ele era um grande líder. Era o comandante do operariado e de todos nós. Ele era um sujeito empolgante. Tinha o mesmo espírito do presidente Juscelino.

De acordo com Adirson, todos os jornais enalteciam a coragem e a iniciativa de JK. Apenas um jornal impresso execrava a construção de Brasília, porque fazia oposição a Juscelino. Era um periódico de Belo Horizonte, *O Binômio*.

A imprensa amava o presidente Juscelino. A única oposição forte era feita pelo *O Binômio*. Jornal de BH. Mas os outros jornais, de

modo geral, se você analisar os recortes de jornais da época, de todo o país, eram favoráveis à mudança da capital e entendiam a importância desta transferência. Com as televisões não foi diferente. É o caso, por exemplo, de Assis Chateaubriand, que era contra a mudança da capital e mudou de ideia depois das visitas que fez aqui. Ele era embaixador em Londres, na época, e veio aqui muitas vezes, e ficou empolgado com o que viu. A última vez que ele esteve aqui escreveu uma belíssima crônica sobre o céu de Brasília. Só de exaltação a tudo o que ele estava vendo. Chatô tinha feito um desafio ao presidente Juscelino. Ele dizia que se a cidade realmente fosse inaugurada ele montaria um jornal aqui. Ele havia dito isto de *blad* [brincadeira, blefe], mas quando viu que a cidade ia ser mesmo inaugurada ele, Chatô, teve que montar um jornal aqui em 90 dias. Isso foi em final de 1959. Em setembro, foi lançada a pedra fundamental do Jornal *Correio Braziliense*, de última hora, porque ele não podia ser desmoralizado e ele correu com a obra. Correu feito louco. (Idem).

3.1. A rádio: pedra fundamental

De acordo com os entrevistados desta pesquisa, Juscelino motivou jornalistas de todo o país para vir para Brasília, por meio da Rádio Nacional. No dia da inauguração vieram televisões, rádio e jornais de todo o Brasil. Segundo Adirson Vasconcelos, Brasília tinha uma frequência de jornalistas muito grande, mesmo antes da inauguração. Eles vinham do Rio e voltavam, vinham para fazer cobertura quando havia um evento mais importante.

Em 21 de abril de 1960, a Rádio Nacional já era uma coqueluche na cidade. Foi um grande instrumento de comunicação de Brasília, porque ela tinha uma potência extraordinária e era ela quem transmitia as notícias de Brasília para todo Brasil. Essa rádio foi inaugurada em 31 de maio de 1958. Leoni Mesquita, jornalista de Belo Horizonte, era o diretor. A rádio, além de ser um grande instrumento de divulgação de Brasília em todo o Brasil, era a satisfação do operariado. O rádio de pilha só sintonizava a Rádio Nacional. Tinha uma programação muito boa. Tocava músicas de Luiz Gonzaga, transmitia o noticiário. Ao meio dia, Clemente Luiz fazia as crônicas da cidade. A Rádio Nacional aqui foi um elo. Um elo de conagração, porque todo mundo a ouvia. A Nacional se dava ao luxo de ter uma orquestra. Tinha programa de auditório, com cantores e músicos. A presença da Rádio Nacional criou em Brasília um *casting* de músicos e compositores. Isso facilitou a vida da cidade, porque estes músicos tocavam na boate do Brasília Palace Hotel, nas boates da Cidade Livre, na Tiroleza, na Night and Day. Era música ao vivo, com os músicos que trabalhavam na Rádio Nacional. O papel da Rádio Nacional foi importante e o presidente Juscelino, quando fez a inauguração, em 31 de maio de 1958, transmitia esse pensamento de que a Rádio Nacional era um

instrumento de ligação com o Brasil a fora. Era um instrumento de conagração. Esse era o papel da Nacional. Ligar Brasília ao resto do país. (Idem).

Em 21 de Abril, foram inauguradas e começaram a transmitir diretamente da nova capital a TV Nacional e a TV Brasília. Para Adirson, esses veículos foram vitais e os jornalistas que atuaram aqui na primeira década foram da maior importância.

Os jornalistas começaram a chegar aqui, em 1959, e foram se instalando e fincando raízes na cidade. A TV Brasília, já estava programada para ocasião, era dos *Diários Associados*, inaugurou junto com o *Correio Braziliense* e havia um providenciamento, eu não tenho segurança, se no mesmo dia a TV Nacional já estava operacionalizando. Todavia, o Assunção, que era cinegrafista, fez a captação da inauguração para TV Nacional. Fez a cobertura naquela máquina de transmissão. Não havia transmissão direta. Não havia microondas, não havia Internet, a coisa era muito local. Fazia o filme e corria para o aeroporto e levava para os lugares. Rio de Janeiro, São Paulo. Era aquela corrida. Até os fotógrafos, faziam as fotos e saíam correndo para o aeroporto para levar os filmes, para os seus jornais no Rio de Janeiro e São Paulo. A Nacional e a TV Brasília foram as duas primeiras tevês da cidade e prestaram um grande serviço, um serviço extraordinário, porque os funcionários que vieram para cá, não tinham quase nada para fazer à noite. A opção mais barata era assistir estas duas televisões. Entreteinha o pessoal. Nós tínhamos aqui apenas um cinema, o Cine Brasília. Todo dia era obrigado a passar um filme novo, porque todo mundo ia assistir, eram mil lugares e uma das poucas diversões da época. Tinha também dois cinemas na Cidade Livre, Brasil Central e Bandeirante. (Idem).

A Rádio Nacional foi de fato o primeiro passo em direção à inauguração da TV Nacional. Celson Carlos Batista de Oliveira, 75 anos (em 2009), chegou a Brasília em 1958, com 23 anos, vindo do Rio de Janeiro, para atender a um pedido do pai.

O mineiro, de Juiz de Fora, Celson Carlos, estava na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, no final de 1957, e dentro e fora da rádio o tema mais recorrente nas rodas de conversa era a construção da nova capital federal, no centro do país. Na opinião dos jornalistas da Rádio Nacional (RJ), o feito de Juscelino seria impossível. Intimamente todos torciam para dar errado, porque, para ser fiel às palavras de Celson, “ninguém queria vir para um sertão coberto de mato”.

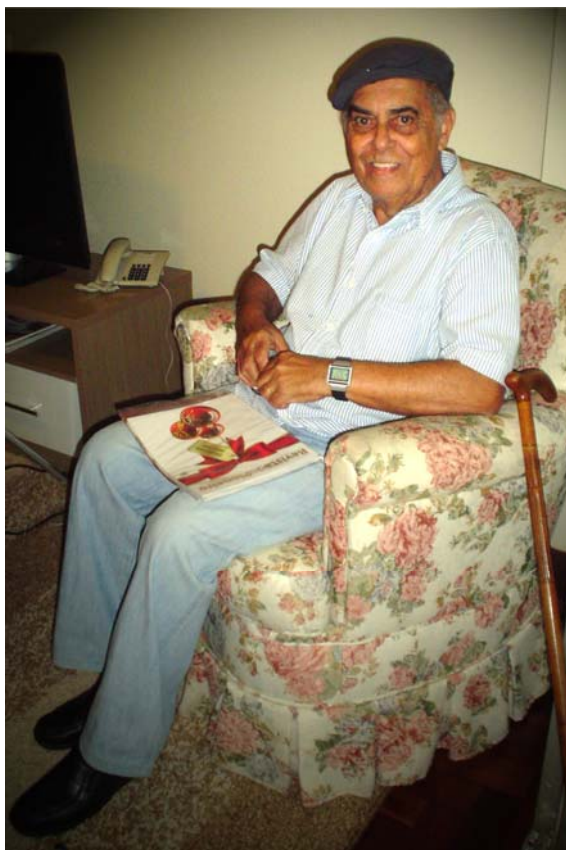


Figura 12 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 10.03.09, dia da entrevista oral.

De acordo com Celso, na Rádio Nacional, nesta ocasião, correu uma lista, do próprio Presidente JK, convidando os funcionários para formar a Rádio Nacional, em Brasília, e pedindo para que a maioria aderisse. Mas não houve adesão imediata. Ainda em 1958, o radialista Celso estava na redação da Rádio Nacional, do Rio, junto com Eron Domingues, quando o substituto de Eron, Leoni Mesquita, passou e o indagou se ele viria ou não para Brasília.

Eu vou. Peguei a lista e assinei. Quando eu assinei, olhei e não tinha nenhuma assinatura. A minha foi a primeira. Assinei. Eu sei que no final, ajudei muito, falei muito com um, com outro. Alertei os colegas que vir tinha vantagens. Uma das vantagens era vir com tudo pago, com o salário de lá mais 50%. Então com essas vantagens eu comecei a botar na cabeça de muitos para vir. Entre eles, Rui Carneiro, Hamilton Monteiro, infelizmente já falecido e Zair Cansado. (OLIVEIRA, entrevista oral, em 10 de março de 2009).

O ex-diretor fundador da TV Nacional, em Brasília, e atual (2009) presidente da Editora Dom Bosco, Celso Carlos, recorda-se de alguns nomes que aderiram à campanha desenvolvimentista de JK e a seu apelo pessoal, para integrar a equipe

que veio para Brasília, no início de 1958, primeiramente para fundar a Rádio Nacional e depois para ajudar a inaugurar a TV Nacional, em 21 de abril de 1960.

Com a equipe formada, pegamos o avião. Um queria ser *câmera-men* e ele foi o nosso primeiro câmera, o Simão. Está até hoje aqui em Brasília. Tínhamos dezesseis na equipe, porque dez eram jornalistas da Rádio Nacional e mais seis eram da orquestra. O maestro era o Coleman, mas veio o Juca do acordeão, Isahi da bateria, o Pedraca do pistão e mais uns dois que eu não me lembro o nome e que faziam parte do conjunto. Cantor não veio nenhum. Cantor nós fomos resolver depois aqui em Brasília. Assim formamos uma equipe de técnicos, redatores, jornalistas e músicos, e que poderiam fazer a Rádio Nacional funcionar perfeitamente em Brasília. (Idem).

Em maio de 1958, a Rádio Nacional já estava com as antenas preparadas, com os transmissores levantados, em um local antes de Taguatinga, segundo Celson, um local conhecido como Rodeador. Foi desse local que Celson coordenou as primeiras transmissões. Uma experiência para saber de que forma o som chegaria primeiramente ao Plano Piloto. “Deu tudo certo. Um som maravilhoso. Eram ondas médias e curtas. Só não tinha ondas longas. Eram médias e curtas, mas dava para pegar no Brasil todo”.

Depois de testada e aprovada a Rádio Nacional, o radialista ficou incumbido de fazer a programação. Montei a grade toda de 7h da manhã às 9h da noite. Aos sábados, às 19h, foi reservado para os programas de auditório. “Trazíamos grandes artistas do Rio para se apresentarem aqui. Foi ótimo. Um sucesso tremendo. O telefone não parava de tocar. Cantores querendo vir, não só por causa do cachê, que era pequeno, mas também para conhecer Brasília. Todo sábado vinha um. Ivon Cury, Lúcio Alves, Neusa Maria, Ângela Maria”.

Em agosto de 1959, a Rádio Nacional foi oficialmente inaugurada e foi, segundo Celson, sucesso imediato. O presidente Juscelino, satisfeito com o resultado da rádio, foi cumprimentar a equipe da Nacional. Ao abraçar Celson, JK fez o pedido: ‘agora só dependo de vocês para uma coisa. Eu queria que vocês fizessem o maior esforço para ter a televisão no dia da inauguração de Brasília. Quero na inauguração a cobertura da TV Nacional’. Menos de oito meses depois, a TV Nacional estava operando e cobriu a inauguração da cidade.

Isso foi uma coisa incrível que aconteceu, porque a Rádio Nacional do Rio era a maior do Brasil e cansaram de pedir um canal de televisão no Rio. Seria um estrondo com os artistas que eles tinham, mas eles não conseguiram. Mas a tevê aqui de Brasília conseguiu. Contratamos técnicos em São Paulo e tudo o mais que foi necessário. Isso já foi perto da inauguração de Brasília. A sede na 701 Sul estava pronta. Construiu rápido. Um prédio baixinho. Aquela parte da esquerda que tinha uma porta grande era a entrada do auditório. Na frente tinha a sala do comercial. Naquela parte toda da frente do prédio, que hoje é grama, ali seria o prédio da TV Nacional de Brasília, que seria um prédio digno. Até hoje está só o terreno lá. Não houve nada, não fizeram nada por causa da revolução de 1964. Entrou a revolução no meio e acabou com tudo. (Idem).

O amplo ambiente construído na 701 Sul para abrigar a Rádio Nacional cedeu espaço para acolher a TV Nacional. Celson contratou equipes e técnicos no Rio e em São Paulo, e assim foi formada uma equipe que ao todo contava com 40 profissionais, distribuídos na operacionalização das duas mídias.

Segundo Celson, a necessidade de novas contratações surgiu porque os técnicos que montaram a rádio entendiam muito de rádio, mas de televisão não entendiam nada.

Eu me lembro que eu fui ao Rio e o presidente da Rádio Nacional, Mário Pires, já sabia que a tevê seria implantada em Brasília, porque o presidente [JK] já tinha falado com ele que queria a televisão. Começamos então a trazer gente especializada. O pessoal foi chegando, fomos acomodando aqui, numa casa, e quando podia num hotelzinho. Levamos de 60 a 90 dias para ela [tevê] estar no ponto de poder já começar a funcionar. Mas onde é que nós íamos colocar a televisão? Nós havíamos deixado a metade do prédio pensando exatamente em aumentar a rádio depois. Mas, como surgiu o problema da televisão, e estava tudo correndo bem lá [na rádio], decidimos que o espaço desocupado ficaria para a televisão. Então ali [nas instalações da Rádio Nacional] nós instalamos o estúdio e tudo que era necessário para o funcionamento da televisão. O auditório da Rádio Nacional era grande, por isso, a televisão e a rádio usavam o mesmo auditório. Então, o que nós fizemos, juntamos tudo nesse prédio e ficou fundada ali a televisão. Nós colocamos assim: TV e Rádio Nacional de Brasília – Canal 3. (Idem).

De acordo com Celson, a montagem da TV Nacional em Brasília incomodou profundamente a equipe da Rádio Nacional no Rio de Janeiro e gerou muita “inveja” por parte dos que não vieram para a nova capital. Mas ao mesmo tempo em que foi

alvo de despeito, a emissora foi fundamental para que Chatô conseguisse instalar a TV Brasília.

Houve uma ciúmeira tremenda do pessoal de lá da Nacional Rio com o pessoal daqui de Brasília, porque aqui nós tínhamos a televisão. Lá não tinha. A TV do Chateaubriand [TV Brasília], que veio para cá com equipe também, aproveitou muito o trabalho da TV Nacional e a Nacional ajudou muito eles a montarem a TV Brasília, que era o canal 6. (Idem).

Celson Carlos participou ativamente da cobertura da festa de inauguração da cidade e escalou as equipes técnicas, repórteres e fotógrafos que fariam as reportagens dos festejos. Segundo ele, estavam na cobertura, entre os jornalistas de outras mídias, os profissionais das primeiras tevês brasilienses (TV Nacional e TV Brasília). Na visão de Celson, os jornalistas escalados na TV Nacional, cumpriram o compromisso que firmaram com Juscelino Kubistchek. Desempenharam, com a desenvoltura possível, o papel a que se comprometeram.

Essas primeiras tevês fizeram a cobertura da inauguração da cidade e foram as porta-vozes do discurso do presidente à nação, apesar de não ter ainda tecnologia para ser vista em todas as capitais do país.

De acordo com Celson Carlos, mesmo diante de toda precariedade das transmissões, a reação do presidente Juscelino foi de euforia e de satisfação, quando viu a cidade sendo inaugurada e a TV Nacional pronta para fazer a cobertura.

A inauguração da Rádio Nacional já tinha sido uma maravilha e com a da tevê foi a mesma coisa. Todo mundo feliz, todo mundo satisfeito, porque realmente foi outra vitória de Juscelino Kubistchek. Em Brasília, a televisão foi ao ar com uma imagem ótima. Uma transmissão ótima. Juscelino discursou, falou para o Brasil todo pela Rádio Nacional, para televisão local [TV Nacional] e para onde ela podia repetir [alcançar]. O problema de televisão era diferente. Você arranja o transmissor em um determinado lugar, um outro no outro lugar. Então devia ser mais capitais. Mas Belo Horizonte, por exemplo, tomou conhecimento, São Paulo tomou conhecimento. A imagem foi. Não sei se foi excepcional. A TV do Chateaubriand também compareceu, mas eu não posso dizer nada sobre [a transmissão] dela. (Idem).

3.2. A programação: fundamentalmente entretenimento

A programação das primeiras tevês, TV Nacional e TV Brasília, tinha para Adirson, dificuldades técnicas, mas havia programação diversificada. A grade de exibição trazia noticiários, programas de auditório, filmes.

“Ficou famoso aqui Titio Vanderley, que trabalhou na Rádio Nacional muito tempo, animando os programas de auditório, tinha novelas, mas a programação de televisão era fundamentalmente entretenimento”.

Adirson acompanhou de perto as primeiras transmissões de tevê em Brasília, tornou-se amigo de muitos profissionais que ajudaram na inauguração das primeiras emissoras e afirma que as televisões foram montadas com os homens do rádio.

O pessoal de televisão veio do rádio basicamente. Alguns vieram dos jornais, mas a maioria veio do rádio, e a televisão foi muito útil, principalmente em termos de denúncias de manobras políticas. Eu acompanhei a evolução de Brasília do nada ao que é hoje. Na televisão, por exemplo, as principais mudanças ocorreram na programação e na espetacularização da notícia. A televisão foi um instrumento importantíssimo na fixação e na consolidação de Brasília, mas eu tenho observado que atualmente a televisão, de um modo geral, em todo o país, diferentemente daquela época, tem buscado, quer no noticiário, quer nas novelas, quer até em programas de entretenimento, a conquista da audiência a qualquer custo. Isso deseduca, porque os dramas sociais não podem ser expostos assim numa sala em que tem uma criança, um adolescente. Falta espírito público. Eu sou jornalista, gosto de notícias, mas há programas aqui, que pelo conteúdo da notícia estavam me deprimindo. Informações que não levam a nada. A televisão está agressiva nas notícias e não muito construtiva nas novelas. (Idem).

4. Brasília e os pioneiros da consolidação

4.1. A coragem de Heitor Andrade

No final da década de 1960, jornalistas chegaram para aventurar, tentar um futuro mais promissor do que poderiam alcançar em seus locais de origem. É o caso, por exemplo, do jornalista e poeta Heitor Humberto de Andrade (na data da pesquisa com 71 anos de idade) que desde menino, acompanhava a discussão sobre a construção da nova capital da República.

Mas foi somente em 1963, aos 26 anos, que o filho de Esmeraldo Pinheiro de Andrade e Judith Mendes de Andrade saiu de Salvador. Mas não com destino a Brasília. “Eu sou um homem de terra. Gosto é de gado, de cavalo, de galinha, mas Brasília faz parte da minha epopeia, da minha poética de vida. Quando eu cheguei a Brasília me senti na minha própria geografia”.

Na época da inauguração, o baiano Heitor Andrade alega que faltou coragem para se aventurar em uma cidade em edificação, apesar de Brasília já ter três anos e estar funcionando a pleno vapor. Heitor queria construir a carreira em um lugar consolidado no cenário nacional e que lhe abrisse um leque de novas oportunidades. Assim, preferiu tentar a vida em São Paulo.



Figura 13 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 3.03.09, dia da entrevista oral.

Em junho de 1966, aos 29 anos, Heitor Andrade rompeu com tudo, com família e emprego, e veio para Brasília e aqui ficou, porque queria resgatar um sonho de juventude. Mais maduro e experiente, depois de enfrentar o mercado de São Paulo, criou coragem e partiu para a nova capital. Segundo ele, porque quem consegue trabalhar em São Paulo consegue trabalhar em qualquer outro lugar do planeta.

Em junho de 1966, quando vim para Brasília, eu não tinha destino. Mas já cheguei com o pé direito. Cheguei aqui sem saber direito o que eu ia fazer. Fiquei hospedado na W3 Norte onde só tinha a Disbrave. Tudo que tinha em volta eram casinhas de madeira. Dormi ali na primeira noite. No outro dia, acordei e comprei o *Correio Braziliense* e vi que naquele dia iria ter um encontro de escritores no Hotel Nacional. Fui a este encontro, porque eu era escritor e já tinha livro publicado. Minha área é poesia e crítica de arte. Quando cheguei ao Hotel Nacional me encontrei com Lago Burnett, coordenador do encontro e Secretário Geral do *Jornal do Brasil*, considerado o maior jornal do país, na época. No dia seguinte, eu já era notícia no JB, como um poeta que debatia os problemas culturais de Brasília. (ANDRADE, entrevista oral, em 03 de março de 2009).

No mesmo dia em que Heitor esteve no Hotel Nacional para o encontro de escritores conseguiu emprego. Ele estava passeando na hora do almoço e tinha um senhor montando uma livraria, a *Encontro*. Ele entrou e começou a conversar. De acordo com Heitor, o homem era ninguém menos que Victor Alegria Thesaurus. O livreiro puxou assunto e perguntou a Heitor o que ele fazia e Heitor respondeu que era escritor. Curioso, Victor quis saber o que ele estava fazendo em Brasília.

Eu estou procurando emprego, respondi. Victor Alegria sem hesitar disse que estava indo para São Paulo, naquele dia, e que eu acabava de arranjar emprego, como gerente da livraria. Naquele mesmo dia me mudei para lá, porque em cima da livraria tinha uma quitinete. Esta livraria ficava no Hotel Nacional e foi o maior espaço cultural de Brasília, naquela época. Vítor ainda é o maior editor da cidade. É um dos baluartes da cultura brasileira no plano internacional, porque a *Thesaurus* é uma editora com reconhecimento mundial. Eu fiquei mais ou menos um ano na livraria *Encontro*. Nessa livraria eu ficava até de madrugada, conheci ali Golbery, Gustavo Capanema e grandes personalidades do Brasil que passavam por ali. (Idem).

Segundo Heitor, o Hotel Nacional, naquela época, era o centro político da cidade. Por essa razão, ele só fechava a livraria quando não tinha mais nenhum cliente. Às vezes, a loja de livros ficava aberta até às três horas da manhã. O senador Arnon de Mello, pai do ex-presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992), era o maior comprador de livros da *Encontro*. Quando entrava na livraria, comprava pelo menos trinta exemplares. Depois voltava e discutia os livros com o livreiro Heitor. “Arnon de Mello, foi um dos mais notáveis intelectuais que eu conheci em Brasília. Um homem preparadíssimo. Infelizmente, a imagem que ficou dele foi a de um político que matou um senador”.

Em 8 de setembro de 1967, um ano depois de contratado, Heitor saiu da livraria e foi trabalhar como relações públicas nas Lojas Slaviero, uma das maiores distribuidoras da Ford no Brasil. Mas foi somente em 1975 que ele entrou para a imprensa local.

A Slaviero era uma empresa do Paraná poderosíssima e era o maior empreendimento da W3 Norte, quando eu fui trabalhar lá com o pioneiro Valdomiro Slaviero. Mas o meu próximo passo, depois de ser relações públicas do Slaviero, foi ir trabalhar no *Correio do Planalto*. Um jornal fundado pela Consuelo Badra e por Cléber Ribeiro, um jornalista da Bahia. Isso já, em 1º outubro, de 1975. Esse jornal foi um dos maiores fenômenos do jornalismo no país, porque, naquela época, em Brasília, era proibido falar em crime. Era

uma ditadura. Esse jornal quebrou todos os paradigmas. Nós falávamos de crime e de tudo, e tinha grandes jornalistas trabalhando nele [*Correio do Planalto*]. (Idem).

Heitor Andrade era repórter especial e editor do caderno *Terceiro Milênio*. Elaborava pautas sobre o misticismo que envolvia a cidade e as oferecia nas reuniões de pautas. O jornalista frequentava com constância a periferia da cidade. Esteve em vários terreiros de candomblé em Taguatinga, Ceilândia e Planaltina.

Eu era um dos repórteres, provavelmente o que mais conhecia Brasília. Eu mergulhava nessas roças e tinha muitas roças aqui. Porque eu sempre gostei de misticismo, então eu só publicava matéria sobre Candomblé, sobre Tia Neiva, Vale do Amanhecer, Yokanan. Nessa época, eu conheci mais ou menos uns trinta Pais de Santo e mergulhei a fundo no misticismo de Brasília. E, essa é uma área que estudo muito – a vocação do planalto para essa coisa mística. Sempre quis explicar porque que aqui tem tantas religiões, tantas seitas, tanta coisa mística. Isso tudo faz parte da minha cultura. É o resgate do mágico e do mítico, porque Brasília é fruto de um grande sonho de Dom Bosco, de uma profecia que alguns dizem que nunca houve. Mas essa história de que houve ou não, não interessa. O que é verdadeiro é o mito. Impossível construir a história sem o mito. (Idem).

Em 1978, no dia 1º de abril, doze anos depois da chegada a Brasília, Heitor foi admitido na TV Brasília, como chefe de reportagem. O chefe geral de jornalismo, na época, era Álvaro Costa, e a inseparável carteira de trabalho, já desgastada com o tempo comprava esse ingresso na mídia televisiva.

Na época que entrei na TV Brasília, em 1º de abril de 1978, já existia em Brasília, além da TV Brasília, a Globo, a TV Nacional e a Record. Fiquei na TV Brasília bastante tempo e foi aí que eu me tornei um jornalista nacional, porque nessa época a Tupi era a maior rede de televisão do país. Foi uma grande escola, porque era um local com muita liberdade e diferente da Globo que era uma emissora...[com dificuldade de liberdade]. A TV Brasília era muito mais livre, mais criativa em termos de ação jornalística. (Idem).

10

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição: **S/A CORREIO BRASILEIRO**

Cidade: **BRASILIA**

Estado: **D. FEDERAL**

Setor de: **INDUSTRIAS**

Rua: **GRAFICAS 300/350**

Espécie do estabelecimento: **JORNALISMO E TELEVISAO**

Natureza do cargo: **Redator "B"**

Data da admissão: **01 de Abril de 1978**

Registro n.º: **2794**

Remuneração (especificada): **915.400,00 (Quatro mil e quinhentos e quarenta mil reais)**

S/A CORREIO BRASILEIRO

Correio Brasileiro - TV Brasília

Celio Dietra Gomes - Dept. Pessoal

11

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do estabelecimento, empresa ou instituição: **RADIO E TV UNIVERSITARIA METROPOLITANA LTDA.**

Cidade: **BRASILIA**

Estado: **D. F.**

Rua: **SPTU-SUL Q-701 BLOCO F TERPEO**

Espécie do estabelecimento: **RADIOFUSAO**

Natureza do cargo: **GERENTE (AD) JORNALISMO**

Data da admissão: **09 de JUN HO de 1980**

Registro n.º: **211**

Remuneração (especificada): **9825.000,00 (VINTE E CINCO MIL CRUZEIROS)**

RADIO E TV UNIVERSITARIA-METROPOLITANA LTDA.

Gestao de Pessoal e Contabilidade

04 de JUN HO de 1983

RADIO E TV UNIVERSITARIA-METROPOLITANA LTDA

Dep. Pessoal

Figura 14 – Digitalização a partir do original, da carteira de trabalho de Heitor Humberto de Andrade, que embora tenha sido contratado como redator “B”, efetivamente exerceu a função de chefe de reportagem na TV Brasília.

Na avaliação de Heitor, o que vale destacar de mudança na grade de exibição das emissoras é a profissionalização que ocorreu ao longo dos anos. Na época em que ele começou a trabalhar em tevê, e nos primeiros anos das tevês em Brasília, as grades de programação e os programas eram marcados pela falta de profissionalização na área. Os primeiros anos foram praticamente com programas ao vivo. Só depois do Vídeo Tape (VT) é que os programas começaram a ter menos erros no ar porque eram gravados.

Havia muito amadorismo. Havia muito experimentalismo. Era uma coisa meio caótica, apesar das pessoas criarem muito. E, isso era fantástico. A imaginação e a capacidade daqueles profissionais, que não tinham os equipamentos que tem hoje. Hoje (2009), com toda essa tecnologia tudo ficou muito fácil. Naquela época, era um drama. As grades de programação não eram muito respeitadas. Mas posso afirmar que a programação da TV Globo não sofreu muitas alterações, não mudou muito, porque como o padrão dela é norte-americano ela obedeceu à logística do jornalismo americano. Não era um jornalismo brasileiro. Era um modelo Yankee. Na TV Brasília o modelo era brasileiro, muito aberto, muito criativo era uma grande escola. Geralmente, as pessoas saíam da TV Brasília e iam para a

Globo, porque já ia com uma desenvoltura muito grande. Não me lembro muito como eram as outras emissoras, mas a TV Nacional sempre chapa branca, era governo mesmo e no governo militar... Só passavam programas oficiais mesmo. A Record passava muito filme e tinha os grandes festivais. A Record era notável. Foi ali que nasceram os grandes ídolos, os ícones da música brasileira. (Idem).

O fato mais importante que Heitor declara ter acompanhado como jornalista da TV Brasília foi um Seminário de Ufologia, que houve no Congresso Nacional, no final da década de 1970, início da década de 1980.

Segundo Heitor, esse evento teve repercussão mundial, porque mister Heither, cientista e físico da NASA, e o general Uchôa, estavam presentes e conheciam muito do assunto. O então presidente da Câmara, José de Magalhães Pinto, o deputado federal Herbert Victor Levy e os membros da Comissão de Ciência e Tecnologia, e mais quinhentas pessoas interessadas nos estudos também estavam presentes. Mas nenhum jornal do país de caráter nacional, nem os locais, quiseram cobrir o evento, porque achavam que levariam o Congresso ao ridículo.

Isso é para você ver como a mídia é preconceituosa e eu até acho idiotizada. A Comissão de Ciência e Tecnologia só poderia acomodar 50 pessoas. Para comportar as quinhentas pessoas inscritas, o presidente da Câmara, Magalhães Pinto, autorizou que o Seminário fosse realizado no plenário da Câmara. Os arquivos do Senado e da Câmara têm essas informações. O evento foi alardeado na imprensa internacional, mas a imprensa brasileira ignorou o evento. Só eu cobri pela TV Brasília. (Idem).

Segundo Heitor, a cobertura das televisões em Brasília, na década de 70, não era agressiva ou espetacularizada. A busca pela audiência é que foi transformando-a no que assistimos atualmente (2009). “Era uma coisa mais divertida, e como vivíamos a epopeia de Brasília a mídia estava muito voltada para o sonho, para as grandes construções, para as grandes indústrias. Era mesmo uma epopeia. Hoje, não! Ficou uma coisa banal, medíocre, idiota”.

Heitor não se recorda do primeiro trabalho que fez ou das primeiras reportagens que pautou os jornalistas da TV Brasília para fazer. Mas se lembra do tema mais recorrente: Política.

4.2. Os segredos de Val Beauchamp

A jornalista pernambucana e autora de nove livros, Valdívia Beauchamp, 55 anos, mais conhecida como Val Beauchamp, saiu do Brasil, aos 10 anos, e foi morar nos Estados Unidos, em 1964. Mas apesar das razões que levaram seus pais, Francisco Targino de Siqueira e Angélica Lucas de Siqueira, a retirá-la do país, o assunto é território não visitado. Val não fala dos tempos de governo militar. Ela foi uma das pioneiras do jornalismo televisivo em Brasília. Trabalhou na TV Brasília, TV Globo e TV Manchete, na década de 1970.

Na década de 1980, foi repórter na TV Nacional (Radiobrás). Atualmente (2009), mora nos Estados Unidos onde produz trabalhos independentes para tevês internacionais a cabo. O sucesso na carreira internacional como jornalista e escritora consolidou a vida de Val nos Estados Unidos. Agora, ela só vem ao Brasil para participar de eventos e visitar os pais e amigos. Entre os amigos mais queridos está Heitor Andrade.



Figura 15 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 14.03.09, dia da entrevista oral.

Idas e vindas... Em 1975, depois de separar-se do marido, a escritora veio a Brasília para visitar os pais e cuidar das feridas, ainda abertas pelo fim da relação. Ao contrário da maioria dos pioneiros da televisão que vieram para nova capital em busca de oportunidades, foi o aproveitamento do tempo ocioso que fez com que Val optasse por cursar jornalismo e entrar para o cenário da cobertura política televisiva do país. O inglês fluente possibilitou o ingresso no mercado de trabalho inicialmente como professora de inglês na Casa Thomas Jefferson (instituto binacional de língua inglesa da capital federal), e depois abriu caminho na TV Brasília.

Conheci no meu segundo ano de Jornalismo Heitor Humberto de Andrade – chefe de reportagem da TV Brasília, na época. Apresentei-me e disse que era do CEUB, e que estava procurando um estágio. Heitor me levou ao Senado e me apresentou várias pessoas, e por eu falar mais de uma língua, tive oportunidade de deslanchar. (BEAUCHAMP, entrevista oral, em 14 de março de 2009).

Segundo Val, na década de 1970, quando ela estreou na televisão, as equipes de externa na TV Brasília eram formadas por quatro pessoas. “Um repórter, um assistente para segurar o pau-de-luz, outro assistente que carregava o VT da câmera, que era muito pesada, e o câmera”. Havia mulheres apenas na reportagem e na edição. As equipes eram compostas fundamentalmente por homens. “Não havia cinegrafista feminina na época, não tinha uma mulher filmando. Tinha várias repórteres e editoras.”

Val era setorista de política e, por isso, cobria o Congresso. Diz pertencer a um tempo em que as mulheres tinham regras de vestuário rígidas para entrar na Câmara e no Senado. “A gente não podia usar calça comprida, tinha que ser saia ou vestido”. Mas o que mais vivo está na memória dessa repórter, no que diz respeito à cobertura diária da política, é a busca do furo de reportagem e a consequente disputa entre os veículos. O *dead line* – prazo limite –, era apertado, porque as emissoras ainda trabalhavam com película.

Quando eu trabalhava dentro do Congresso, só tinha Marilena Chiarelli, da Globo, e eu da TV Brasília. Então era aquela competição entre Marilena e eu. Era muito interessante, superdinâmico. Corríamos muito, porque tínhamos que chegar na redação pelo menos com umas duas, três horas antes, para dar tempo da matéria ir para o jornal. (Idem).

Val não se recorda da primeira reportagem que fez na TV Brasília, mas diz que a maior reportagem, feita por ela nessa emissora, desagradou a igreja e gerou muita repercussão.

Com dois ou três dias que eu estava trabalhando na TV Brasília, veio ao Brasil Billy Graham, pastor americano. Heitor me deu a incumbência de ir ao aeroporto entrevistá-lo, e eu me lembro que causou muito riso esse negócio, porque quando eu abri a matéria assim: 'Chegou ao Brasil o representante da multinacional da fé'. Muitas pessoas telefonaram para dizer: 'Você não devia ter dito isso, não é a multinacional da fé'. Os telefonemas não paravam. (Idem).

De acordo com Val Beauchamp, mesmo tendo frequentado o ensino formal de jornalismo, no CEUB – que ainda não era chamado de Centro Universitário de Brasília (UnICEUB) –, a faculdade não ensinava ainda o que era a linguagem da mídia tevê.

O curso de jornalismo no CEUB era muito novo. Tive aulas de jornalismo com professores maravilhosos, como Afonso Ligório, Ivo Borges, e o professor Luiz Beltrão, mas eles pouco ou quase nada sabiam sobre a linguagem do jornalismo de televisão. Em benefício da verdade, ninguém sabia. Mas quem estava lá, na Universidade, e optava por televisão, tinha que sair e procurar uma televisão para aprender fazendo televisão; foi o meu caso. (Idem).

Dos tempos de TV Brasília, Val se recorda ainda da afabilidade com que a equipe de 20 profissionais a recebeu e o quanto pode aprender no dia a dia da redação e das coberturas políticas. Além de Heitor Andrade, com quem mantém laços de amizade até hoje (2009), Val se lembra com carinho de uma das editoras do jornal que a apoiou e orientou nos primeiros passos da cobertura jornalística televisiva. "Dayse Cisneiros [ex-mulher de Antônio Arraes] é uma pessoa fantástica, ela me orientava e depois editava minhas matérias. Eu nunca quis editar, preferia chegar lá e falar, comunicar, mas ela era uma pessoa que tomava conta da matéria toda".

Das grandes coberturas que a jornalista teve oportunidade de fazer dentro do Congresso para TV Brasília, segundo Val, o tempo era o maior empecilho. "Que eu me lembre, só eu cobria o Senado e a Câmara. Então, eu produzia duas matérias no máximo. O problema maior era fabricar a matéria a tempo de soltá-la naquele jornal específico. O tempo era primordial, na época".

Heitor Andrade foi um mestre para Val, apesar de ser autodidata. Heitor nunca passou pela universidade e comandou muito bem, segundo Val, a chefia de reportagem da TV Brasília. Foi com ele que Val aprendeu a fazer televisão.

Brasília não tinha ninguém com capacidade de comandar; então veio Heitor, de São Paulo, com todo o *know-how* e era isso o que se estava precisando aqui: pessoas com know-how. Era um tremendo profissional. Sabia fazer [televisão] melhor do que os que tinham diploma; senti-me muito confortável trabalhando sob o comando dele.

Apesar do respeito e a consequente admiração profissional que Val tem por seus ex-chefes, admite que nos primeiros anos da televisão em Brasília, havia muito improviso. “Foram muitos experimentos. A televisão estava criando a sua própria linguagem”.

Ao retornar para os Estados Unidos, Val foi dedicar-se aos estudos do mestrado em literatura. Mas apesar de ter se afastado do jornalismo, ela diz ter sido perceptível a enorme diferença tecnológica que havia entre os equipamentos usados no Brasil e os equipamentos usados nas emissoras americanas. “As câmeras estavam 20 anos na frente. A gente sempre andou um passo atrás nesse sentido de tecnologia”.

4.3. A Wainer que fez TV em Brasília

Outra memória viva da TV Brasília ouvida nessa pesquisa é Sophia Wainer. Discreta, elegante e vaidosa, a jornalista Sophia não declara a idade. Diz que é algo que não interessa. O que lhe confere certo ar de mistério. Restringe-se, apenas, a dizer que nasceu no dia de Natal, 25 de dezembro. Mas a história profissional da jornalista revela o que ela jamais diria e que certamente gostaria de manter secreto: a idade. Mas os anos vividos não são mero detalhe na trilha profissional que ela percorreu. Mesmo depois de mais de 50 anos dedicados quase que exclusivamente ao jornalismo, aposentadoria é algo que sequer passa pela cabeça dessa repórter que continua na ativa (em 2009), no jornal *Correio Braziliense*.

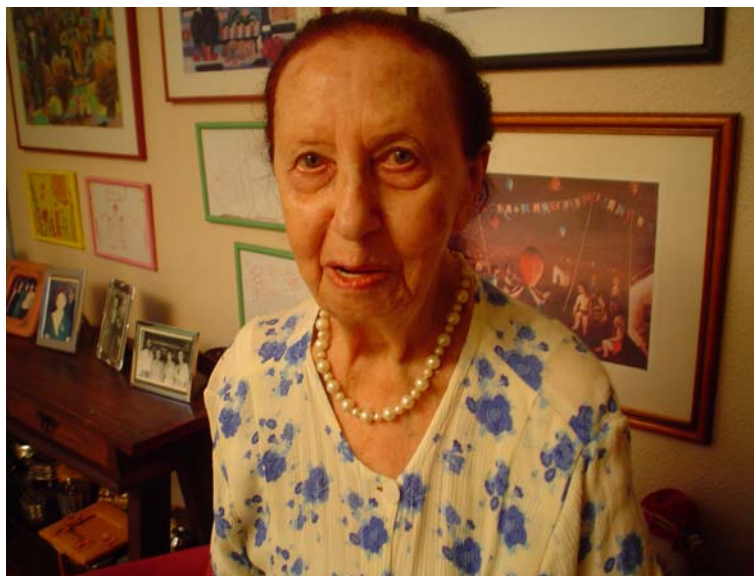


Figura 16 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 17.03.09, dia da entrevista oral.

Sophia nunca frequentou um curso de jornalismo, não havia exigência do diploma na época em que ingressou na profissão. Mas a ausência de formação acadêmica formal não impossibilitou que a jornalista trabalhasse para o jornal *Última Hora* de São Paulo, assim como não a impediu depois de trabalhar na *Rádio Planalto*, no *Diário de Brasília*, no *Correio Braziliense* e na *TV Brasília*.

Tudo começou na década de 1950 no Jornal *Última Hora*, mas foi somente na década seguinte que, a convite do irmão Samuel Wainer – fundador, editor-chefe e diretor-proprietário do jornal *Última Hora* –, Sophia veio participar das festividades de inauguração de Brasília. Essa visita mudou definitivamente a história profissional de Sophia.

Encantada com o que viu e sentiu na inauguração de Brasília, Sophia pediu transferência de São Paulo e veio trabalhar na sucursal do jornal *Última Hora*, em Brasília. Igualmente movida, assim como os demais pioneiros, pelos ideais desenvolvimentistas que davam o clima da época, Sophia diz que Brasília não era nada, mas havia o que ela chama de “importância da ordem” – a necessidade de criar vínculos.

O entusiasmo era tão grande que não se sentia falta das coisas. Você tinha uma preocupação maior que era fazer amigos. Porque cada um chegou aqui praticamente sem família, a não ser o núcleo familiar – filhos e quase todos pequenos. Então a sua preocupação maior não era se você tinha um cinema para ir. Não era o divertimento, mas era você ter a certeza de fazer amigos. (WAINER, entrevista oral, em 17 de março de 2009).

Segundo Sophia, era fácil fazer amigos em Brasília, nas primeiras décadas da cidade. Os candangos, longe de casa e da família, precisavam criar novos laços afetivos, e a saída era frequentar a residência uns dos outros na nova morada.

Havia uma necessidade absoluta do encontro. A cidade era estranha. Ela não tinha nada a ver com as outras cidades que você eventualmente já conhecesse ou tivesse morado. Então a preocupação maior era fazer amigos, para você se encontrar com as pessoas, para conversar, trocar ideias ir ajeitando a vida dentro daquele esquema novo, que como eu disse, era totalmente diferente de qualquer outra coisa. (Idem).

Sophia não veio para inauguração de Brasília como repórter, tampouco pensava que participar da festa mudaria de vez o rumo da sua vida. Segundo ela, no começo, foi difícil. Muita gente não queria vir. Preferiam não perder o emprego nos seus locais de origem. Mas a maioria foi logo se habituando à nova perspectiva. A festa, assim como para ela, foi o estímulo que faltava para alguns tomarem a decisão de vir. Ao se recordar do momento, a palavra festa toma outra dimensão. Maior e mais densa. Para ela, participar da inauguração resultou em decisões nunca antes pensadas. Sair da terra natal era apenas uma delas.

Olha, foi uma festa! Porque cada canto desta cidade era uma festa. As pessoas festejavam o evento. Era uma festa interna, um entusiasmo. Uma coisa espontânea. Então, não importa se ela [pessoa, candango, pioneiro] estava no baile do Planalto ou estava na rua, ela estava festejando assim mesmo. Era saber que o brasileiro tinha conseguido fazer aquela coisa milagrosa que seria mudar uma capital e que era uma coisa absolutamente extraordinária. (Idem).

No dia da inauguração, segundo Sophia, Brasília recebeu jornalistas de todos os cantos do mundo. O sucesso da cobertura foi mérito quase que exclusivo da Rádio Nacional, porque prestou um grande serviço público e interligou a nova capital ao resto do país. “Vieram todos. Para a cobertura da inauguração de Brasília vieram muitos correspondentes estrangeiros e todos os jornais do Brasil. São Paulo, Rio e janeiro, Belo Horizonte, de todo canto vieram os jornais. Obviamente, não poderiam deixar de estarem presentes”.

Nos dias que sucederam a inauguração, a cidade seguiu em ritmo frenético e o papel da Rádio Nacional continuou a ser de suma importância.

Aqui se trabalhava muito. Porque era uma loucura geral e a corrida que o pessoal aqui mantinha para poder dar conta da cobertura [jornalística] era incrível. A TV Brasília e a TV Nacional é que eram o ponto alto. Mas, no começo [antes das tevês], a Rádio Nacional era o ponto vital, principal. Era onde você se comunicava e recebia as comunicações. Então, naturalmente era a que dava a maior cobertura a tudo. (Idem).

Os irmãos Sophia e Samuel Wainer têm uma importância inegável na história do jornalismo brasileiro. Ambos foram repórteres dos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand, mas Sophia ousou um passo à frente do irmão e saiu da reportagem dos jornais impressos e aventurou-se na televisão.

Sophia, apesar de ser a caçula dos nove irmãos da família Wainer, foi a mais ousada. Ao chegar a Brasília não teve dúvidas. “Vim e me apaixonei por aquele imenso vazio que era Brasília em 1960 e resolvi mudar. No dia seis de junho eu já estava morando aqui. No primeiro momento, fui morar em um apartamento emprestado na 106 Sul”.

Depois que Sophia se mudou para Brasília, trabalhou no jornal *Última Hora*, até ingressar na *TV Brasília*, em 1974, quando foi convidada para fazer um programa chamado *Avenida das Nações*. O programa foi um sucesso na década, segundo Heitor Andrade, Val Beauchamp e outros entrevistados. Era produzido para passar somente em Brasília, na programação local, durante meia hora. Sophia tinha a responsabilidade de exibir um painel geral acerca do país pautado e chegou a ser condecorada por algumas embaixadas por esse trabalho.

O *Avenida das Nações* era um programa dedicado às embaixadas. As embaixadas estavam mudando para Brasília. Elas têm as suas datas nacionais. Quando era próximo a uma data nacional, eu fazia uma entrevista com o embaixador e contava um pouco a história do país. Então falava na cultura, no esporte, na educação, fazia um panorama geral do país. Por causa deste programa fui condecorada pelas embaixadas do Chile, França e Argentina (Idem).

Sophia passou por vários veículos de comunicação, mas afirma que nada foi mais difícil que a televisão, por não saber nada a respeito do veículo. Até dominar a técnica, contou com o auxílio dos colegas. Segundo ela, o próprio chefe de reportagem da TV Brasília, Heitor Andrade, ensinou-lhe a dar os primeiros passos em direção à linguagem de televisão. Uma linguagem que ele próprio também desconhecia.

Difícil foi a televisão, difícil foi os primeiros momentos até eu me adaptar. Eu não conhecia a estrutura da televisão. Eu tinha colegas muito bons que me ajudaram muito. Que me ajudaram a conhecer o mecanismo porque eu não entendia nada. O tempo, que era tão importante na televisão, eu não tinha nenhuma idéia do que fosse. Mas eu não tinha medo de fazer as coisas, então eu fui e fiz. O texto não era diferente, era o equipamento do texto. A máquina de televisão era diferente. Eu não sei como é hoje, mas eu não tinha que correr atrás da matéria. A matéria já esperava por mim. A tecnologia levou à evolução. Você começou a fazer as coisas com mais agilidade. O que você faz hoje com o computador você tinha que fazer com a máquina. Hoje você escreve, corrige, edita, faz tudo. (Idem).

4.4. O gigante Ibiapina

Outro arquivo vivo dessa época é o cearense José Wilson Ferreira Ibiapina, nascido no município de Ibiapina (CE). Em 2009, ele completou, 66 anos, dos quais cerca de 50 foram dedicados ao jornalismo. Esse “gigante” da imprensa brasileira e brasiliense, do alto do seu 1m65cm, 70 quilos, começou a carreira aos 16 anos e acompanhou como jornalista em veículos impressos, radiofônicos e televisivos a evolução política e econômica do Brasil, desde o governo Juscelino até os dias de hoje (2009).

Ibiapina passou pelos principais órgãos de imprensa do país, driblou a censura nos tempos de ditadura e participou ativamente do processo de restauração da democracia publicando matérias críticas com conteúdos subliminares. Ibiapina ou Bibi, como é chamado carinhosamente pelos mais íntimos, é considerado entre os colegas uma das pessoas que mais entendem de televisão no Brasil.



Figura 17 – Fotografia feita, por esta pesquisadora, em 7.03.09, dia da entrevista oral, das máquinas datilográficas, com exceção do computador na parte inferior da foto, que Ibiapina usou ao longo da carreira e que mantém como acervo particular.

Em 1970, a imprensa no Rio passava por uma crise e Brasília começava a crescer nos meios de comunicação social. Ibiapina, que já tinha trabalhado na TV Ceará e na TV Tupi do Rio, queixou-se com o jornalista e amigo Tarcísio Holanda que a crise na imprensa carioca estava densa. O amigo disse a Ibiapina, na época: “Abre o jornal do Brasil! Veja de onde vêm as notícias!”. Segundo Ibiapina, ele olhou o jornal e era só Brasília, Brasília, Brasília. Uma ligação para o jornalista Fernando César Mesquita e Ibiapina estava empregado na sucursal do *Correio do Povo* de Porto Alegre, em Brasília.

Na bagagem, uma experiência de 21 anos e uma especialização em têê adquirida na prática, com o cineasta e editor do *Telejornal Crasa* (CE), Gonzaga Vasconcelos, porque, segundo Ibiapina, só havia de teoria uns raros livros americanos a que alguns poucos jornalistas tinham acesso. Para ele, a televisão foi feita na prática e durante muito tempo os conhecimentos foram passados de boca em boca. Dos mais experientes para os recém ingressos. Sem fontes teóricas a televisão foi tentando adaptar a linguagem do rádio para o novo meio de comunicação.

Comecei a correr atrás para poder me identificar com a televisão. O *Jornal do Brasil* é que começou a editar os ‘*Cadernos de Jornalismo*’ para facilitar a vida de quem estava interessado em ingressar. O *Caderno* de 1965 tem artigos de pessoas que inclusive moraram

aqui em Brasília, nomes que ficaram famosos: Luís Orlando Carneiro, Luiz Adolfo Pinheiro, José Salomão – professor da UnB –, então eram os jornalistas de lá do Rio de Janeiro que colocaram no papel a sua experiência, e era a isso que a gente se socorria para poder começar. Eram essas as ‘teorias sobre jornalismo televisivo’. Alguns raros livros americanos. Hoje em dia, ainda é difícil você encontrar uma literatura sobre televisão. A Globo lançou nos anos 1970 um *Dicionário Brasileiro de Comunicação*, para tentar normatizar a linguagem televisiva e da mídia em geral. (IBIAPINA, entrevista oral, em 07 de março de 2009).



Figura 18 – Fotografia feita, no dia da entrevista oral, por esta pesquisadora, em 7.03.09, dos *Cadernos de Jornalismo* e do *Dicionário Brasileiro de Comunicação*. Os exemplares são parte integrante do acervo particular de Wilson Ibiapina.

Segundo Ibiapina, sem fontes teóricas, para nortear os profissionais que quisessem trabalhar com a nova mídia, o jeito era improvisar. E, para ele, não há dúvidas de que foram os radialistas que montaram a televisão, nos anos sessenta. Naquele tempo, os profissionais da área não tinham noção de como juntar som e imagem.

A gente ia inventando, botando a imaginação para funcionar, porque a televisão no Brasil foi montada com homens que saíram do rádio. O telejornalismo era um apresentador no estúdio lendo notícias sem nenhuma preocupação com a imagem, porque também era difícil, não existia equipamento suficiente, não existia vídeo - tape, por exemplo. As novelas lá no Ceará, da TV Ceará, eram feitas ao vivo. Os comerciais eram ao vivo, não podia errar. Lembro da história de uma menina lá [Ceará], a Ana Maria – não vou dizer o sobrenome, que ela está viva –, foi fazer um comercial, e quando ela entrou, que

abriu [ligou] a câmera, ela começou a falar, esqueceu o texto, mas se saiu muito bem, porque simulou um desmaio (Idem).

Os primeiros vinte anos da televisão foram marcados por muitos problemas técnicos e pela pouca experiência, não resta dúvida. Pelo que se pôde verificar, essa não era uma exclusividade de Brasília, mas a realidade em todo o país. Todos os profissionais da área estavam aprendendo como lidar com os problemas decorrentes das falhas [técnicas e humanas] que aconteciam nos bastidores da “telinha”. Por serem ao vivo, entre outras razões, os telejornais, embora já tivessem matérias pré-gravadas, ainda estavam suscetíveis a errar com frequência. Era preciso muito jogo de cintura para evitar problemas, inclusive de ordem política. Ibiapina revela um desses episódios.

O Jornal Nacional entrava ao vivo de Brasília. Um dia um repórter foi ao Palácio do Planalto pegar informações e voltou correndo: ‘Olha, última hora!’. Ele chegou à redação e começou a gravar, faltavam cinco minutos para o jornal entrar no ar. O locutor e editor-chefe era o Carlos Campbell. Ele ficava no estúdio para ajudar a cortar. Quando eu cheguei [no estúdio], ele estava lendo: ‘E, o Presidente Médici decidiu hoje... Não é nada disso! Puta que pariu! Está tudo errado’. Parecia que ele estava contestando a decisão do presidente: ‘Não é nada disso, está tudo errado! Vamos fazer de novo!’ Errava outra vez e falava um palavrão. Na gravação que deu certo eu estava atrás dele: ‘Vou ficar aqui atrás da câmera para eu aparecer lá no Ceará’; aí dei uma passadinha atrás dele, depois corri para o estúdio; ele entregou a fita, ele mesmo posicionou, aí o jornal estava no ar. Entrou Brasília, entrou a primeira matéria. O Carlos Campbell chamou a matéria dele. Quando ele começou a falar, na primeira pausa que ele fez, cortei. Aí o Campbell falou para mim: – ‘não era a deixa final’ –, o locutor ficou meio perdido, mas seguimos em frente, e lá vinha ele [o locutor] correndo na redação, ele e todo mundo: – O que houve? Cortou a matéria! – Calma! Levei todo mundo para ilha, apertei o botão, mostrei que a frase certa era a frase seguinte. Aí fomos lá para o Piantella [restaurante de Brasília], ficamos até de madrugada, Campbell queria saber como é que eu tinha descoberto que aquela era a parte errada. Só no finalzinho que eu disse: – Rapaz, eu não estava atrás? Quando eu não me vi atrás de você, cortei. Percebi que a que ia para o ar era a que você tinha errado. Se vai para o ar ele estaria hoje no interior da Bahia, de onde ele veio, nunca mais iria trabalhar se tivesse saído essa coisa no ar. Ele está aí [vivo] como testemunha. (Idem).

Na televisão, a imagem conduz o texto. Na primeira década, 1960, para suprir essa deficiência, inventaram o jornal de prestígio. Jornalistas de renome eram colocados para apresentar os telejornais. Mas, segundo Ibiapina, foi somente com a

chegada das Organizações Globo, no cenário televisivo, que surgiu a preocupação com a imagem. O jornalismo de televisão, portanto, nas palavras de Ibiapina, “era um rádio com imagens”.

Para o *Telejornal Crasas*, projeto que eu [Ibiapina] editava, foram convocados os principais jornalistas do Ceará, para falar cada um de uma área; no Rio, faziam a mesma coisa. Por exemplo, o Fernando Barbosa Lima criou o *Jornal de Vanguarda*. Estavam lá os jornalistas Sérgio Porto, Stanislaw Ponte Preta, Tarcísio Holanda, Borjalo, e o que fazia os bonequinhos; Millôr Fernandes. Luís Jatobá era um dos apresentadores. Começamos usando essas personalidades, essas pessoas, dando notícia, informação, fazendo entrevistas. Com a chegada de Armando Nogueira, substituindo o Mauro Salles, primeiro Diretor de Jornalismo, e com o advento da chegada do Bôni, foi que a televisão começou a ter imagens conduzindo o contexto. Televisão é imagem; o cara só apresentando é rádio. (Idem).

As equipes técnicas de externa nas duas primeiras décadas da televisão brasileira eram compostas de pelo menos quatro ou cinco pessoas. Somente nos anos noventa, com os avanços dos suportes tecnológicos e a consequente redução do tamanho e do peso dos equipamentos é que as equipes foram reduzindo de tamanho. Em razão do excesso de peso, para começar a gravar uma matéria, as equipes levavam cerca de dez minutos só para montar o equipamento. Segundo Ibiapina, por essa razão, flagrantes eram impossíveis de ser feitos.

As equipes tinham que carregar muito equipamento, só a câmera pesava uns 13 quilos; era incômodo para carregar, tinha que ter um assistente só para carregar aquele equipamento todo, e um dos profissionais que compunha a equipe era ‘apenas’ carregador de equipamento. Trabalhávamos muito e as pessoas não esperavam ser convocadas. Aconteceu um fato relevante, ninguém precisava ser chamado: as pessoas corriam para redação. Mas naquele tempo, por causa da demora da montagem do equipamento, não dava para fazer flagrante de jeito nenhum. Quando a equipe terminasse de montar o equipamento, o fato já tinha acabado de acontecer. (Idem).

No estúdio, de acordo com Ibiapina, as coisas não eram muito diferentes. As notícias de última hora eram escritas em cartazes [cartolina], artesanalmente. Não tinha *Teleprompter*⁴. O apresentador para entrar ao vivo tinha que decorar trechos

⁴ Teleprompter ou teleprompt [TP] é um equipamento acoplado às câmeras que exibe o texto a ser lido pelo apresentador. (Nota da autora da pesquisa).

do texto, saber as matérias que iriam ao ar. “Hoje o cara olha para tela, você pensa que ele está improvisando, mas não está. Está lendo. Está tudo escrito no *Teleprompter*”.

Para Ibiapina, as novas tecnologias trouxeram ganhos para a produção da notícia, mas também trouxeram perdas.

Hoje, a maior parte dos repórteres acha tudo pronto para eles. É só chegar para apresentar a matéria. Mudou muito. Os produtores e editores deixam tudo pronto. Repórter não faz mais nada. Só põe o rostinho bonito no vídeo (Idem).

A chegada do Vídeo Tape (VT), em 1960, foi comemorada entre os profissionais de televisão. Horas preciosas perdidas na revelação dos filmes seriam finalmente utilizadas na produção de mais conteúdo, mas não foi exatamente isso o que aconteceu. Segundo Ibiapina, repórteres e cinegrafistas esqueceram-se de trabalhar com o poder de sintetizar a informação.

Quando eu cheguei aqui [Brasília] nós trabalhávamos com filmes. Tínhamos três laboratoristas que ficaram e trabalharam muito tempo na Globo; o Tião, que hoje é cinegrafista; o Bezerrinha, que era assistente de cinegrafista, morreu; e tinha o Bezerra, que hoje é dono de lojas de fotografia, trabalha como fotógrafo aí na cidade. Esses laboratoristas eram as pessoas que ficavam lá o dia inteiro, se revezavam revelando filmes. Hoje, todo canto tem uma camerazinha para vender, todo repórter amador capta imagem para televisão. Antigamente, era difícil. Você trabalhava com uma camerazinha muda: você dava corda, teco-teco, fazia as imagens. Depois, é que chegou o filme sonoro. O filme era uma coisa muito cara para televisão, o repórter saía com 100 pés de filme, e só podia gravar no máximo duas aberturas, e tinha que chegar na redação com duas horas e meia de antecedência, porque ele perdia duas horas editando o filme; o filme ia para o laboratório para revelar, depois ele ia para moviola para montar. Era complicadíssima a operação. Quando surgiu o vídeo - tape, aí todo mundo ficou encantado, porque pensamos: agora vamos ganhar duas horas. Perdemos, porque o repórter ficou sabendo que não precisava mais perder duas horas no laboratório, e ficava até o fim da solenidade que podia ser gravada com 40 segundos ou um minuto e meio. Ele passou a gravar 20 minutos, enchia a fita. O repórter gravava cinco, seis vezes uma passagem, uma abertura. Você ficava na ilha de edição meia hora, procurando qual era o texto que entrava, mais meia hora decupando aqueles 20 minutos de imagem, então aquele tempo que perdíamos na revelação do filme, não recuperamos com o VT. Eu acho que para recuperar, teríamos que reeducar repórteres e cinegrafistas. Naquele tempo [duas primeiras décadas], o repórter cinematográfico, o cinegrafista, fazia hasteamento de bandeira com

três *takes*: filmava o cara puxando a bandeira, filmava as pessoas olhando para cima, e o último, a bandeira tremulando. Jogo rápido, poder de síntese. Hoje, teríamos que trabalhar com a tecnologia atual, mas com o olhar de quando fazíamos com película. (Idem).

Para Ibiapina, na linha de produção da notícia, o entrosamento repórter e cinegrafista é condição essencial para o bom andamento do trabalho em toda extensão da cadeia produtiva. Facilita todo o trabalho de edição. Essa parceria é, portanto, condição primordial para que a captação de imagens e entrevistas resulte em matérias de qualidade.

O entrosamento é fundamental para o êxito do material, senão o repórter faz texto para um lado, o cinegrafista filma para o outro, e o editor vai à loucura sem conseguir fechar. O repórter falando de uma coisa e o cinegrafista mostrando outra. Esse entrosamento tem que partir do chefe de reportagem. Ele tem que chamar o repórter e o cinegrafista e dizer o que é a matéria, para os dois saírem da redação conversando dentro do carro, trocando idéias, como é que vai abrir, como é que vai fechar. Esse entrosamento é o que propicia uma matéria perfeita, redondinha, no ar. (Idem).

No início, assim que inaugurou em Brasília, segundo recorda Ibiapina, a equipe completa da TV Globo Brasília era composta por nove pessoas e todos eram muito unidos. Pacheco era o chefe de reportagem; Moacir Valadares e o Mineirinho trabalhavam com um senhor [Ibiapina não recorda o nome] que era o editor; o Edison Lobão era o chefe geral; o laboratorista Bezerrinha, e três repórteres: Marília Gabriela, Eli Moreira e Ibiapina. Depois, integrou a equipe, como produtor, o jornalista Nasi Brum. Todos formavam uma família. Mas segundo Ibiapina, com o tempo esse clima de harmonia e cordialidade foi se perdendo.

As equipes eram menores, todos se conheciam, era uma família. Em todas as redações era assim. Hoje, eu trabalho em órgãos que eu não conheço quase ninguém, só os que trabalham no mesmo turno que eu. Imagine que ainda tem os que trabalham à noite, que trabalham à tarde, de madrugada, então cresceu muito, e virou uma máquina muito grande, as pessoas se afastaram, se distanciaram, as pessoas viraram desafetos, não tem mais aquele clima de família. Até hoje eu passo mais tempo numa redação do que na minha casa. Se você não transformar o teu lugar de trabalho num ambiente sadio, onde você possa inclusive brincar e se divertir um pouco, você morre cedo: fica estressado e vai para o beleléu. É o que está acontecendo hoje na maioria das redações: as pessoas trabalham com raiva uma das outras ficam torcendo para que a

matéria do outro não dê certo; é incrível isso, e esse clima existe em todas as Redações. (Idem).

Ibiapina foi o primeiro repórter da Rede Globo a chegar a Brasília. Produziu a primeira matéria para a emissora antes mesmo da inauguração do canal que viria a ser o mais poderoso entre as difusoras – TV Brasília, afiliada da TV Tupi e a TV Record –, estabelecidas no cenário televisivo da capital. A importância do evento ficou de tal forma registrada na memória que os detalhes não lhe escapam. Foi uma entrevista com Israel Pinheiro, para uma reportagem sobre a cidade, que ele fez em parceria com um cinegrafista que ficou conhecido entre os colegas por Carneiro. Nesta ocasião, as gravações eram feitas com uma máquina [cinema] muda. Ibiapina escrevia o texto, o cinegrafista Carneiro captava as imagens e Cid Moreira⁵ fazia a narração.

Particpei da primeira matéria que estava sendo elaborada e que marcou a inauguração da Globo em Brasília, saiu no Jornal Nacional; foi uma matéria sobre a cidade, mostrei o que era Brasília. Nesse tempo Israel Pinheiro estava vivo, entrevistamos Israel Pinheiro sobre o trabalho. Israel Pinheiro foi uma peça fundamental na construção de Brasília, era ele que tocava a obra em Brasília; poucas pessoas falam nele hoje. Eu perguntei a ele qual era o prédio aqui de Brasília que tinha dado mais trabalho para construir; ele disse que foi o Congresso Nacional, uma cidade, aquilo ali, imenso, e que o serviço de som era tão grande que os engenheiros se comunicavam com os operários, os mestres-de-obras, através de um sistema de som que instalaram em todo o Congresso Nacional, e durante o dia ficava tocando música para acalmar o pessoal, para tirar o *stress*. Quando estava chegando à época da inauguração, o negócio tão atrasado, o Israel Pinheiro para não chamar o cara, o encarregado do som – isso ele me contou na época –, mandou tirar aquela música clássica, suave, e mandou botar *Tico-Tico No Fubá*, para agitar, para apressar a obra, para dar tempo de inaugurar. (Idem).

Segundo Ibiapina, o modelo de telejornalismo e as reportagens que podemos observar atualmente [2009] na televisão brasileira surgiu e foi implantado pela TV Globo na década de 1970. Embora outras emissoras já estivessem atuando há uma

⁵ Cid Moreira = Apresentou durante 27 anos (1969-1996) o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. Atualmente (2009), é narrador de matérias do Fantástico – programa dominical da Rede Globo de Televisão. (disponível em <http://www.museudatv.com.br/biografias/Cid%20Moreira.htm>, acessado em 7 de maio de 2009).

década, desde 1960, no cenário brasiliense, faziam da televisão apenas um rádio com imagens.

Antes da Globo, existiam aqui em Brasília a TV Brasília e a TV Nacional. Veio depois a TV Alvorada, e acho que TV Rio. Quando a Globo surgiu já tinha todo esse povo aí, mas faziam jornalismo-rádio, com notícias ao vivo. Era aquele filme mudo, o locutor narrando por trás. A Globo começou a implantar reportagens como a gente conhece hoje. (Idem).

Gerar as matérias produzidas em Brasília para o Rio de Janeiro não era tarefa das mais fáceis. Na década de 1970, por exemplo, já existia a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), responsável pelas transmissões via satélite. E, foi com o advento de inauguração da Embratel que as informações começaram a percorrer o Brasil mais rapidamente. Apesar de o sistema ser ainda muito primitivo, as fitas já não precisavam mais ser Transportadas de avião, via malote. De acordo com Ibiapina, “quando [a emissora] estava gerando matéria para o Rio só se podia gerar, não podia receber; parece que era uma linha, um canal só de voz e de imagem”.

A Rede Globo não poupou esforços para se consolidar em Brasília e fez grandes investimentos para conquistar a audiência local. Para isso, promoveu Ibiapina a editor do *Jornal Hoje*, em Brasília.

Fui o primeiro editor em Brasília do *Jornal Hoje*; o *Hoje* é todo feito aqui em Brasília. Eu fiquei três meses no Rio de Janeiro participando de um laboratório com o editor-chefe do jornal, Moacir Masson, Big Boy, Nelsinho Motta, Jotair Assad, Márcia Mendes, Sandra Passarinho, e todo o pessoal que estava trabalhando nesse jornal. Aqui de Brasília quem foi comigo foi a Consuelo Badra, que ia ser e foi a primeira apresentadora do *Hoje* aqui em Brasília. Consuelo Badra e eu ficamos lá uns três meses, fazendo o jornal. Queríamos fazer um jornal diferente, bem jornal-revista. Aqui, na hora do almoço, a TV Brasília tinha um programa que tinha uma audiência danada, aí o *Jornal Hoje* foi entrando, foi entrando, foi comendo pelas beiradas; de repente estava o maior sucesso, porque o outro lá [o jornal da TV Brasília] eram só pessoas no estúdio. Era um programa de entrevistas, era aquele rádio na televisão, e nós começamos a fazer seções de moda. O Big Boy falando sobre música, filme, botava aqueles *clips* que ele mandava buscar nos Estados Unidos, o Nelsinho Motta comentando Música Popular Brasileira, a Márcia Mendes tinha uma seção de moda, e a gente ia incrementando matérias de Brasília, fazendo mais matérias leves. Era uma revista na hora do almoço que conquistou a cidade. Muito legal! (Idem).

O acervo dos primeiros anos da televisão brasileira pode estar se perdendo com o tempo. De acordo com Ibiapina, mal-acondicionado o arquivo de filmes da Globo, por exemplo, está se deteriorando, inclusive as primeiras fitas U-Matic. Atualmente, a emissora tem feito investimentos na recuperação, mas muito já se perdeu de forma irrecuperável.

Os filmes e as primeiras fitas U-Matic estão lá [arquivo da Globo], jogadas. Agora [2009] que eles vão tentar fazer um mutirão para ver o que pode ser recuperado. Quando surgiu a primeira máquina, a primeira câmera, que foi uma Auricom que chegou aqui, eu gravei muitas matérias, muitos textos. Os filmes estão todos quebrando, porque ficaram muito tempo nesse clima seco de Brasília. (Idem).

Em 7 de setembro de 1970, a cidade comemorava o dia da independência do Brasil e o cenário marcou de tal maneira o jornalista que os planos iniciais foram radicalmente modificados. Ibiapina veio para ficar apenas alguns meses. Mas nunca foi embora. Em Brasília, apaixonou-se, casou-se, teve filhos e ajudou a consolidar a imprensa televisiva na cidade.

Cheguei a Brasília com 70 centavos no bolso, constituí família, casei me realizei profissionalmente, e continuo trabalhando. Hoje sou um brasileiro, porque tenho mais tempo aqui do que vivi no Ceará; eu morei 26 anos no Ceará; em Brasília eu moro há quase 40 anos. Quando eu cheguei, a cidade tinha dez anos. Não consegui pegar Brasília no colo, mas eu a vi caminhando, dando os primeiros passos. Não sou pioneiro, mas sou um candango de um dos primeiros momentos, que dez anos na vida de uma cidade não significa nada – agora, na vida de uma pessoa, é muita coisa. Hoje, eu posso me considerar um pioneiro. Quando cheguei a Brasília, no dia 7 de setembro de 1970, três horas da tarde, depois de um desfile, as ruas vazias, aqueles papéis que as pessoas tinham deixado na rua voando, aquele vento de setembro... Fiz até um poema quando cheguei. Lembro que escrevi: (Idem).

Ruas largas
Céu aberto
Povo distante
É só vazio
As placas de cimento armado
E o verde-grama
No amarelo no chão
Complementam a paisagem
Da cidade fabricada
Funcionários funcionais
Estão todos acostumados
Mocinhas, nem se vê
Estão todas bem guardadas

Um Ipê na esquina
Que saudade da Dulcina
Que se refresca no mar

Segundo Ibiapina, Dulcina era uma inspiração dos tempos da Faculdade de Direito. “Dulcina era uma musa que nós tivemos na Faculdade de Direito; hoje ela é desembargadora do Tribunal Regional do Trabalho. Era a santa mulher, a musa.”

Ibiapina veio para Brasília de carro, de carona com um amigo físico que estava no Rio. Segundo ele, a cidade ainda era só mato. Na Asa Norte, só havia praticamente a 312N. Brasília era a Asa Sul e a Esplanada. A cidade ainda estava em formação. Certo dia, já trabalhando na Globo, ele diz que chegou uma candidata a estagiária procurando por ele. “Chegou uma mocinha na Globo procurando pelo ‘Seu Ibiapina’ para fazer um estágio. Ela foi indicada por Pedro Jorge, professor da UnB, no tempo em que estava estudando Jornalismo. Até hoje, ela está estagiando comigo; Edilma Neiva. Minha mulher”. Desse “estágio”, de quase quarenta anos, nasceram em Brasília, dois filhos. Fábio (jornalista) e Flávia (atriz).



Figura 19 – Digitalização a partir das fotografias originais do acervo particular de Wilson Ibiapina. Na foto à esquerda, Wilson Ibiapina e Toninho Drummond em frente à primeira ilha de edição da TV Globo (década de 1970), em Brasília. Na fotografia à direita, Fábio Ibiapina e Toninho Drummond (anos 2000) em frente a mais recente ilha adquirida pela TV Globo Brasília.

Para Ibiapina, uma das razões, além de ter se apaixonado, que o fez radicar-se definitivamente em Brasília foi porque as notícias, a partir dos anos 1970, passaram a surgir a partir de Brasília, o resto do país repercutia, como ainda continua repercutindo. “Brasília gera a informação, e o resto do Brasil repercute. São Paulo continua querendo gerar notícia na área econômica, mas as notícias são

geradas em Brasília. O Rio de Janeiro virou Miami, São Paulo virou Nova York e Brasília, Washington”.

4.5. O caminho de Edilma Neiva

Outra testemunha desse andar dos tempos é Edilma Neiva, 62 anos. Aos 22 anos de idade, ela saiu de Goiânia e veio para Brasília estudar jornalismo, na Universidade de Brasília (UnB). A caçula da família deixou para trás o conforto da casa dos pais, João Gomes Damasceno e Genésia Neiva Damasceno, e os oito irmãos. Ainda não havia cursado a disciplina de telejornalismo quando recebeu o convite de um professor para apresentar um programa de tevê. Aceitar esse convite foi o começo da carreira e marcou o início dos trabalhos da Rede Globo em Brasília. Edilma passou por todas as redações de televisão da cidade, apesar de ter ficado a maior parte da carreira na Rede Globo.

Minha carreira foi praticamente na Globo, mas tem muita história. Passei por todas as redações de tevê, para o bem da verdade. Tudo começou em 1971. Eu estava fazendo a UnB. Um dia, passando por um corredor, o professor Pedro Jorge virou para mim e perguntou o que eu estava fazendo e eu disse que não estava fazendo nada. Ele perguntou se eu podia ajudá-lo e disse que estava fazendo um programa de tevê e que estava precisando de alguém para apresentar. Eu sentei e apresentei. Foi assim a primeira vez. Na brincadeira, coisa de estudante. Nesta época, a Globo estava começando em Brasília e o professor Pedro Jorge, que era muito amigo do Wilson Ibiapina, me ofereceu um estágio na TV Globo. (NEIVA, entrevista oral, em 07 de março de 2009).



Figura 20 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 7.03.09, dia da entrevista oral.

A TV Globo estava recém inaugurada em Brasília. Mas Edilma já estagiava na TV Nacional, Radiobrás (tevê estatal). O estágio era remunerado e pagava as despesas da estudante. A TV Globo não remunerava estágio e Edilma precisava do dinheiro. Um acordo financeiro mudou o destino da jovem estudante, que além de ir trabalhar em uma televisão comercial, três meses depois de ter iniciado o estágio, estava casada com o chefe, Wilson Ibiapina.

Eu tinha que ter um estágio remunerado, porque eu sobrevivía disso. Não tinha pai para mandar dinheiro para mim. Morava sozinha em Brasília. Vim para estudar. Vim sozinha, com a cara e com a coragem, só com a vaga na Universidade e mais nada. A família ficou em Goiânia. Para o bem da verdade, eu não queria ir para Globo. Eu era muito inexperiente ainda. Achava, portanto, a TV Globo assim uma coisa muito distante de mim. Foi quando estava começando o Jornal Nacional. (Idem).

Uma década depois de inaugurada, no cenário brasiliense, as tevês ainda eram muito primitivas, física e estruturalmente. Segundo Edilma Neiva, algumas tevês ficavam escondidas em porões, em locais completamente insalubres, como

era o caso da TV Globo, por exemplo, que montou a primeira sede da Globo, em Brasília, no subsolo do Venâncio IV.

Eu me lembro que a redação da TV Globo era um porão dividido da seguinte forma: a sala de montagem, com uma parte separada para arquivo. Ventilação nenhuma, tanto que quando eu tive a minha primeira filha, um dia passei lá e eles tinham acarpetado e estava um cheiro de cola insuportável, tive que ir embora, porque comecei a desmaiar por causa do cheiro. Sabe o que é uma coisa primitiva? Era assim a televisão quando comecei a trabalhar lá. Aparelhos enormes e que ocupavam espaços igualmente enormes. A televisão, neste tempo era feita em filme. Caixas [para revelar filmes] e equipamentos com mais de um metro de diâmetro ocupavam todo o ambiente. Você tinha que ficar esperando o filme revelar para colocar o jornal no ar. Às vezes você estava em cima do horário de exibição do jornal e o filme ainda estava lá em banhos coloridos, sendo revelado. Era muita loucura, só quem viveu a época sabe como é que era a correria. Até que eles construíram aquele prédio da W-3 Norte e foi quando a gente mudou para lá. Lá já tinha um pouquinho mais de espaço. (Idem).

5. A linha de produção

De acordo com Edilma, os imensos equipamentos foram reduzindo de tamanho e ganhando em eficiência. Mas o tempo escasso e a reduzida equipe, na década de 1970, obrigavam os repórteres a trabalhar inclusive entre os percursos entre uma pauta e outra. Os repórteres eram avisados, no final de cada expediente, do horário que deveriam chegar à manhã do dia seguinte. Tinha horário para entrar no trabalho, mas não tinha horário para sair. O expediente acabava somente quando todas as pautas estivessem cumpridas e as matérias estivessem prontas para ir ao ar no jornal. Pela manhã, o repórter, no caso Edilma Neiva, saía para rua para fazer as matérias que estavam pautadas para serem cobertas e só voltava para redação quando todas estivessem prontas.

Você ficava lá trabalhando até a hora que Deus desse bom tempo. Não sei como eu não fiquei cega, porque eu vinha escrevendo todos os textos dentro da Kombi. Todos nós [repórteres] fazíamos isso. Vínhamos escrevendo o texto no caminho entre o local da realização da pauta e a redação ou entre o caminho de uma pauta e outra. A gente tinha que fazer mais uma coisa: fechar o texto com pontos de corte. O texto era feito de uma forma que se o editor quisesse usar com dois minutos, que nunca dava mais que isso, usava. Mas deixava o texto com opção de corte para um minuto e para 30 segundos. (Idem).



Figura 21 – Foto de Edilma Neiva. Década de 1970, começo da carreira. Digitalização a partir da fotografia original do acervo particular da jornalista. O repórter cinematográfico apoia no ombro um equipamento, ainda, em filme de rolo.

Nas décadas de 1960 e 1970, a linha de produção e montagem da notícia era bem diferente do que podemos observar hoje. A começar pelos equipamentos de captação de imagem e som. Essa linha utilizada, para a produção de matérias jornalísticas na tevê, depositava uma responsabilidade e um compromisso muito grandes nas costas do repórter, e esse profissional não trocava figurinha [debatia o conteúdo das matérias e o formato] com o editor, como é hoje.

Nas duas primeiras décadas da televisão, em Brasília, a rotina diária era árdua e desgastante. O acúmulo de funções extenuava as equipes. Os repórteres não tinham os suportes humanos e tecnológicos que existem agora (2009) e a figura do produtor ainda não existia.

A linha de produção funcionava da seguinte forma: eu chegava de manhã na redação, por exemplo, e participava da reunião de pauta. Saía da reunião pautaada e a partir dessas pautas, começávamos a cavar [cumprir a pauta] em campo. As pessoas saíam com três, quatro pautas, sem toda a pré-produção que existe hoje nas tevês. Repórter trabalhava. Não tinha essa coisa 'maligna', que é o

produtor. Esse novo profissional de jornalismo facilitou muito a vida dos repórteres e ao longo dos anos os repórteres ficaram preguiçosos. Não sabem mais andar sozinhos e se penduram no trabalho dos produtores. Os produtores viraram repórteres e os repórteres viraram só um rosto bonitinho em frente às câmeras. (Idem).

As agendas pessoais e o estoque de conhecimento [bagagem de coberturas] de cada repórter eram um patrimônio intransferível e muitas vezes sinônimo de competência. Nelas, ficavam os telefones das fontes [contatos]. Ninguém passava os contatos conquistados ao longo dos anos para outros repórteres.

Os focas [profissionais em início de carreira] tinham que correr muito atrás de construir um bom acervo de fontes. Disso dependia a sua sobrevivência nos veículos. Repórter sem fontes, sem uma boa agenda, era repórter descartável. “Quando você perdia a agenda, você perdia a vida, mas para mim é mais ou menos como é hoje. Por exemplo, roubaram o meu celular, perdi oitocentos números de telefone, fiquei louca, minha vida profissional estava toda ali”, diz sorrindo Edilma Neiva.

Nessa época (década de 1970), já existiam os chamados jornalistas setoristas, profissionais com especialização na cobertura de certas áreas, como política, economia, judiciário etc. Mas, de acordo com Edilma, a necessidade não os restringia à cobertura da área específica que dominavam. Acabavam funcionando também como generalistas e trabalhavam tanto para os jornais locais quanto para os de âmbito nacional.

Você fazia local, nacional, o que pintasse na frente. Se tinha o repórter da manhã, então o que fosse de manhã, não interessava o que fosse, você tinha que fazer. Nós agíamos sozinhos. Não havia esse hábito de ficar perguntando ao editor como conduzir a matéria. Tínhamos total autonomia. Primeiro, porque não tinha nem como estar ligando para o editor toda hora. Não havia celular. Como é que você ia parar, no meio de uma matéria, e pedir ao entrevistado um telefone [fixo] emprestado para ligar. Às vezes o editor, antes da gente sair, chegava para o repórter e dizia o que era mais importante, ele às vezes estava mais por dentro do assunto que a gente e dizia: – faz uma passagem mais ou menos puxado para tal lado. O editor dava mais ou menos uma dica. Às vezes nem o editor sabia que matéria era aquela que ia ser feita e a gente tinha que se virar. (Idem).

Em 1970, a programação ainda não era 24 horas. De acordo com Edilma, essa programação em tempo integral veio depois da TV em cores. Mas as propagandas já tinham inserções diárias ao longo da programação e algumas campanhas publicitárias eram utilizadas no término da programação. Foi o caso, por exemplo, dos comerciais dos cobertores Parayba.

A programação 24 horas só entrou no ar em maio de 1972, se eu não me engano. Ela terminava por volta da 1h da manhã. Uma propaganda dos cobertores Parayba encerrava a programação. Tinha até uma musiquinha que era mais ou menos assim: Tá na hora de dormir, não espere mamãe mandar, um bom sono pra você e um alegre despertar. E tinha um bonequinho que vinha com um travesseirinho debaixo do braço. (Idem).

Os primeiros repórteres de televisão eram vistos pelos telespectadores de uma forma muito glamorosa. O assédio, por parte da população, era inevitável.

Eu era muito conhecida no Distrito Federal. Isso me assustava demais, porque eu rodava essas cidades-satélites todas e as pessoas me reconheciam e pediam autógrafos. Tratavam-me como se eu fosse artista, uma estrela. Nunca gostei disso! Mas não há dúvida que a televisão mexe diretamente com a vaidade humana. Conheço pessoas que eram maravilhosas e que, a partir do dia que começaram a aparecer na tevê, se transformaram. Coisa terrível! A televisão é uma máquina de fazer doido, como diria Stanislaw Ponte Preta. Porque que é uma máquina de fazer doido? Porque realmente às pessoas, se empolgam com essa visibilidade que a televisão oferece e há quem acredite, de verdade, que viraram mito, celebridade. Eu não me deixei levar! Tenho para mim que muitas outras pessoas que eu conheci também não. Mas há uma tendência para isso e eu acho que essa nova geração de jornalistas que não tiveram essa experiência que nós tivemos, confundem o papel que devem desempenhar. (Idem).

Edilma Neiva acompanhou todos os avanços tecnológicos da tevê, trabalhou com a gravação em filme [película, rolo], saiu do filme de rolo, passou pelo Vídeo Tape (VT), sistema U-Matic, Betacam, DVCAN, miniDV e caminha a passos largos rumo à era da TV Digital. A cada novo suporte tecnológico uma nova linguagem era adotada. Mais rica e mais dinâmica. Para outros jornalistas, entrevistados nesta pesquisa, a história dos primeiros anos de tevê em Brasília e no restante do Brasil não foi muito diferente do que conta Edilma Neiva.

6. Meios técnicos

Em 1959, chegou a Brasília, depois de 11 dias de viagem de caminhão, Jackson de Sena Silva. Na época, apenas um garoto de oito anos. Como muitos pioneiros, Jackson era filho de migrantes aventureiros. O pai, João Soares da Silva, era eletricitista e técnico em eletrônica, e já estava na cidade. Meses antes da chegada de Jackson, o pai deixou a família no nordeste, em Hidrolândia, no Ceará, e veio na frente para tentar a sorte. Uma vida melhor para ele, a mulher Antônia Rodrigues de Sena e os cinco filhos.

Meu pai já estava aqui em Brasília. Minha mãe ficou no Ceará comigo e mais cinco irmãos, e meu pai escreveu para ela solicitando que ela viesse para Brasília, que ele estava empregado e nós saímos em 59, de pau-de-arara – um caminhão coberto com lona e com umas tábuas que serviam como banco. Quando chegamos, fomos direto para Cidade Livre. Hoje, Núcleo Bandeirante. Meu pai morava na Vila Amauri; era ao lado da Vila Planalto. Hoje, o nosso Lago Paranoá é que toma conta do lugar. Quando foram inundar a Vila Amauri para formar o Lago Paranoá, nós fomos morar em Taguatinga e lá foi a minha infância. (SILVA, entrevista oral, em 17 de março de 2009).

Logo que chegou a Brasília, a profissão do pai foi a escola de Jackson Silva. Um aprendizado doloroso, onde a disciplina era imposta de uma forma rude, na base da brutalidade, mas que Jackson sem ressentimentos compreende e agradece.

Meu pai era eletrônico [técnico em aparelhos eletrônicos] e eletricitista; o que sei, hoje, dou graças a Deus e a ele, porque foi ele quem me ensinou elétrica e eletrônica. Ele trabalhava com equipamento ‘avalvulado’, com válvulas, e transistores. Na década de 1960, meu pai montou uma oficina de eletrônica, e eu participei, trabalhando com ele, levando bordoadas. Ele era muito nervoso, se eu demorasse muito com o ferro de solda em alguma peça, um transistor, algum condensador, (...) era eu de um lado numa bancada e ele do outro, ele só metia a mão. (Idem).



Figura 22 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 17.03.09, dia da entrevista oral.

Menino de origem pobre, Jackson Silva sequer tinha visto de perto uma televisão até vir morar em Brasília. Mas foi na oficina de reparos de eletro-eletrônicos, montada pelo pai, que Jackson conheceu, como ele mesmo diz, a “caixa mágica dos sonhos”: a televisão. Logo se apaixonou pela novidade e dedicou-se a consertar os aparelhos de tevê dos vizinhos.

Meu pai consertava televisão e nós não tínhamos televisão em casa; à noite, por exemplo, nós íamos para casa do vizinho assistir televisão. Eu achava fantástico aquele negócio da televisão: Bonanza, por exemplo, Rin-Tin-Tin, a Família Carthwright – filme que tinha o pai e os três filhos, todos bom no gatilho. Nossa Senhora! No tempo de moleque a gente ia para beira do mato brincar de Família Cartwright. Ah! O Zorro com o Tonto, uma maravilha! A gente delirava, vibrava quando dava uma flechada, um tiro e acreditava que o cara morria. Não eram filmes nacionais eram enlatados americanos. Nós não produzíamos nada. A televisão era ainda em preto-e-branco e para ficar colorido o pessoal comprava uma tela azul para dizer que era colorido. (Idem).

Mas não foi restaurando aparelhos de tevê que Jackson descobriu a verdadeira paixão pela televisão. Foi aos 14 anos, participando dos programas de

auditório da TV Nacional e da TV Brasília e observando o trabalho da equipe de técnicos – cinegrafistas (câmeras), auxiliares de cinegrafia (*cabo-man*⁶), iluminadores etc. Segundo Jackson, só era preciso uma chance para que ele ingressasse de vez, como profissional, nos bastidores da televisão. A sorte abriu essa porta e Jackson entrou. Deixou de ser apenas telespectador para ser *cabo-man*, como tantas vezes sonhara. Primeiramente, trabalhou na TV Nacional. Depois, na TV Brasília. Por causa da falta de sorte, doença, de um auxiliar de câmera de estúdio, Jackson figura hoje entre os pioneiros da televisão brasileira.

No final da década de 1960, eu tinha 14 para 15 anos e ia assistir aos programas de auditório, na TV Nacional e na TV Brasília. Ficava olhando os profissionais trabalharem naquelas câmeras e achava aquilo interessante, achava o máximo. Todo domingo eu estava lá, ao vivo, assistindo os programas. De tanto frequentar os auditórios, comecei a fazer contatos [amizade] com os *cabo-man* e câmeras. Um dia faltou um *cabo-man*, e de tanto eu ficar me intrometendo e perguntando aprendi como fazer o trabalho e substitui o *cabo-man* que faltou. Era preciso habilidade para acompanhar o câmera e ir soltando e recolhendo cabo. Eu tinha que estar atento aonde ele [câmera] viesse passando, se não o *Doyle*⁷ prendia nos cabos. (Idem).

Durante quase quatro anos Jackson trabalhou todos os domingos nos programas de auditório. Com o passar do tempo, aprendeu a operar as câmeras. Esse aprendizado foi o passo definitivo rumo à consolidação da profissão como cinegrafista.

Eu não ganhava nada. Não tinha salário. Mas eu estava lá todo domingo. Queria aprender. Já não ia mais para assistir o programa de auditório. Chegava como funcionário, preparando tudo. Quando eu peguei na câmera pela primeira vez, profissionalmente, porque os colegas já tinham me ensinado como captar imagem, foi uma paixão. Aqueles profissionais me ensinaram tudo sobre televisão. Foram meus mestres. Infelizmente, já não estão mais entre nós. Trabalhar nessa área é um ‘câncer’ – uma doença incurável, porque você se apegar à profissão, você ama a profissão, e para você fazer um bom trabalho você tem que amar o que faz mesmo que o pagamento [salário] não valha à pena. (Idem).

⁶ *Cabo-man* = profissional que acompanha o cinegrafista ou operador de câmera soltando e recolhendo cabo (fios que se conectam ao equipamento de captação de imagens – câmeras filmadoras). (Nota da autora da pesquisa).

⁷ *Doyle* = Veículo – carrinho que transporta a câmera e o operador, para facilitar a movimentação durante as tomadas. (Nota da autora da pesquisa).

Quando Jackson ingressou na profissão, final da década de 1960, início da década de 1970, as televisões ainda trabalhavam com câmera de cinema e filmes de rolo. Mas na década seguinte (1980), os equipamentos mudaram. Diminuíram de tamanho e ganharam em qualidade de som e imagem. Mesmo com a mudança, um arsenal de equipamentos ainda era levado para as ruas para fazer as matérias.

Na época que eu comecei, trabalhava com fita de rolo. E as primeiras transmissões de televisão eram feitas com Telecine – era uma espécie de projetor com uma câmera na frente. Em outras palavras, Telecine é um equipamento que permite que um filme, capturado originalmente em película, possa ser visto por equipamentos de vídeo. No nosso caso, televisão. Nós gravávamos em CP – uma filmadora de 16 milímetros, com bateria. A maioria das televisões usava CP e as equipes de externas eram compostas por seis pessoas. Um auxiliar de câmera – só para carregar o VT⁸ de 2,5 polegadas –, o operador de VT, o iluminador, o câmera [cinegrafista], o motorista e o repórter. Era muito grande a equipe, e os equipamentos eram muito grandes e pesados; depois chegou a Era do Simplex; depois do Simplex, o U-Matic. (Idem).

As dificuldades técnicas, decorrentes do uso da película, obrigavam as equipes a retornar das ruas com pelo menos duas horas antes do material captado ser veiculado. Qualquer atraso inviabilizava toda a cadeia produtiva e era preciso muita criatividade.

Naquele tempo, a equipe técnica chegava cedo à redação para participar da reunião de pauta, porque nessa época os câmeras tinham que se inteirar do que era a matéria por causa do filme que era caro e a gente tinha que economizar. Era um corre-corre. A equipe saía, filmava, e trazia o mais rápido possível para estação o material gravado. Os filmes eram entregues no laboratório para revelar. Muitas vezes nós já chegávamos da rua com o jornal praticamente no ar. Os laboratoristas desesperados esperando. Muitas vezes, para dar tempo de transmitir, os filmes eram postos para secar com secador de cabelo, com ventilador. Mal terminava de secar, nem rebobinava, jogava no carretel do Telecine e ficava segurando o rolinho na mão. (Idem).

Nas primeiras duas décadas da televisão brasileira, os profissionais de televisão, principalmente os da área técnica, não podiam contar com cursos de

⁸ VT = Vídeo Tape ou Videoteipe ou Vídeotape – do inglês *videotape* = literalmente *fita de vídeo* –, nome também utilizado para fazer referência ao aparelho de gravação em fitas magnéticas. (Nota da autora da pesquisa).

especialização. Esses cursos não existiam formalmente. Os professores eram os profissionais que já trabalhavam no mercado. Esses, por sua vez, aprenderam com outros que os antecederam. Jackson foi um dos muitos que aprenderam enquanto faziam.

Os que me ensinaram, vieram do Rio de Janeiro na transferência da capital. Aprendi muito com eles, com a experiência deles. Eu acredito que fui um bom aluno, porque nunca perdi nem um pé de filme. Mas ainda estou engatinhando, porque a gente nunca sabe tudo. Com a rapidez da evolução tecnologia, estamos em constante aprendizado e quem não acompanha, fica para trás e dança. (Idem).

Jackson acompanhou de perto, durante o exercício da profissão, a evolução tecnológica dos equipamentos de tevê. Conhece como poucos cada detalhe da mudança dos suportes e diz que agora (2009) está mais fácil trabalhar, porque os equipamentos estão menores, mais leves e mais precisos.

Acompanhei toda a evolução dos equipamentos que entraram no mercado. Depois do filme, chegou o U-Matic – uma fita grande, com aproximadamente 20 centímetros de comprimento, e que tinha autonomia [capacidade] para gravar durante 20 minutos. O aparelho de VT, onde eram colocadas as fitas U-Matic para gravar, pesavam ‘uma tonelada’. O BVU de 10, por exemplo, que era um aparelho de VT que ficava conectado a câmera, pesava quase 8 quilos. O operador de VT carregava aquele trambolho. O cinegrafista levava a câmera no ombro. Geralmente era uma Ikegami, uma Hitachi ou a A 6000 da Sony. A Ikegami era um peso imenso, pesava cinco quilos sem bateria. Com bateria pesava quase seis quilos. U-Matic, nessa época, era o equipamento de ponta. Mas logo em seguida veio o Betacam. (Idem).

Segundo Jackson, no final da década de 1970, começo da década de 1980, com a chegada do sistema Betacam, começaram a surgir na cidade os primeiros cursos técnicos para formação de cinegrafistas.

O sistema Betacam foi um pulo tecnológico muito grande e sempre quando tinha assim uma inovação de tecnologia, nós íamos fazer curso; aí sim, já tinha preparação e tudo. O mercado brasiliense não oferecia cursos. Nós tínhamos que nos deslocar para os grandes centros – Rio de Janeiro e São Paulo. Mas no antigo Ministério do Interior, onde passei 13 anos trabalhando como cinegrafista, sempre que tinha lançamento de equipamento, eu passava um mês, um mês e pouco fora [Rio e São Paulo] fazendo curso desse novo equipamento. (Idem).

Em Brasília, conforme declara Jackson, era comum na década de 1970, ministérios terem a sua própria equipe de tevê. O primeiro a contratar foi o Ministério do Interior, em 1975. Muitas vezes, eram essas equipes de ministérios que davam suporte às emissoras nas coberturas de catástrofes.

No tempo do ministro Maurício Rangel Reis, para satisfazer o filho, ele montou o Departamento de Audiovisual. Eu era o cinegrafista do ministro. Como o Ministério do Interior era um super-Ministério, eu cobria todas as áreas do Ministério e fiz muito documentário para ser exibido em seminário, em congresso. Viajei para enchentes em Marabá. Cobri seca no Nordeste. As imagens e matérias depois eram veiculadas na TV Nacional, na TV Brasília, nas televisões locais da época. Fiz muita matéria exclusiva, mas cansei de sair com repórter da Radiobrás (TV Nacional) com o equipamento do Ministério do Interior, porque eles não tinham equipe para viajar. Fazíamos a chamada dobradinha – a equipe de cinegrafia do Ministério com um repórter da Radiobrás. (Idem).

De acordo com Edilma Neiva, na década de 1960 e no início da década de 1970, a captação de imagens e sons era feita em filmes, nas tevês brasilienses e no Brasil como um todo. Os mesmos que eram utilizados no cinema. Os filmes eram medidos em pés. Cem pés de filme correspondiam a um minuto de tempo de gravação. Dispendiosos, os filmes tinham que ser utilizados sem desperdício e todas as sobras de rolo eram aproveitadas. As pontas tinham que ser cortadas, porque essas pontas não gravavam e, portanto, não eram usadas. Havia uma perda também de filme no início e no fim do rolo e tudo isso tinha que ser calculado. Os repórteres e os técnicos calculavam quanto tinham de filme e todos os pedaços que sobravam nos rolos eram aproveitados. Somente repórteres de matérias especiais trabalhavam com a bobina cheia [filme inteiro].

Quando o filme começa a rolar na vela, aquela primeira parte não conta. Tinha aquelas máquinas especiais com uns rolos onde o filme ficava rolando ali dentro. Você calculava mais ou menos 100 pés para realizar a gravação. Só em uma matéria muito especial o dono da reportagem saía com rolos e rolos, mas a gente, repórter, só pegava ponta de filme. O que isso significa? O rolo vinha com quatrocentos pés, então depois de uma matéria de 200 pés, por exemplo, então ficava 200; aí a outra matéria gastou 50 pés, ficava 150; chegava ao final, ficavam aquelas pontas: sobravam 20 pés, 30 pés, e tinha que trabalhar com aquilo, então era um tal de troca fita, troca fita, troca o rolo. (NEIVA, entrevista oral, em 07 de março de 2009).

Nas duas primeiras décadas os editores de imagem e de texto eram chamados de montadores. De acordo com Edilma Neiva, sempre faltavam montadores [editor de imagem e editores de texto] e os repórteres faziam de tudo na linha de produção da notícia, desde a concepção da pauta até a montagem final [edição de texto], passando muitas vezes pela apresentação do jornal. Nessa ocasião, início da década de 1970, a apresentadora do jornal da TV Globo era a jornalista Consuelo Badra, atualmente (2009) proprietária da *Revista Foco*. Mas quando Consuelo adoecia quem estivesse na redação, no horário do jornal, tinha que apresentar.

Naquela época, editor de Imagem não chamava editor ainda, chamava montador – eu fazia as reportagens, montava [editava], apresentava. Naquela época, na redação da Globo, basicamente só tinha Ibiapina e eu. Então a gente fazia de tudo. Faltou repórter, faltou apresentadora, hoje não pôde vir, adoeceu, lá ia eu apresentar. Essa época, da Globo, foi uma escola muito importante para mim. Foi a minha base. O que eu sei aprendi lá. Depois, com o desenvolvendo tecnológico, fui reaprendendo, adaptando-me. (Idem).

Heitor Andrade diz como era a tecnologia da época. As dificuldades, por exemplo, de uma cobertura. Para ele, tudo era mais difícil e faz questão de destacar a importância e o valor das equipes técnicas. Esse pioneiro, contrariando as práticas atuais (2009), exalta e reconhece o trabalho dos que estão por trás das câmeras, os que nunca aparecem, tampouco são lembrados. Apesar de dizer o óbvio, que sem câmeras e iluminadores a televisão não existiria, ele ressalta que esses profissionais foram a grande escola de quem estava ingressando na nova mídia.

Bom, eu posso dizer que a tecnologia era outra. Tinha apenas telefone [fixo], mas não tinha Internet, nem celular. Eu entregava tudo nas mãos dos técnicos e eu sabia que eles eram notáveis e as coisas aconteciam. A cobertura diária era muito difícil. Era muito complicado, porque os equipamentos eram muito pesados. Aquelas fitas enormes. Agora, é o seguinte: uma coisa é notável. O pessoal de técnica, cinegrafistas, iluminadores, eletricitas etc., são gênios. Esse pessoal a gente bota o que quiser na mão deles e eles fazem coisas notáveis. Porque o que eu sinto é o seguinte: todos os meus companheiros, de equipe, eram realmente fantásticos. Encontravam solução para tudo. Tinha aqueles rebatedores de sombra [iluminadores] que conseguiam iluminação perfeita em meio a tanta precariedade. Eu vou te dizer uma coisa: o problema não está na máquina. Está no homem. Eu nunca vi gente mais inteligente do que esse pessoal [da área técnica] de tevê. É muito inteligente, o pessoal da técnica. São todos geniais. Eu sempre me dei muito bem com

todas as minhas equipes. Foram eles que me ensinaram a fazer jornalismo. (ANDRADE, entrevista oral, em 03 de março de 2009).

Nas três últimas décadas, de acordo com Heitor Andrade, é incontestável a mudança dos suportes tecnológicos. As tevês ganharam em qualidade de som e imagem, isso é incontestável. Mas, para pioneiros da televisão, como é o caso de Heitor, a cobertura da mídia só piorou. Enquanto o brasileiro ganhou muito em qualidade de imagem, perdeu na mesma proporção em qualidade de informação. Sem conteúdo, ele restringe os avanços à condição de simples “parafernália” tecnológica.

As alterações tecnológicas valorizam a imagem e a qualidade, mas o que importa mesmo é o conteúdo. Se não tiver conteúdo para mim não adianta essa parafernália tecnológica. A minha angústia, a minha insatisfação, e frustração é a idiotice, de não usar o veículo para formar e informar cidadãos. Se a mídia fosse inteligente, o povo brasileiro seria a maior civilização do planeta. Hoje, o que constrói a civilização é a mídia. Se a mídia é idiota, o povo fica idiotizado. Não tem cabimento! Infelizmente, logicamente eu não sei nem se devo falar, mas ficar o domingo inteiro ouvindo as baboseiras de um aproveitamento emocional idiota é desperdício de tecnologia. Eu acho o seguinte: Agora, só se constrói a cultura e a civilização pela mídia. Se a mídia é imbecil o povo também é. Eu acho que deveria ter um código de ética e cultural fantástico para controlar isso tudo e só não digo penal, porque não funciona no Brasil. (Idem).

Celson Carlos não só acompanhou a construção e instalação da Rádio e TV Nacional, na nova capital federal, como também cedeu técnicos e equipamentos que ajudaram a implantar a TV Brasília. Além de contribuir com recursos humanos no processo de instalação, ele afirma que testemunhou a edificação do prédio que abrigaria mais tarde o canal 6, TV Brasília.

A TV Brasília funcionava ali próximo onde está o nosso prédio [701 Sul]. Ela funcionava mais ou menos ali nos fundos dos edifícios [Setor de Rádio e Televisão Sul – onde está localizado hoje (2009) o Centro Empresarial Assis Chateaubriand]. A tevê começou ali com muita ajuda nossa, da TV Nacional. (OLIVEIRA, entrevista oral, em 10 de março de 2009).

Os equipamentos de tevê, utilizados na década de 1960, segundo Celson Carlos, eram tecnologia inovadora e de ponta, mas ainda assim ele recorda das

dificuldades dos cinegrafistas nas externas com os fios e com o peso do equipamento.

Os equipamentos que existiam são os mesmos que existe hoje, 2009. Naturalmente, hoje, está tudo aprimorado. Mas na época, o *câmera-men*, por exemplo, se fosse ao Palácio para fazer uma entrevista com Juscelino não era com uma beleza dessa não [faz menção ao equipamento utilizado pela equipe de cinegrafia – Melquisedequi Alves Lopes e Raimundo Nonato de Oliveira –, que acompanha a pesquisadora e que carrega uma câmera DV Can que pesa 7,5 quilos]. Era um caixote, colocado no ombro, com aqueles fios todos. Não era mole. Peso eu não sei direito, mas devia pesar uns 15 quilos. Eu sei que era incomodo à beça. Hoje vejo, era rudimentar, um negócio que tava começando. (Idem).

A publicidade e os patrocínios de programas naquela época eram muito rudimentares, de acordo com Celson Carlos. Não havia sombra do modelo adotado nos anos 2000. Efeitos especiais, animação, ainda nem existiam. Fundamentalmente, as campanhas publicitárias eram feitas com um ator, uma garota-propaganda, um cantor ou um locutor apresentando o produto.

Tinha uma casa [rede de varejo] aqui que era considerada a maior. Era estilo Casas Bahia, chamava-se Casa Neno. O pessoal de 1960, até perto da revolução, deve lembrar. Era uma grande casa. Ela tinha garota-propaganda. Mas se você ia fazer um programa, por exemplo, com o patrocínio da Coca-Cola, então apreciava o nome Coca-Cola no programa e aí aparecia uma garota-propaganda segurando uma Coca-Cola, era assim. (Idem)



Figura 23 – Fotografia de Oscar Niemeyer (à direita da foto) concedendo entrevista na Rádio Nacional, no programa de Manoel Barcelos, patrocinado pela Casa Neno. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

A grade de programação da TV Nacional na primeira década de funcionamento em Brasília não foi muito diferente da grade de programação montada para a Rádio Nacional, porque a programação era praticamente local. Feita prioritariamente para informar e entreter os candangos e esses operários da construção da cidade repousavam cedo.

A televisão também começou das sete da manhã às nove da noite. Não ia além porque o pessoal tinha que ir dormir. Eram funcionários, operários. Não iriam ficar acordados até meia-noite, uma hora, duas horas da manhã. Então terminava nesse horário. Você sabe que tudo se copia. Você vê um negócio e pode até copiar melhorando. A TV Nacional se calçou, se baseou em várias televisões do exterior. A programação da tevê, na época, foi uma das coisas com que mais nós nos preocupamos. Queríamos fazer uma programação sadia. Tínhamos programa esportivo, noticiosos, comédia, entretenimento, programa de auditório aos Sábados. Nós tínhamos inclusive programas, às vezes, feitos aqui mesmo. Por exemplo, tinha um programa que se chamava: "W3". Não me lembro o nome todo. Era até do Alfredo Ribeiro. Esse era um dos que faziam programas sadios, engraçados, serviam tanto para um adulto quanto para uma criança. Não havia nada demais. O especial era a notícia e é o que tem que ser. (Idem).

Tudo funcionou muito bem na TV Nacional até 1964. Mas antes das redações serem tomadas e quebradas pelos militares Celso Carlos saiu de Brasília e se desligou de todos os veículos de imprensa. O empastelamento das redações não poupou a TV Nacional. Incendiada, a memória material virou cinza. Somente a presença dos atores sociais [jornalistas], que viveram ou presenciaram o ataque, possibilitou o resgate das informações. Celso evita falar no assunto. Irrita-se ao mencionar os fatos da época. Como durante o período de entrevistas ele estava se recuperando de uma cirurgia cardíaca, a pesquisadora respeitou o momento de convalescência.

Meu pai me dava informações privilegiadas. Na época que estourou a revolução eu sabia que estava para estourar. Se bem que aquilo não foi nem revolução, aquilo foi mais a quartelada, é o nome certo. A quartelada. Eu tomei pavor disso tudo. Entraram [militares] lá [Rádio e TV Nacional] mandando desligar a rádio, desligar tudo. Desligaram e todos os que estavam lá foram jogados [por militares] para cima de um caminhão. Levaram todo mundo preso. Lá para o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), na Granja do Torto. Eu não estava mais em Brasília. Já tinha me mandado para o Rio, um dia antes. (Idem).

Celson Carlos permaneceu fora de Brasília por mais de 15 anos e foi somente na década de 1980 que ele retornou a pedido de Tancredo Neves para assumir a direção da Radiobrás. A morte de Tancredo impossibilitou a posse de Celson, mas o trouxe de volta à imprensa. Desta vez, não para trabalhar em rádio ou tevê, mas para abrir a editora Dom Bosco.

6.1. Cheiro de fumaça

Jackson Silva, Wilson Ibiapina e Edilma Neiva, para ficar apenas em alguns exemplos, dizem pertencer a uma época em que as redações eram barulhentas e enfumaçadas de cigarros, totalmente insalubres. Principalmente, no início do período do regime militar (1964-1985), as pessoas fumavam nas redações e até consumiam bebidas alcoólicas. Mas segundo Heitor, na década de 1970, essa não era mais uma realidade na TV Brasília.

Eu trabalhei para os *Diários Associados*. Como eles tinham uma arquitetura muito organizada, tanto no *Correio Braziliense* quanto na *TV Brasília*, sempre foi tudo muito organizado. Nunca houve essa coisa folclórica de fumar na redação, de entrar bêbado, com isso eu nunca convivi. Na *TV Brasília*, como havia muito espaço, e era ali na W3 Sul, tinha um conforto muito grande. Tinha uma arquitetura que não permitia nenhuma bagunça, porque era tudo muito certo. Estúdio era estúdio, o local do jornalismo era muito bem definido, era tudo muito bem compartimentado, e isso gerava uma grande disciplina. Eu, por exemplo, nunca vi nada na *TV Brasília*, que eu me lembre, algo que causasse algum embaraço. Ninguém fumava ou bebia no ambiente de trabalho. (ANDRADE, entrevista oral, 2009).

Sophia Wainer apesar de dizer que as redações não eram barulhentas e fedorentas assume que muitos fumavam no ambiente de trabalho. “O local era absolutamente agradável. Mas se fumava em todo lugar naquela época. Todo mundo fumava. Eu, na verdade, mais acendia do que fumava. Era mais charme. Fumava porque era elegante, o fumo fazia parte. Depois que começaram essas campanhas e que começou a ser proibido é que as pessoas deixaram de fumar. Eu mesma parei de fumar há muito tempo”.

7. Televisão: rádio com imagem

Heitor Andrade não enxerga a televisão como um rádio com imagem como afirmam outros profissionais da época, como dizem Edilma Neiva e Wilson Ibiapina, por exemplo. Na sua avaliação, a televisão já chegou vestida com a sua própria linguagem. “Não era uma rádio com imagem. Quando você coloca uma câmera é outra coisa. Filmou? Começa uma nova linguagem! A própria tecnologia é que dá um sentido à linguagem. Embora, muito experimental, cheia de erros e acertos a tevê já nasceu inovando em linguagem, porque filmou, houve movimento, as coisas mudam radicalmente”.

Sophia contrapõe Heitor e corrobora com Ibiapina, Edilma Neiva, entre outros e afirma que a televisão é para ela um rádio com imagens. “A televisão era uma rádio com imagem. Na rádio você ouvia só voz e na televisão você juntava a voz e a imagem. Era uma voz [rádio] com imagem. Isso eu acho que era mesmo e é até hoje”.

7.1. A audiência das primeiras décadas: A visão de quem assistia

O que tem uma farmácia de manipulação a ver com toda a história das primeiras tevês em Brasília? Tudo! Absolutamente tudo! O filho de Djalma da Fonseca Beltrão é proprietário da farmácia de manipulação RDB e chegou a Brasília em 1959, com 18 anos, vindo de Minas Gerais.

Dois de seus irmãos já estavam na cidade, Benonni e Ivam Beltrão. Benonni foi inclusive um dos primeiros funcionários do Banco do Brasil em Brasília. Esse Mineiro, proveniente de uma família de pioneiros, vindos de São João Del Rei, hoje (2009), com 68 anos, é o nono filho dos doze que seu pai teve com a professora Antonina Dias Beltrão. Partiu da pacata cidade onde nasceu para tentar vencer na vida e venceu.



Figura 24 – Fotografia feita por esta pesquisadora, em 3.03.09, dia da entrevista oral.

Roosevelt é bancário, mas também é empresário do ramo farmacêutico e corretor de imóveis. Vendeu da primeira à última loja do Conjunto Nacional Brasília. Viu o prédio ser erguido e tem lembranças do local de uma época em que a fachada do prédio sequer tinha propagandas. Esse pioneiro cresceu com a cidade e espera jamais sair daqui.

Eu sou pioneiro no ramo farmacêutico em Brasília. Vim para Brasília porque vislumbrava um futuro promissor e estou satisfeito com o que construí. Aqui casei, tive dois filhos, uma neta, fiquei viúvo. Minha vida é aqui. Ajudei a construir parte do que existe, hoje, aqui. Construí o primeiro laboratório farmacêutico de Brasília, isso em 1960. Sou proprietário da primeira farmácia do Conjunto Nacional, que está em pleno funcionamento até hoje, a RDB. (BELTRÃO, entrevista oral, em 3 de março de 2009).



Figura 25 – Fotografia do Conjunto Nacional Brasília, ainda em construção (década de 1960). Digitalização a partir da fotografia original do acervo particular de Roosevelt Beltrão.

Quando chegou a Brasília, o farmacêutico, no início, ficou no alojamento do Banco do Brasil, na Cidade Livre. Onde está construída, hoje, a avenida central do Núcleo Bandeirante. Depois, foi morar no alojamento do Banco da Lavoura. Os alojamentos eram em madeira. Era tudo o que havia na cidade para hospedar os primeiros que chegavam e as instalações eram muito precárias. Não havia facilidades. Tudo era longe, barrento, frio e solitário, contam as fontes.

Adirson Vasconcelos já havia me relatado que luz elétrica era luxo na época, mas ainda assim pergunto a Roosevelt Beltrão se os chuveiros em 1959 já eram elétricos e ele responde caçoando: “Para começar, água era raridade. As caixas d’água eram abastecidas por caminhões, que de vez em quando apareciam”, diz.

Uma cidade estava nascendo, a capital estava se interiorizando e o corretor de imóveis conta como foi o sentimento daquele garoto de 18 anos, ao chegar aqui nesse cerrado, de barro vermelho. Um verdadeiro canteiro de obras.

Eu cheguei um ano antes da inauguração, em 1959, trazido por meus irmãos, da velha, tradicional e impiedosa São João Del Rei, berço de Tiradentes, Tancredo Neves, Paulo Nava e de outras personalidades da história do Brasil. Comi muita poeira. Mas me senti muito orgulhoso por poder participar da construção dessa cidade monumento. Antigamente, existiam muitos Lacerdinhos (redemoinhos) por aqui. A poeira levantava e quase levava você pelos ares. De quando em vez, descia nessa poeira o helicóptero com o presidente Juscelino para trazer ânimo para os trabalhadores, para os candangos. (Idem).

Segundo Roosevelt, o relacionamento do presidente com a imprensa não era diferente da relação que ele tinha com os ministros e populares. O presidente, ao cumprimentar as pessoas e ao dar declarações à imprensa, garantia que o Brasil deslancharia com a inauguração da cidade. JK impregnava a todos com o espírito desenvolvimentista e assegurava que daquele barro vermelho jorraria poder e renda. Nasceria um novo país. Mais próspero e repleto de perspectivas, principalmente para os pioneiros da nova capital.

O presidente Juscelino tratava a todos como iguais. Tratava a todos muito bem, principalmente a imprensa. Ele sabia falar, tratar com a imprensa. Ele gostava e tinha orgulho de recebê-la. O dia da inauguração de Brasília foi marcado por uma euforia imensa. Muita casaca, muito vestido longo, nessa poeira que tinha em Brasília. Não combinava, não é? Mas era assim que as autoridades estavam vestidas. Foi bonito, contagiante. A relação de Juscelino com os candangos era uma relação muito próxima. Ele era um presidente popular mesmo. Ele não forçou nada para ser popular. O populismo dele era inerente a ele. Uma pessoa boníssima que não fazia diferença entre ministros, candangos e imprensa. Tratava a todos como iguais. Eu estive presente na inauguração do Palácio do Planalto. Mesclavam-se as casacas, os vestidos longos e os candangos em pé de chinelo. Ricos e pobres se misturavam para festejar e enaltecer o feito do presidente. Juscelino fez questão que os candangos participassem da inauguração. Tudo que você imaginar teve. Banda militar, do Exército, Marinha, Aeronáutica e dragões da independência. Juscelino discursou e ele falava muito bem. O grande construtor de Brasília [Israel Pinheiro] também estava presente, lembro que ele estava com uma casaca muito chique. Eu estava de terno preto com risca de giz, no meio daquela poeira. (Idem).



Figura 26 – Em 21 de abril de 1960, dia da inauguração de Brasília, o presidente Juscelino segue a rampa rumo ao parlatório para discursar. A foto é parte integrante do acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

Roosevelt relata que havia pouco entretenimento no começo de Brasília, mas ressalta que em 21 de abril de 1960, no dia da inauguração de Brasília, inauguraram ao mesmo tempo a TV Nacional e a TV Brasília. Essa estreia proporcionou um pouco mais de diversão aos pioneiros.

Aqui tinha boates – entre outras, *Night and Day* e Tiroleza. De vez em quando eu tinha que dar uma escapada pela vizinhança para poder me divertir um pouco mais. Muitos quando buscavam divertimento partiam para Anápolis, Luziânia, Goiânia, que eram cidades pequenas, naquela época. Mas a estreia dessas tevês aqui foi excelente. Apesar da programação da televisão na primeira década em Brasília ser muito diferente do que se vê hoje, era tudo feito por aqui, ao vivo e em preto-e-branco. Lembro bem que os cantores na época se apresentavam na tevê. Tinha o Fernando Lopes, tinha o Emílio Sobreira Gomes de Matos, da TV Brasília, que morreu recentemente, infelizmente. Tinha o Célio Dias. Nada se parece com o que é feito hoje. Hoje, tem replay. Naquele tempo não tinha. A pessoa errava e estava no ar, não tinha como filmar antes. Era a queima roupa. A pessoa errava e o erro ia para o ar. Mas nós estávamos acostumados com isso. Tempos depois, a TV Brasília,

que era da Rede Tupi de Televisão, começou a ‘importar’ programas do Rio de Janeiro e esses programas geralmente passavam no sábado. Eram geralmente programas de comédia. Eu gostava muito, por exemplo, de um programa chamado Noites Cariocas, que tinha um estilo parecido com o Zorra Total. Os noticiários eram locais. As coisas demoravam a chegar aqui. Os jogos da copa do mundo de 58 e 62, salvo me engano, passavam em Brasília, dois, três dias depois dos jogos. A programação não era 24 horas. Terminava a programação por volta de 11h, meia noite. Cada horário tinha um programa, a maioria ao vivo, com programas de auditório e foi assim praticamente por toda a década de 1960. As publicidades locais eram feitas pelas garotas-propaganda que se apresentavam ao vivo. Tinha uma moça que já estava passando da idade de ser garota-propaganda e a gente chamava de Titia-propaganda, mas já não me lembro o nome dela. (Idem).

A temporalidade da história é uma estrada aberta...

8. Conclusão

Neste trabalho, aspirei evidenciar uma parte importante da história das televisões de Brasília, bem como demonstrar o que era a cidade na década de 1960 e 1970, quando surgiram as primeiras tevês. Segundo Vinicius de Moraes e Antonio Carlos Jobim, Brasília era o nada. A cidade era apenas o inabitado.

Para esses músicos, no início, Brasília era terra infrutífera, inóspita. Uma terra de ninguém. “No princípio era o ermo. Eram antigas solidões sem mágoa. O altiplano, o infinito descampado. No princípio era o agreste: O céu azul, a terra vermelho-pungente e o verde triste do cerrado. Eram antigas solidões banhadas de mansos rios inocentes, por entre as matas recortadas. Não havia ninguém. A solidão. Mais parecia um povo inexistente, dizendo coisas sobre nada”, afirmavam sobre a cidade, Tom e Vinicius, na letra da música Brasília, Sinfonia da Alvorada.

Mas Brasília era mais. Como diria Martin Heidegger, “o nada é a possibilidade de ser”. Portanto, a nova capital era a obra, o homem, a comunicação, a imagem e o espírito empreendedor e muito característico dos pioneiros. E, foi esse espírito pioneiro dos profissionais de jornalismo que, ainda na década de 1950, possibilitou que a inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960, fosse transmitida por duas emissoras de tevê, já com sede na nova capital. Entre eles, figura como parte integrante desta pesquisa, Celson Carlos Batista de Oliveira, hoje (2009) com 75 anos.

Em 21 de abril de 1960, a cidade inaugurou no mesmo instante e dia em que as primeiras tevês foram oficialmente inauguradas. TV Brasília e TV Nacional surgiram para ajudar a integrar de forma definitiva a nova capital ao resto do país. Papel que até então vinha sendo desempenhado pela Rádio Nacional.

A “toque de caixa”, correndo contra o tempo, Chateaubriand e seu estafe inauguraram a TV Brasília. Dez funcionários e seis componentes da orquestra da Rádio Nacional, dirigidos pelo radialista Celson Carlos inauguraram a TV Nacional, para atender a um apelo do então presidente Juscelino Kubitschek.

Talvez você, meu caro leitor, estivesse presente, mas assim como eu muitos não estiveram. Essa é uma história que morre a cada dia. Pouco ou quase nada foi escrito sobre o tema. A história da televisão brasiliense ainda é um enigma a ser desvendado.

Essa reconstituição, de duas décadas, ainda uma pequena parte do que ainda pode ser resgatado, só foi possível ser realizada por meio de relatos de testemunhas oculares, fotos, recortes de jornais e depoimentos dos profissionais que trabalharam na época. Desta forma, conseguiu-se traçar a linha editorial das primeiras emissoras, bem como registrar formalmente os relatos orais dos pioneiros de Brasília, já que boa parte dos materiais de acervo da época não mais existe, porque foram destruídos pelo tempo, perdidos ou queimados.

Fica bastante evidente o papel social das primeiras tevês junto à comunidade que chegava à capital federal. Mas o que se pode concluir, a partir dos depoimentos, é que reconstruir a história do surgimento das primeiras tevês em Brasília traz elementos importantes da própria história da cidade. O que foi resgatado nesta pesquisa certamente não se esgota aqui, pois é necessário com urgência, dar continuidade aos registros, para que os fatos não sejam esquecidos e sirvam como guia de aprendizado e autoconhecimento para as futuras gerações de jornalistas.

Certamente, ficou evidenciado que experimentalismo, inovação, erros e acertos, marcaram de fato o início das primeiras televisões em Brasília. O momento político da época e a ausência da obrigatoriedade do diploma de jornalismo permitiram o ingresso de profissionais que tinham formação em outras áreas do saber. Esse fato trouxe, em certa medida, a pluralidade de olhares necessária à implantação.

As técnicas e o aperfeiçoamento do modelo televisivo de comunicação cresceram par a par com o resto do país. Uma década separava o surgimento da implantação das tevês brasilienses do seu surgimento no resto do Brasil e na América latina. O momento histórico que vivia a nação, nas décadas de 1950 e 1960, certamente deu o tom e a velocidade com que a cidade e as emissoras surgiram no cenário do processo de interiorização da capital para o centro-oeste do país. A necessidade do então chefe de Estado, Juscelino Kubistchek, de consolidar a mudança da capital fez surgir no tapete de barro vermelho e céu anil os primeiros veículos.

A linguagem inovadora, impulsionada pelos avanços dos suportes tecnológicos, deve muito, sem sombra de dúvida, aos outros veículos de comunicação de massa, principalmente ao rádio. A história de vida dos candangos da cidade, e as histórias dos pioneiros da televisão brasiliense, confundem-se e fundem-se em uma só história. De um lado, estavam os produtores da notícia e do

entretenimento. De outro, estavam os telespectadores ávidos por diversão e informação. Juntos, donos de conglomerados da imprensa, como por exemplo, Assis Chateaubriand, jornalistas, radialistas, técnicos, cidadãos comuns, políticos e anônimos edificaram os pilares que sustentam até hoje a mídia tevê na capital federal.

De acervo, um ou outro achado no fundo das gavetas dos profissionais da época. De documentos oficiais que não tenham sido perdidos, destruídos, queimados, outra meia dúzia. A história da televisão brasileira tem sido passada de geração em geração, de boca em boca, por meio da oralidade.

Com o desaparecimento dos atores sociais que protagonizam essa história, jornalistas em boa parte formados fora das academias tradicionais, moldados com a prática, profissionalizados no próprio exercício da função, junto desaparece a própria história das tevês. Eles e elas estão envelhecendo, os mais jovens a testemunhar a estreia das primeiras tevês já estão (no ano de 2009), na média, com mais de sessenta anos de idade.

O que é possível afirmar até agora, por meio das várias entrevistas que foram feitas, é que a linguagem própria da televisão brasileira fundou-se, em grande parte, na interiorização da capital. Brasília era a partir das primeiras edificações o novo palco das ações políticas e econômicas do país. Entre os vários canteiros de obra, o então presidente Juscelino Kubitschek, recebia a imprensa candanga, inclusive a televisiva, e falava à nação. Todos os presidentes que o sucederam falam igualmente desse mesmo planalto central.

Na ditadura militar, parte do acervo das tevês, foi destruído. Alguns arquivos foram completamente queimados e apagados. Virou cinza a memória. É o caso da TV Nacional, para ficar apenas em um exemplo. Muitos trazem marcas tão profundas desse episódio, que sequer querem mencioná-lo. Com muito esforço e com as emoções a gotejar dos olhos alguns relataram aqui neste trabalho o ressentimento dessa perda.

Investigar acontecimentos é parte constitutiva do fazer jornalístico. Reconstruir e interpretar dados em episódios isolados, conectá-los entre si, uni-los em um conjunto, por meio de biografias individuais e coletivas é, portanto, escrever formalmente a história. É retornar ao passado para compartilhar fatos, não importando a época. É demover da finitude o homem e seus feitos. É tornar monumental a obra do homem. É deixar um legado para as novas gerações. É

retornar à origem para prospectar o futuro. É compreender como tudo avançou para ser o que se é na presente temporalidade.

Homenagear, reconstruir e contar as histórias desses pioneiros da televisão brasileira deveria ser um dos primeiros compromissos dos próprios jornalistas, agora que as gravações não são mais medidas em pés e gravar e degravar são tecnologias acessíveis a todos.

Por hora, o que posso afirmar é que o perfil dos entrevistados, a história de vida desses personagens são elementos constitutivos do discurso simbólico das tevês brasileiras. Portanto, conhecer o trabalho desses profissionais, enveredar no cotidiano de como eram feitas as reportagens diárias e conhecer as dificuldades técnicas que eles enfrentavam, entre outras coisas é desvelar a história das primeiras tevês de Brasília.

Essa monografia será uma, das muitas contribuições, que esta nativa do cerrado de árvores tortas, de céu anil e alvoradas multicoloridas, tantas vezes enaltecidas entre os pioneiros, deseja deixar para as futuras gerações. Essa pesquisa é um alicerce do autoconhecimento e pretende, além de recolher e costurar os retalhos desta história, demonstrar às futuras gerações de jornalistas que não é possível avançar e crescer sem conhecer o próprio passado.

Os profissionais do rádio, principalmente os radialistas da Rádio Nacional ajudaram a tornar possível o sonho de JK e de toda uma geração de candangos. O foco deste trabalho foi reconstituir a história da televisão na capital federal por meio de entrevistas com os profissionais e os telespectadores que participaram desse momento. Pessoas que ajudaram na construção e na consolidação das primeiras emissoras nas duas primeiras décadas. Eis uma missão inesquecível para todo aquele que se desafia em contar mais dessa história, de inesgotáveis possibilidades. É bom chegar ao “fim” e verificar o quanto ainda se tem para contar.

9. Referências

Livros

DUARTE, Jorge, BARROS Antônio. *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FILHO, Daniel: *O Circo Eletrônico, fazendo TV no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GADAMER, Hans-George: *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*: Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOMES, Pedro Gilberto: *Comunicação Social: Filosofia, ética, política*: São Leopoldo, RS: Unisinos, 1997.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo, parte I. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES, Fernando, *Chatô: o rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand, um dos brasileiros mais poderosos do século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

PALMER, Richard: *Hermenêutica. Tradução de Maria Luíza Ferreira*. Lisboa. Edições 70, 1969.

RIBEIRO, Dílson. *O repórter e o Estadista*. Brasília. Projecto Editorial, 2002.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado*. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

Jornais

Hora de Brasília, publicado em 7 de julho de 1957. Brasília (DF).

A voz da Serra, publicado em 4 de agosto de 1957. Friburgo (RJ).

Endereço Eletrônica

<http://www.museudatv.com.br/biografias/Cid%20Moreira.htm>, acessado em 7 de maio de 2009.

Entrevistas

CELSON CARLOS BATISTA DE OLIVEIRA. SQN 316 Bloco E apartamento 314, Asa Norte, Brasília, DF, 10 de março de 2009, às 16h.

EDILMA NEIVA IBIAPINA. SHIN QI 06 Conjunto 2 casa 6, Lago Norte, Brasília, DF, 07 de março de 2009, às 12h.

HEITOR HUMBERTO DE ANDRADE. Conjunto Nacional Brasília (CNB), 5º andar, sala 5024, Asa Norte, Brasília, DF: Clube dos Pioneiros de Brasília, 03 de março de 2009, às 17h.

JACKSON DE SENA SILVA. SEPN 707/907 Bloco 12 sala 12.030, Campus do UniCEUB, Asa Norte, Brasília, DF, 17 de março de 2009, às 18h.

JOSÉ ADIRSON DE VASCONCELOS. SCLN 408 Bloco A, subsolo, s/n. Asa Norte, Brasília, DF: Vasconcelos Advogados, 20 de fevereiro de 2009, às 14h30.

JOSÉ WILSON FERREIRA IBIAPINA. SHIN QI 06 Conjunto 2 casa 6, Lago Norte, Brasília, DF, 07 de março de 2009, às 10h.

ROOSEVELT DIAS BELTRÃO. Conjunto Nacional Brasília (CNB), 5º andar, sala 5024: Clube dos Pioneiros de Brasília, Asa Norte, Brasília, DF, 03 de março de 2009, às 15 horas.

SOPHIA WAINER. SQS 112 Bloco A apartamento 503, Asa Sul, Brasília, DF, 17 de março de 2009, às 15h30.

VALDÍVIA SIQUEIRA BEAUCHAMP. SQS 313 Bloco J apartamento 202, Asa Sul, Brasília, DF, 14 de março de 2009, às 10h.